Uma NOVA MANEIRA de VIVER

J. KRISHNAMURTI

DO MESMO AUTOR:

O Egoísmo e o Problema da Paz.
O Mêdo (Segunda edição)
Autoconhecimento (Primeira edição) esgotada.
A Luta do Homem (Primeira edição) — esgotada.
A Finalidade da Vida.
Que o Entendimento seja Lei.
Palestras no Brasil.
Palestras no Chile e México.
Palestras no Uruguai e Argentina.
Idem em Ommen — 1936.
Idem em Ojai — 1936.
Idem em Nova Iorque, Eddington e Madrasta — 1936.
Acampamento em Ommen — 1937/8.
Adyar, Índia — 1933/4.
Auckland — 1934.
Ojai e Sarobia — 1940.

NOTA: Os originais em inglês das obras acima encontram-se a venda na séde da Instituição Cultural Krishnamurti, à Avenida Rio Branco, 117, sala 203 — Rio de Janeiro. Tel. 52-2697.

J. KRISHNAMURTI

Uma Nova Maneira de Viver

TRADUÇÃO DE
HUGO VELOSO

Editada pela
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Avenida Rio Branco, 117, sala 203
Rio de Janeiro (Brasil)
1950

I

Como vou falar por muitos domingos consecutivos, acho que será melhor desenvolver com todo o cuidado e vagar as idéias que tenho para apresentar. Procurarei expor as minhas considerações com a maior clareza possivel, nesta e nas palestras dos próximos domingos.

Estamos, a maioria de nós, habituados a ouvir conferências, mas eu espero que não sejam reduzidas as presentes palestras ao nivel de simples conferências, a que assistis e que, posteriormente, nenhum efeito têm em vossa vida prática. Espero-o, porque reconheço que o mundo se encontra atualmente num caos e numa confusão de tais proporções, numa tensão tão extraordinária e catastrófica, que se requer uma nova maneira de ver, uma maneira revolucionária de pensar nos problemas que diàriamente nos assediam. Parece-me, por isso, importantíssimo que nós, que todos nós compreendamos a crise que nos circunda. Verbalmente, estamos bem cônscios de que há uma catástrofe. Lemo-lo nos jornais e revistas. As pessoas com quem conversamos apontam-nos a iminente catástrofe. Se observardes com mais atenção, vereis que há caos e confusão no mundo politico e que os próprios chefes estão confusos. Isso acontece não sòmente aqui, mas por tôda parte. Ao falar de catástrofe, não me refiro ùnicamente à catástrofe hindu. A Índia é apenas uma parte do mundo e, por conseguinte, considerar o problema hindu como o único problema parece-me desproporcionado, e é darlhe um relêvo artificial, que êle não tem. Trata-se, pois, de um problema mundial, e devemos conside-

rá-lo no seu aspecto geral, e não no particular. Precisamos ver a situação integral e não uma parte dela, sòmente, e a nossa dificuldade consistirá em ver o todo, em vez de apenas a parte. Porque estamos rodeados pelos nossos problemas nacionais, imediatos, desejamos compreendê-los, mas, para os compreendermos, parece-me necessário que os estudemos, não de um ponto de vista particular, mas procurando compreender a crise geral que nos envolve. Estou sempre a dizer que há uma crise em nossa vida, em todos os seus aspectos: físico, religioso, social e educacional. Pòlìticamente, é bem evidente que não há solução pelo nacionalismo, pela divisão dos povos e pelos governos separados. Vemos que é o contrário disso que está acontecendo. Tínhamos fé na Liga das Nações, que falhou, e assistimos agora ao rápido naufrágio da O. N. U. Recorremos, assim, aos guias, na esperança de que resolvam os nossos problemas.

No terreno religioso, dá-se a mesma coisa. Pode-se quase dizer que a religião falhou. As religiões organizadas, em tôdas as partes do mundo, quer o cristianismo, quer o hinduísmo ou o budismo, nada de positivo nos podem oferecer para remediar esta enorme catástrofe. E não é uma catástrofe temporária, uma catástrofe passageira, esta, não é uma dessas crises econômicas, como a de 1929 e várias outras comoções sociais do passado. Uma catástrofe como a atual acontece mui raramente. É uma catástrofe no mais alto grau, e se tivésseis ocasião de conversar ou discutir com numerosas pessoas, descobriríeis que a presente catástrofe não pode ser comparada com nenhuma anterior. Talvez tenha havido uma ou duas catástrofes semelhantes, mas agora, os valores fundamentais foram destruídos e é necessário criar novos valores. Se sois estudiosos da história, basta consultá-la para descobrirdes que

houve apenas uma ou duas catástrofes tão descomunais como a presente.

É necessário considerarmos o homem como um todo: psicológica, sociológica e econômicamente. Tudo está inseguro, e esforçamo-nos por resolver o atual problema no nosso próprio nível especial. Isto é, o economista procura resolver o problema econômico no seu próprio nível, no seu próprio plano, e por isso nunca encontrará solução alguma. A seu turno, o político tenta resolvê-lo no seu próprio nível, e nunca o conseguirá, porque a crise econômica, a crise política, os vários problemas que nos rodeiam todos os dias, precisam ser resolvidos num plano diferente e é aqui que acho necessária uma revolução. Sendo, pois, extraordinária a presente crise, procura a maioria resolvê-la por meio de fórmulas, por meio de sistemas, quer da extrema esquerda, quer da extrema direita. Temos uma fórmula, da esquerda ou da direita, ou mais ou menos do centro, e procuramos aplicá-la para resolver a dificuldade. Não é assim? Se sois socialista, tendes a vossa fórmula, e com ela vos acercais do problema e tentais resolvê-lo. Mas, deveis notar que com uma fórmula só é possível resolver um problema estático, mas não há problema estático, uma vez que todo problema está sujeito a numerosas influências e fatôres e, por isso, a modificar-se continuamente. Conseqüentemente, não há fórmula que possa resolver um problema dinâmico. Entretanto, é justamente isso que queremos fazer. Tanto a esquerda como a direita esforçam-se por resolvê-lo dentro dos moldes de certas fórmulas, certas idéias ajustadas a determinados padrões. Mas as fórmulas nada podem resolver. Os sistemas nunca resolveram coisa alguma, nunca promoveram uma revolução. Tôda revolução tem sido impulsionada pelos pensadores de capacidade cria-

dora, e não por meros seguidores. O que se requer, pois, na época atual, não é uma fórmula nova, um sistema novo, seja da direita ou da esquerda; o que se requer é uma maneira diferente de considerar o problema. Isso é o que mais importa. Se tendes um problema o que importa é a maneira de considerá-lo. Se vos acercais do problema com uma mentalidade fixa, com idéias "padronizadas", não será possível resolvê-lo, porquanto o problema não é estático. O problema modifica-se continuamente, e parece bem clara a impossibilidade de ser resolvido com o emprêgo de meras fórmulas, e espero que também para vós seja óbvia essa impossibilidade, quando eu estiver a concluir a presente série de palestras.

Para mim, o que verdadeiramente importa é que cada um de nós procure resolver êste problema, em vez de confiá-lo aos guias. Êste problema, esta catástrofe exige, não um pensar estático, porém um pensar revolucionário, não baseado em ideologia alguma, seja do hinduísmo, do nacionalismo, ou do capitalismo. O problema exige modificação do nosso pensar. Nessas condições, assume a mais alta importância a maneira de considerarmos o problema. O "como" é mais importante do que a "ação". Conseqüentemente, é mais importante sabermos "como" enfrentar a catástrofe, do que sabermos o que fazer para afastá-la. Êsse "como" só é compreensível se somos capazes de estudar o problema através de nós mesmos, e não através de fórmulas. Isto é, visto tratar-se de uma catástrofe mundial, requer-se uma mente capaz de estudá-la sem preconceito algum. Não podeis estudá-la como brâmane, muçulmano, cristão, ou budista. Porque assim procedemos no passado, fizemos nascer a crise atual. Por causa da tradição e outros absurdos existentes em nosso meio, demos origem a êste

problema, e se o considerarmos com a mesma mentalidade, não poderemos esclarecê-lo, nem compreendê-lo, mas, sòmente, alimentá-lo. Estamos como que à beira de um abismo, com a mente cheia de preconceitos — preconceitos adquiridos através de séculos de divisão comunal e social, divisão entre ricos e pobres, divisões entre fórmulas, entre grupos religiosos organizados, etc. Foi isso o que nos arrastou à aterradora miséria e confusão atual. Se desejamos compreender o problema, precisamos afastar-nos do precipício e aplicar-lhe (ao problema) tôda a nossa atenção. Permanecendo à beira do precipício, não poderemos resolver o problema. Pelo contrário, precisamos abandonar completamente tôdas as causas que nos trouxeram a esta situação, e observar o problema a distância, e aí é que reside nossa dificuldade. Estamos cônscios da catástrofe, conhecemos as causas sociológicas das guerras passadas e futuras. Os preparativos para a terceira guerra vão-se desenvolvendo, com maravilhosa habilidade, e tanto vós como eu sabemos que isso representa a borda do precipício. Não creio que a Índia possa escapar. Os mais de nós bem compreendemos quanto é grave a situação geral. Tudo isso vem nos jornais e nós o lemos, mas a nossa atenção é desviada pelas nossas necessidades, prazeres e sofrimentos imediatos. Entretanto, a catástrofe é gravíssima e, por essa razão, se desejamos salvar alguma coisa, cumpre-nos tomar uma atitude muito séria e lamentar os absurdos da divisão de classes e coisas semelhantes. Se o problema nos parecesse realmente grave, trataríamos de atendê-lo. Se tivésseis dor de dentes, logo faríeis alguma coisa. Mas esta dor é muito mais intensa e acabrunhadora do que uma dor de dentes. É mais contínua, mas distanciada, e esta é a razão da nossa inércia. Voltamo-nos para os guias, os

"gurus", as fórmulas, os sistemas, etc.; voltamo-nos para Moscou ou Washington. Estamos, pois, à beira do abismo, e temos de enfrentar a situação.

Esta catástrofe foi criada por cada um de nós. Estamos confusos dentro em nós, e essa confusão se manifesta exteriormente. Assim, pois, cada um, muçulmano, hindu, budista, cristão, é responsável por tôda esta angústia. A ela não podem eximir-se nem o capitalista nem o socialista, porque todos são responsáveis. Visto que provocámos a catástrofe, cada um de nós é responsável, e tem de enfrentá-la. É isso o que se chama promover uma nova maneira de pensar, uma nova maneira de ver, e, por conseqüência, releva compreender-se a extraordinária importância de cada indivíduo, na época atual. Mas é necessário distinguir entre indivíduo e ação individualista. É individualista a ação, quando o indivíduo atua como parte e não como um todo. Isto é, quando o indivíduo pensa em têrmos de poder, de ambição, de posições, está procedendo *individualìsticamente*. Foi isso que acarretou a presente crise. Quando, porém, o indivíduo atua como uma entidade integral, isto é, *individualmente*, os seus atos têm então imensa significação. Iremos desenvolvendo êste ponto, progressivamente, nas nossas palestras domingueiras.

O que nesta tarde desejo fazer é apresentar-vos, com a possível concisão e simplicidade, a formulação de algumas dessas idéias. Como já disse, uma vez que o indivíduo está confuso, todos vós estais confusos. Uma vez que cada um de vós, como indivíduo, está confuso, não pode deixar de espalhar a confusão. Vosso Estado, vosso govêrno, vossa religião, tudo isso está necessàriamente confuso, porque vós sois o Estado e vós criais a vossa Sociedade. A sociedade exprime a relação entre dois indivíduos, e a sociedade daí resultante tem a mes-

ma avidez, o mesmo desejo irrefreável de poder, e tudo o mais. A confusão reside, portanto, em nós e se projeta, em atos, no mundo, e por essa maneira criámos a crise mundial. A guerra não passa, afinal de contas, de um resultado externo e espetacular de nossa vida cotidiana. Nessas condições, se não transformarmos nossa vida diária e não nos responsabilizarmos por ela, não superficialmente, porém de maneira fundamental, real e profunda, não há escapar ao caos que se aproxima. Conseqüentemente, para mim, a importância do indivíduo é suprema, mas não do indivíduo em oposição à sociedade, ao todo. Julgo necessária tôda a clareza a êste respeito. Ao considerarmos o indivíduo e sua função na sociedade, devemos apreciá-lo como um todo, e não só a sua atividade individual, que pode ser anti-social. O problema atual é universal. Êle é idêntico na América, na Europa, e em Damasco. Já ouvi dois sírios a conversar, em francês, sôbre êste problema, do mesmo modo como vós e eu aqui conversamos. Já que vós e eu fizemos nascer esta catástrofe, devemos assumir a responsabilidade dela, porque nenhum guia, nem "guru", nem político, nem instrutor, irá salvar-nos. Tratando-se de um problema vital e sujeito, portanto, a constante modificação, não há fórmulas capazes de resolvê-lo.

O que se requer, pois, é o pensar correto. O pensar correto não é uma fórmula. Não se baseia em sistema algum. O pensar correto só existe quando existe autoconhecimento, quando o indivíduo compreende a sua posição como um todo, e aí, precisamente, é que encontramos a maior dificuldade. Para compreender-se uma coisa, requer-se intensidade, uma intensidade intelectual fora do comum. Vosso estudo vai constituir a mais difícil das tarefas, porquanto não estais habituados a pensar

como um todo, mas sòmente como parte. O pensar correto é a solução para o presente caos, mas êle não nos virá através de fórmula alguma nem pela obediência a outro indivíduo. O pensar correto só é possível com o autoconhecimento, i.e. o conhecimento de nós mesmos. Para conhecerdes a vós mesmos, é necessário que vos estudeis. Se um individuo deseja compreender a si próprio, deve abster-se de condenar. Se desejais compreender uma coisa, não deveis compará-la com outra; precisais estudá-la isoladamente. Se a desejais compreender, não deveis julgar, nem condenar, nem identificar-vos com ela. Se desejais compreender, e começais a condenar, sustais de todo o processo da compreensão. Se desejais compreender a vós mesmos, tendes de estudar o vosso processo (que, no seu tôdo, tanto é fisiológico como psicológico), estudá-lo sem condenação, o que é extraordinàriamente difícil. Não sei se já tentastes ou experimentastes com vós mesmos, para ver até que ponto sois capazes de compreender-vos.

O indivíduo religioso dir-se-á deus, e o da extrema esquerda dir-se-á um simples feixe de reações. Chegaram ambos a conclusões e puseram fim ao pensar real; suas ações não se baseiam no pensar correto e não resultam, portanto, do autoconhecimento. Não é possível autoconhecimento, quando há critério de condenação ou identificação. Em outros têrmos: as relações com um ou com muitos são um processo de auto-revelação por meio do autoconhecimento. Só o pensar correto pode criar uma nova ordem de valores, para substituir integralmente a falsa ordem, o que não significa substituir os valores antigos por fórmulas novas, mas, sim, por valores descobertos por vós mesmos, valores que não recebestes de um "guru", de um guia político, de um "swami", desta ou daquela pessoa,

mas, sim, que vós mesmos descobristes pelo auto-conhecimento. É no presente que existe o pensar correto, que resolverá o caos mundial, e isso significa que tendes de abandonar a vossa base e tornar-vos um foco de pensar correto. Foi isso o que sempre aconteceu nas épocas em que o mundo se encontrou diante de crises semelhantes. Houve uns poucos que, percebendo a confusão e a impossibilidade de alterar a catástrofe, se retiraram e se constituíram em grupos. Quem irá hoje em dia dar-se ao incômodo de acalmar a própria agitação, para pensar, com a máxima seriedade, no problema geral? Os que estudam, estudam por uma fórmula, limitados por condicionamento. Mui poucos existem que estudam o caos, prescindindo de um sistema, sem estar condicionados, e êstes é que serão os salvadores, porque terão a capacidade de criar, e eu espero que, durante as semanas vindouras, possamos aplicar-nos realmente a sério ao descobrimento dêsse pensar criador, o que vem a ser o real descobrimento da verdade, mas essa criação não pode ser reduzida a fórmula. Que é criação? É, acaso, meditação profunda e auto-renúncia, como o entende a maioria de vós? Pelo fato de criarmos uma imagem e vivermos nessa imagem, não significa isso ser Deus. Chamamos a nós a Realidade, mas a Realidade não pode ser chamada. Ela deve de vir por si. Para que venha, é necessário um sentir adequado, quer dizer, é necessário que a mente abandone tôdas as coisas conhecidas, o que representa tarefa dificílima; mas, sem aquela Realidade, será inútil tudo quanto fizermos, à beira do precipício. É minha intenção, pois, durante esta série de palestras, estudar conjuntamente com aquêles que têm real interêsse e ajudá-los a sentir diretamente a Realidade criadora.

Para êsse fim, será necessário realizarmos dis-

E, visto que o homem não depende sòmente do pão, mas de fatôres mais profundos, se não estudarmos e compreendermos êsses fatóres, será impossível organizar-se a distribuição de alimento, de roupas e morada para todos. Portanto, que interessa mais? Esta pergunta é, por certo, muito importante. Que interessa mais, é o pão ou são aquêles sutis fatôres ocultos, aquêles fatôres predominantes capazes de organizar a distribuição do pão? Que vos interessa mais? Sem dúvida, interessa-vos mais que haja um verdadeiro desejo de prover alimentos, vestuário e morada, do que alguma fórmula admirável ou um credo qualquer. O fator psicológico é, portanto, mais importante que o pão. Não o estou afirmando dogmàticamente. Poderemos apreciar melhor este ponto durante as semanas vindouras. Se nos cingirmos a uma fórmula qualquer, com tudo o que ela implica, então, como a história já o tem provado repetidamente, nenhum resultado advirá.

Afinal de contas, que é o Estado? Que é govêrno? O Estado representa as relações entre os indivíduos. Se as nossas relações se baseiam na avidez, na competição, etc., teremos um Estado que nos representará exatamente como somos. Êste é um fato òbviamente simples. Não precisais de ler a história para o verificardes. E, se não pomos o nosso principal interêsse no fator mais importante, e nos deixamos atrair por fatôres de importância secundária, como poderemos alcançar bom êxito? Dar preferência a uma coisa de importância secundária, desprezando os fatôres mais importantes, é criar confusão, o que corresponde, talvez, aos interêsses daqueles que ambicionam o poder.

Assim, pois, para que se possa criar um Estado feliz para o homem, i.e., para vós e para mim, que não vivemos ùnicamente de pão, é necessário

compreendermos os fatores psicológicos, as complexidades existentes em cada um de nós; e devemos, ao mesmo tempo, libertar-nos de influências condicionadoras, tais como a ambição de poder. Sem compreensão de tudo isso, torna-se impossível organizar a distribuição de pão. Nessas condições, sem transformação do indivíduo, não haverá felicidade para o homem, e se não desejais modificar-vos, é porque, então, tendes interêsses na religião, na propriedade, nos ideais, etc. Uma vez que tendes tais interêsses e não podeis ser abalados, o da extrema esquerda brada: "É preciso destruí-los". O que importa em tudo isso é que se considere cada problema como um todo, não como parte, para tentarmos então resolvê-lo. Parcialmente, nunca se pode achar solução alguma; só a achareis com a compreensão do problema como um tôdo.

PERGUNTA: *O Mahatma Gandi e outros acreditam ser chegado o tempo de se unirem e organizarem os homens de boa vontade, os justos, os sábios, a fim de dar combate à crise atual. Não vos estais eximindo a êsse dever, tal como está fazendo a maioria dos nossos guias espirituais?*

KRISHNAMURTI: É evidentemente necessário se unam todos os homens de boa vontade do mundo. Nem é preciso dizê-lo. Mas, de que maneira poderão êles unir-se? Desejamos fazer alguma coisa, de maneira fundamental, porém pacificamente. Cabe-nos fazer alguma coisa, visto que temos bôas intenções. Mas, individualmente, os bem intencionados têm por igual as suas fórmulas. Desejam proceder por uma certa maneira, para, depois, nós começarmos. E descobrimos, então, que não é possível prosseguirmos. Os homens de boa vontade não devem ter fórmulas. Devem estar aci-

ma das fórmulas e não fazer parte de sistema algum. E aí é que encontramos a dificuldade. Antes de tudo, eu não confio em guias. A própria idéia de guiar uma pessoa parece-me anti-social, anti-espiritual, e desejo explicar a minha posição com relação a essa idéia.

Em primeiro lugar, como já disse nesta palestra, tôda atividade à beira do precipício só poderá gerar mais confusão, pela razão mesma de estarmos à beira do precipício, de estarmos em confusão. Nenhuma ação nascida da confusão pode dar bons resultados, mas sòmente aumentar a confusão. Nessas condições, o que podemos fazer é afastar-nos da confusão, i.é., da confusão que reina em nós mesmos. E é isso o que estou fazendo; estou a afastar-me da confusão política, espiritual e psicológica, e dando a mão àquêles que também desejam afastar-se dela. Mas, para que possamos compreender a confusão, é necessário que a estudemos, e isso requer intensa atividade pensante. Por certo, não está fugindo aos seus deveres quem assim procede. Como podemos agir, se estamos em confusão? Como podemos dar claridade, se estamos cegos, e como podemos guiar alguém? Ao compreender que está cego e confuso, deve um homem primeiramente libertar-se da confusão e dos laços que o estão prendendo e cegando. Agir, privado da claridade, é criar maiores infelicidades, e a idéia de seguir um guia é realmente importante. A idéia de recorrer a um guia deve ser compreendida inteiramente. Temos sido guiados, social, econômica e religiosamente, pelos nossos mentores. Podeis perguntar, negativamente: "Mas, se não fôssem êles, em que condições teríamos ficado?" — Não é importante esta pergunta? O fato de estarmos sendo guiados não é indicativo de nossa incapacidade de pensar por nós mesmos, de viver

justamente, por nós mesmos? Precisamos de outra pessoa para nos indicar a maneira de agir, a maneira de pensar. Em outros têrmos, a base do nosso sistema de educação é ensinar *o que* devemos pensar, e não ensinar *a pensar*, e por isso necessitamos de guias. Mas eu asseguro que o caos atual não exige novos guias. O que êle exige é coisa totalmente diferente, isto é, que cada indivíduo se torne uma luz para si próprio e não dependa de pessoa alguma. E isso requer muito esfôrço e compreensão por parte de cada um de nós. São muitos os homens de boa vontade neste mundo. Se apurarmos os fatos, até nós, vós e eu, somos homens de boa vontade, às vêzes. Desejamos viver pacificamente, no mundo, mas estamos sob o jugo de numerosas influências e condições, e urge libertarnos delas. Isso, naturalmente, depende de cada um de nós, e não de outra pessoa. Urge compreender-se que os homens de boa vontade precisam também estar livres de condicionamento, livres do comunalismo e das idéias nacionalistas. É necessário deixem de ser nacionalistas. É necessário deixem de pensar como brâmanes, muçulmanos, cristãos, etc. Não devem estar munidos de fórmula alguma. Porque é isso que está a impedir a nossa união. Se sois hindu, desejais exprimir a vossa boa vontade nos moldes do hinduísmo, e onde vos levará isso? O mesmo se pode dizer do cristão, do maometano, etc. Eis-nos, pois, de volta ao problema, que é muito mais difícil do que superficialmente parece.

É indubitàvelmente necessário se unam os homens de bôa vontade, mas, por infelicidade, êles não o fazem, sujeitos como estão ao condicionamento impôsto pela sociedade, e por essa razão eu digo que devemos libertar-nos de tais condicionamentos, e adotar novas normas de pensar. E é a vós que compete começar, e não ao guia ou aos ho-

mens de bôa vontade. Vós é que tendes de viver com o vosso próximo, e não o guia.

O mais importante, em tôdas estas questões, assim me parece, é o fator principal; não devemos ficar confusos com problemas secundários. O fator principal sois vós, e não outra pessoa. Porque nos rendemos ao "guru", ao guia político, a uma teoria qualquer, criamos em nós mesmos um estado de confusão. Porque uma teoria pode ser substituída por outra, e um guia pode ser substituído por outro, ficamos em confusão. Os intelectuais falharam. Também falharam as suas teorias, e se ficarmos a depender de chefes ou guias, mergulharemos, mais fundo, ainda, na aflição, arrastando conosco tôda a humanidade. É extremamente difícil resistir aos absurdos a que nos submetem os guias, porque somos indolentes e esperamos que outro resolva o nosso problema. Releva, portanto, compreendermos que não é outra pessôa, mas somos nós mesmos os responsáveis por tôda esta angústia, e que nenhum guia será capaz de nos transformar. Para compreender-se isto, requer-se um esfôrço extraordinário, mas estamos a desperdiçar energias por tantas maneiras absurdas, que não nos é possível aplicar-nos inteiramente à solução do problema.

PERGUNTA: *Muitos jovens já me têm dito: "Sentimo-nos frustrados; não sabemos o que fazer na crise atual. Os nossos chefes são incapazes de guiar-nos, porque também êles estão confusos. Tínhamos tanta esperança na independência política e no acôrdo com a Liga Muçulmana".*

KRISHNAMURTI: Há muitas questões encerradas nesta pergunta. Consideremo-las, pois, uma

a uma. Em primeiro lugar: sentimo-nos frustrados. Sabeis o que significa frustração. Desejais uma coisa e não a obtendes; sentis-vos derrotados, e com a impressão de que vos impediram de a obter. Desejais um emprêgo, não o conseguis, e sentis-vos frustrados. Desejais desposar uma dama, não o podeis, e vos sentis frustrados, impedidos ou preteridos. Ambiciono poder e posição, sou contrariado, sinto-me derrotado, e uma barreira se ergue entre mim e o objeto de minhas ambições. Antes de dizerdes que vos sentis frustrados, deveis verificar se há algum momento em que estejais livres de frustração. Nas condições atuais, ainda que alcanceis o que desejais, ficareis sempre a desejar alguma coisa mais. Há, portanto, frustração constante. Porquê há vácuo em vós mesmos; sentis-vos vazios — econômica, psicològicamente, e espiritualmente vazios. Julgais possível preencher o vosso vácuo com a obtenção do que desejais. Mas, se atentardes bem, descobrireis que jamais podereis preencher êsse vazio. Já o tendes tentado, pelo estudo acurado, pela ciência, por vários meios de destruição, pela obediência aos "gurus". Mas, não podendo preencher o vazio, sentis-vos frustrados. Isso é um fato psicológico.

Mas, que é êsse vazio? Já o examinastes alguma vez? Para o compreenderdes, é preciso que abandoneis as tentativas de o preencher. Tentar enchê-lo equivale a querer encher um balde furado. O líquido estará sempre a vazar, e nunca se encherá o balde, e consideraríeis desequilibrado o homem que tentasse enchê-lo.

É no próprio problema que está contida a solução, e não fora dêle. Assim sendo, se compreendêssemos a frustração e tôdas as suas conseqüências, tôdas estas questões poderiam ser resolvidas por maneira relativamente simples.

"Nossos chefes são incapazes de guiar-nos, porque também êles estão confusos". É o mesmo problema. Quem é que cria o chefe, o guia? Vós o criais, porque desejais alguém que vos diga o que deveis fazer. Porque temos preguiça de pensar para descobrirmos o de que necessitamos, preferimos que outro no-lo diga. E êsse outro se torna, psicològicamente, o vosso amo, e visto que vós estais confusos, êle também fica em confusão. Projetamos no exterior a nossa confusão, e quando vemos o chefe confuso, culpamo-lo. É sempre a outro que culpamos; nunca a nós mesmos.

"Tínhamos tanta esperança na independência política e no acôrdo com a Liga Muçulmana." Acreditais que pela separação é possível achar-se qualquer solução? Abandonai essa idéia. A situação explica-se da seguinte maneira: Se permitis a guerra, que é o mal maior, os males menores virão no seu rastro. Se admitis a divisão entre os povos, entre os grupos, entre os brâmanes e os demais, criais maior confusão, e qualquer acôrdo baseado em separações entre pessoas não representa solução de espécie alguma. Isso já se tem confirmado mil vêzes, na história, e contudo continuamos a fazer a mesma coisa.

Se considerardes atentamente todos êstes problemas concernentes à distribuição de alimentos, aos homens de boa vontade, e à frustração, vereis que todos estão estreitamente relacionados entre si. Não percebíamos esta correlação, porque estávamos tentando resolver cada problema separadamente, no seu próprio nível. A única solução para o conflito e a confusão é, afinal, a Verdade, que liberta. Para fazerdes vir a vós a Realidade ou a Verdade, é necessário que estejais livres de todos os vínculos. Não sòmente dos vínculos sutis e dos vínculos visíveis, mas também do nacionalismo,

do comunalismo, etc. Se trabalharmos com êste empenho, faremos nascer a claridade dentro em nós.

22 de Outubro de 1947.

II

Temos uma matéria muito difícil de estudar, para chegarmos à compreensão de nós mesmos. E sendo matéria tão difícil, requer-se muita paciência, e que não saltemos a conclusões. É necessário muito estudo e paciente compreensão, análise escrupulosa e senso de desapêgo, o que não significa desapego intelectual, porém observação da realidade. Assim sendo, se estais dispostos, empreendamos juntos esta jornada, para a compreensão do problema da vida, e, em caminho, façamos juntos as nossas descobertas. Seria mais interessante pensarmos juntos, mas, como somos muitos, torna-se impossível trocarmos idéias e discutí-las. Procurarei, entretanto, nestas palestras dominicais responder a quantas perguntas fôr possível, de modo que nada fique por esclarecer, e possamos compreender todo êste complexo problema que chamamos a vida. Assim, pois, durante a jornada, abstenhamonos de condenar ou tirar conclusões, as quais tirareis quando estivermos a aproximar-nos do fim, mas, por enquanto, não.

Porque estamos muito chegados ao problema, não sabemos ainda a maneira de observá-lo. Visto estarmos muito aproximados de problemas tais como a pobreza, a guerra vindoura, etc., somos incapazes de observá-los com exatidão, de estudá-los e compreendê-los verdadeiramente. Não saltemos, pois, a conclusões. Vou apenas pintar-vos um quadro e, embora seja eu quem o pinta, êle também é vosso, uma vez que estais estudando a vida, a vida que se vive na Europa, na Rússia, no Japão, na China caótica, ou na América mais ou menos

ordeira. Vamos estudá-la no seu todo, e se quisermos estudá-la por maneira sensata, não pode haver conclusões, porquanto no momento em que concluímos, fazemos parar o pensamento. Não estou aqui para vos dar idéias, porém, pelo contrário, aqui estou para discutir juntamente convosco, com seriedade e interêsse, se possível, o problema da vida. Estamos já muito habituados a ouvir a palavra dos guias, a assistir a discussões, sendo por isso de lamentar a dificuldade que há em discutirmos, sem saltarmos a conclusões ou procurarmos descobrir os ocultos propósitos do orador. Não tenho propósitos ocultos, porém, antes, desejo expor uma coisa que é vossa e não minha, e desejo descrever algo que é verdadeiro.

Como a vida não tem um aspecto só, não devemos em tempo algum chegar-nos a ela por uma única via, quer intelectual, quer emocional. Isso porque, se encarecemos um só aspecto ou uma só via, perderemos o conjunto do quadro, e o que nós queremos é compreender o quadro na sua inteireza. Se temos um quadro à nossa frente e nos pomos a estudar-lhe um canto, sòmente, perderemos de certo o seu conjunto. Se sois economista, e observais a vida do ponto de vista econômico, apenas, não podereis ver o quadro todo. O mesmo acontece, se sois socialista, comunista, capitalista, etc.. Sendo assim, ainda que estejais especializados em filosofia, economia, leis, etc., deixai de lado essas coisas, pelo menos por ora, uma vez que é no problema todo, e não apenas numa parte dêle, que se encontra a solução. Quanto mais particularizarmos, tanto mais contribuiremos para a nossa destruição. Isso é um fato biológico. Os animais que "especializaram", (1) pereceram. Nessas condições,

(1) **Especializar** (biologia): criar novos órgãos para fins especiais.

uma vez que o nosso problema não é um problema específico, observemo-lo de todos os pontos de vista. Mui poucos homens são capazes de contemplar uma tela e apreender-lhe todo o significado, e êstes é que são os verdadeiros salvadores, e não os especialistas.

A vida é um problema muito complexo, e deve, como tal, ser estudada de maneira muito simples. Uma criança, por exemplo, é uma entidade sobremodo complexa: entretanto, para compreendê-la, necessitamos de uma mente simples. Ao contemplardes um bom quadro ou um belo pôr de sol, se os comparardes com outros quadros ou outros ocasos, não compreendereis o quadro ou o pôr do sol. Idênticamente, a vida é muito complexa, e se constitui de pensamento, sentimento, manutenção da subsistência, relações mútuas, investigações da verdade, etc.. Por tanto, para compreendermos a vida, necessitamos de uma mente extraordinàriamente simples, o que não significa uma mente débil, porém muito simples, uma mente que veja cada coisa diretamente, tal como é, e não interpretada de acôrdo com os próprios desejos. Esta é uma das nossas dificuldades: estudar por maneira simples o complexo problema da vida. Para compreendermos e estudarmos com simplicidade, cumpre fazer a nós mesmos esta pergunta: Qual é a nossa relação com êste problema, com êste caos e degradação que nos rodeiam, esta luta de homem contra homem, de idéias contra idéias, êsse desespêro geral? Talvez não sintais êsse desespêro, aqui, mas na Europa êle se faz sentir mortalmente, porque, lá, se pode ver como tudo falhou: a educação, a religião, um sistema depois do outro, tudo ruiu.

Como devemos, pois, considerar êste caos, esta terrível confusão? De que maneira começaremos a pôr ordem neste caos? Onde começarieis? É cla-

ro que em vós mesmos, uma vez que a vossa relação com o caos é direta. Não lancemos a culpa a uns poucos chefes dementados. Como vós e eu criámos êste caos, precisamos, a fim de promovermos a ordem, começar em nossa própria casa, isto é, em nós mesmos. Não devemos começar com um sistema; não devemos começar com uma idéia; não devemos começar com uma revolução; não devemos começar com uma teoria. Devemos começar com nós mesmos, porque nós é que somos responsáveis por nós mesmos. Sem nós, o mundo não existe e, portanto, nós somos o mundo e somos o problema. Isso não é uma teoria intelectual, porém um fato. Não vos apresseis em afastar êste fato, pois isso em geral representa uma das nossas maneiras de fugir, um dos habilidosos meios de que nos servimos, para nos livrarmos dêle. Porque, quando o consideramos diretamente, tudo o que sentimos e fazemos assume importância vital, mas, como não gostamos de o encarar diretamente, dizemos "passemos adiante".

Sendo, entretanto, um fato incontestável que nós somos o mundo e que nós criámos esta confusão, é ùnicamente em nós mesmos que está a salvação, e não em outra coisa qualquer, e esta é a base de tudo quanto vou dizer com respeito a êste problema. O problema não está fora de vós; para o compreenderdes, deveis de compreender a vós mesmos. Embora pareça muito simples, isso é extremamente complexo. Se todo indivíduo observasse adequadamente e sem rigor, sem condenação e exploração, reinaria a paz no mundo. O problema, pois, está sob vossa responsabilidade, mas vós vos tendes furtado a essa responsabilidade. No momento em que reconhecerdes a confusão em que estais, sereis obrigados a agir positivamente, vigorosamente; mas nós não desejamos agir positiva-

mente, e por essa razão recorremos ao guia e a um sistema qualquer. Nessas condições, pois, nestas minhas palestras o único ponto de partida, o único ponto essencial, sois vós mesmos.

Por várias razões, encobrimos a nossa responsabilidade; foi ela posta de lado, alijada, ocultada, dissolvida ou submergida. O caos atual é o resultado de sistemas, tais como o capitalista, o socialista, o comunista ou o bramânico. Quer dizer, temos sistemas e fórmulas, e estas coisas são mais importantes para nós do que o indivíduo. Se observarmos com mais profundeza, verificaremos que a sociedade organizada, na qual se inclui a educação, a religião, etc., asfixiou a nossa responsabilidade individual. Tendes uma crença, e esta crença é uma mera condição a que vos submetestes, porque vos proporciona satisfação, porque vos oferece segurança na sociedade, física, psicológica e abstrativamente. Por conseguinte, quando tendes uma crença, é-vos retirada a vossa responsabilidade individual e começais a funcionar tal como uma máquina. Quando a sociedade se torna mais importante, torna-se esmagadora a importância da máquina política. Considerai, por exemplo, um partido político. Ao ingressardes nêle, vós vos converteis numa máquina partidária. Quereis impor-vos e convencer aos outros. Torna-se o partido, a organização, o sistema, mais importante do que vós mesmos, e, contudo, não o percebeis.

Considere-se, tambem, a questão da educação e instrução. Eu não sei para que recebemos instrução. Que significado tem ela? Qual a sua finalidade? Tornamo-nos advogados, matemáticos, engenheiros, químicos, etc.. Recebeis instrução para vos tornardes uma coisa, e com isso deixais de ser um indivíduo responsável, para serdes um especialista. Quanto mais nos instruímos, tanto mais condi-

cionados ficamos. Quanto mais lemos, mais repetimos. "Ensinai o povo a ler, e nunca haverá revolução", reza um ditado famoso. A par da instrução, há também o disciplinamento pelo exército, pela marinha, pela polícia, etc.. São êstes pois, os múltiplos fatôres que nos põem inconscientes da nossa responsabilidade. Funcionamos como máquinas, todos nós, porque, associados que estamos a um partido ou grupo, não temos responsabilidade alguma.

Nessas condições, para que se possa transformar êste caos e esta escuridão, precisamos começar por nós mesmos, e não pela máquina, porquanto, psicològicamente, vós sois sempre o dono da máquina ou do sistema. Partiremos, portanto, dêste ponto: Só vós tendes verdadeira importância, e não a sociedade, porquanto as vossas relações mútuas constituem a sociedade. O que pensais, sentis e fazeis é de importância suprema, uma vez que vós criais a sociedade e o ambiente.

Responderei, agora, a algumas das perguntas que me foram enviadas. Não costumo preparar de antemão as respostas a tais perguntas. Em geral, nem gosto de passar-lhes os olhos antecipadamente, pois prefiro responder de improviso, sem escolher a resposta que convém dar. A pergunta terá resposta correta, se quem a faz é sincero nas suas intenções. Se apenas fazeis uma pergunta intelectual, para me colherdes numa armadilha, podereis colher-me, mas quem sairá perdendo sois vós mesmos. Mas, se perguntais realmente a sério, tereis uma resposta séria.

PERGUNTA: *Que espécie de pensar é necessária, hoje em dia, para vivermos em paz? Podeis, ao mesmo tempo, indicar a maneira pela*

qual milhões de desempregados possam viver sem padecer fome?

KRISHNAMURTI: Para terdes paz, deveis viver pacificamente. A propriedade é uma das causas de atritos. Possuir coisas, quer seja mediante o contrôle de bens, que vos dão riquezas cada vez maiores, quer seja em relação com idéias, faz nascer atritos. Se desejais a paz, deveis viver sem avidez, visto que a avidez conduz ao nacionalismo e representa um fator de divisão. Da avidez passamos à inveja e ao desejo de tomar. Tudo isso gera a competição entre os homens. A religião organizada é também um dos fatôres que separam os homens, pois distinguimo-nos em cristãos, hindus, etc.. Tendes uma crença, eu não a tenho, e surge o atrito. Desejais converter-me, mas eu acho minha religião muito superior à vossa e mais aproximada do Supremo. Nessas condições, para têrmos a paz neste mundo, tão essencial atualmente, precisamos de ser pacíficos. Não se pode ter paz pelo comunalismo. Não se pode ter paz pelo intelecto, seja o intelecto do brâmane ou de outro de casta diferente, ou do americano, ou do alemão. Para têrmos paz neste mundo, precisamos deixar de ser ávidos. Para têrmos paz, precisamos deixar de ser brâmanes, hindus, maometanos, ou inglêses, etc..

Todos os fatôres de divisão devem ser abandonados, porquanto, biològicamente, vós e eu somos um só todo. Quando o fizermos, poderemos alimentar os milhões que padecem fome. Se o não fizermos, ficaremos a disputar, para decidir qual é o melhor sistema ou a melhor combinação de idéias. Enquanto isso, fica esquecido o homem que está a morrer de fome. Não significa isso que não nos devemos organizar, para alimentar a todos e cada um. Precisamos aprender a pensar abrangendo o

mundo todo. O cientista pode ser pôsto a trabalhar, no sentido de alimentar, vestir e prover morada para todo o mundo. Mas os cientistas são também como vós, como eu, nacionalistas. Se estais espalhando o veneno do separatismo, estais contribuindo para o desastre. Refiro-me ao separatismo não sòmente no sentido econômico, mas também no sentido psicológico — o separatismo organizado das religiões ou sociedades, etc.. Se compreendêsseis que os cientistas estão realmente no mau caminho, não procuraríeis detê-los e fazer nascer, assim, um mundo diferente amanhã? A ninguém preocupa saber o que irá acontecer daqui a quinhentos anos. Eu quero ser alimentado amanhã, imediatamente, e haveria a possibilidade de prover-se alimento, roupas e morada, se todos agíssemos imediatamente. Mas, infelizmente, a crise está distante de nós, ou, pelo menos, julgamo-la distante, e por isso não a enfrentamos. Ninguém vos dará a paz, nem Deus vô-la dará, por certo, porque não somos dignos disso. Nós criamos a confusão e temos de sair dela, mas dela não sairemos através de sistema algum.

PERGUNTA: *A prece produz mais efeito do que se imagina neste mundo. O Mahatma Gandi tem exemplificado maravilhosamente a sua eficácia, em sua vida diária. Se os homens, sem desespêro e sem interêsses materiais, erguerem seus corações a Deus, em penitente prece, a misericórdia divina porá fim à catástrofe que se abateu sôbre o mundo. Não é esta a atitude que convém adotar?*

KRISHNAMURTI: Precisamos diferençar entre a prece e a meditação. Que quer dizer prece? Em geral significa súplica ou petição. Vós rogais,

suplicais, ou pedis, a uma entidade que chamais Deus, que vos dê algo que desejais. Em têrmos mais simples: Se necessitais de alguma coisa, orais; se sofreis, orais; se estais mentalmente confusos, orais, isto é, pedis ou suplicais a alguém que vos indique o que deveis fazer. A quem orais? A Deus, respondeis. Mas, positivamente, Deus, ou a Verdade, é algo desconhecido, que não pode ser formulado. Quando dizeis "conheço Deus", isso já não é Deus. Deus e a Verdade não se criam. Deus deve de vir a vós, e não podeis ir a Êle, para pedir. Se pedis a Deus, criais Deus, e isso, portanto, não é Deus nem a Verdade. Assim, pois, antes de rogar a Deus, deveis saber se desejais a paz que vem de Deus, da Verdade. Depois de criardes por vossas próprias mãos o caos, no mundo, pedis socôrro a outrem. E, por isso, Deus não pode dar-vos a paz, porque o caos foi criado por vós. De que serve então orar? A prece não representa, nesse caso, uma maneira de fugirdes à vossa responsabilidade? Por favor, não citeis personalidades. Pensemos na questão diretamente. Não importa quem seja a pessoa que reza. Uma vez, na América, uma pessoa veio dizer-me que havia rezado, pedindo a Deus uma geladeira, e que ganhara a geladeira. — Mas, no fim, tendes de pagar o prêço. Se desejais a paz, tê-la-eis, mas não será a verdadeira paz, será sòmente decadência, estagnação e disciplina. A paz é dinâmica, a paz é criadora, e não podeis fazer nascer esta fôrça criadora por meio de súplicas. Mas a prece é coisa inteiramente diversa da meditação. O homem que reza nunca compreenderá o que é meditação, porque o que lhe interessa é um ganho. A meditação é um processo de compreensão; é um processo de descobrimento de nós mesmos. Isto é, a meditação é um percebimento de todo o processo do nosso viver. A meditação é uma

atividade que nos faz compreender o processo de todo o nosso ser, e significa isso que precisamos de estar cônscios de tôdas as nossas ações. Meditação não é concentração. Contemplais um quadro e fixais nêle tôda a vossa atenção. Isso é relativamente fácil. É uma atividade exclusiva, uma vez que excluímos todos os pensamentos e concentramos a atenção num só ponto. Decerto isso não é a meditação. A meditação é um percebimento que se aprofunda mais e mais, iluminando as múltiplas camadas de nossa consciência. Finda a sua atividade, ela se equipara a um lago tranqüilo. Quando o problema desaparece, em virtude do percebimento, a solução é tranqüilidade. Não se pode forçar essa tranqüilidade. Nessas condições, a prece, a concentração, e a meditação são coisas inteiramente diversas, e aquêle que ora não saberá nunca o que é meditação, nem aquele que se concentra também o saberá. A meditação é espontânea, e por isso requer espontaneidade, e não uma mente disciplinada. A espontaneidade vem à existência com o percebimento, um percebimento sem condenação, nem julgamento, nem identificação. Se o deixardes penetrar livremente, mais e mais profundamente, êle se tornará meditação, na qual o pensante é o pensamento, e não há divisão entre pensante e pensamento.

PERGUNTA: *Zombais dos Brâmanes. Mas não tiveram êles um importante papel na civilização da Índia?*

KRISHNAMURTI: Podem ter tido. Mas que tem isso? Uma pergunta dessas denuncia orgulho hereditário, não é verdade? É como se eu dissesse que na passada encarnação fui uma entidade maravilhosa, mas na atual sou apenas lustrador de

sapatos. Essa idéia de pertencerdes à raça privilegiada dos Brâmanes, essa idéia de terdes um credo superior, que não pode ser transmitido a outros, é nociva à sociedade. O que importa, pois, não é que sejais brâmanes, ou não; o que importa é o que sois atualmente, não o que fôstes no passado. Primitivamente, tôda sociedade, em qualquer parte do mundo, tinha um grupo de indivíduos devotados a uma realidade. Vós os chamais Brâmanes, outros os chamam Hebreus, Cristãos, etc.. Mas o interêsse essencial dêsses indivíduos era o culto do Real, e não os preocupava o que estivesse fazendo a sociedade, à sua volta. Não importa o nome que se lhes dê. Foram êsses homens que deram à sociedade a sua cultura, e não os indivíduos que se agitam nas complicações da sociedade, como políticos, advogados, ou mercadores de guerra. Não são êstes que fazem a sociedade; não são êstes os construtores da civilização. Os que pregam a verdadeira civilização são os que amam a paz, e não os políticos. Houve, pois, no passado, indivíduos assim, despidos de ambições, desinteressados do poder, das posições, da propriedade e dos sistemas. Houve-os não sòmente aqui, mas em tôda parte. Aqui houve uns poucos dêsses desinteressados, na China grupos maiores, e, pràticamente no mundo inteiro existiram tais indivíduos. Mas, que é feito dos Brâmanes hereditários, que supostamente guiam a sociedade e ensinam os homens a pensar justamente? Êles se tornaram mercadores, advogados, políticos. Julgais possível a civilização numa base destas? Numa estrutura como esta, verdadeiramente destrutiva do homem?

O que interessa, pois, não é o passado, mas o resultado do passado, que é o presente. Para compreenderdes o passado, deveis observá-lo através do presente, psicològica e "fatualmente". O pre-

sente é a passagem do passado para o futuro. Se não vos modificardes no presente, isso influirá no futuro, e virá o caos. Interessa-nos, portanto, o presente, e não os brâmanes de outrora, e o que a êstes interessava era algo muito mais alto do que a avidez de dinheiro, de posições, ou a codificação de sistemas. Visto que o presente é da mais alta importância, que fazemos nós? Por que maneira estamos modificando a nós mesmos e guiando a civilização, não apenas a civilização hindu ou a civilização cristã, mas a civilização humana? É sòmente implantando o pensamento pacífico na nossa vida diária, que podemos trazer a Verdade à nossa existência. Cabe um dever aos que não são diretamente atingidos pelo problema da alimentação, do vestir e do morar. É vosso dever garantir alimentos e roupas para os que estão nus e famintos; mas, em vez disso, vós vos satisfazeis intelectualmente, com palavreados. Precisais abandonar de todo as vossas opiniões, e isso significa uma revolução na vossa mente.

PERGUNTA: *Vós alcançastes a iluminação. Mas que será de nós, os milhões?*

KRISHNAMURTI: É verdade, que será de vós? Vós e eu somos os milhões, mas estamos cônscios disso? No momento em que nos vemos em desespêro ficamos confusos, mas quem nos vai salvar não é o iluminado, garanto-vos, não é o guia, o credo, o templo, o político. Sois vós, sòmente vós, que podeis salvar a vós mesmos, e ninguém mais. É tal como um homem no infortúnio. Se êle não se dá conta do próprio infortúnio, junta-se a outros para falar sôbre a salvação do mundo. Se está cônscio do seu infortúnio — sua solidão constante, seu vazio, seus atritos, seus sofrimentos e lutas

— então, êle começa em si mesmo, não lhe importando saber quem é iluminado e quem não é. Porque vós sois a massa, isto é, a vida; e a vida é dolorosa, e sentis ansiedade quando a não compreendeis. Mas só a podeis compreender através de vós mesmos, e de ninguém mais.

26 de Outubro de 1947.

III

Desejo continuar de onde fiquei no último domingo. Estareis lembrados, os que tendes acompanhado as nossas discussões, os que tendes ouvido com interêsse o que venho dizendo, estareis lembrados de que estive tentando mostrar a relação entre o indivíduo e a sociedade, e como a sociedade, depois de criada pelo indivíduo, o asfixia com os sistemas, as organizações, a religião, etc.. Desejo prosseguir do ponto em que fiquei, porquanto julgo importantíssimo compreender-se, não só verbalmente, porém com tôda a seriedade e profundeza, a relação entre o indivíduo e a sociedade, assim como a transformação da sociedade e a regeneração do indivíduo. Há esperança no homem, em vós e em mim, mas não na sociedade, em sistemas, nas organizações religiosas. Acho-o bastante óbvio. Devemos procurar saber o que se passa no mundo, e não ùnicamente aceitar uma fórmula, um sistema, porque dêsses nada há que esperar. É pois importantíssimo compreender-se a relação entre o indivíduo e a sociedade. Não representa a sociedade o resultado das relações de um indivíduo com outro? Vossas relações com outrem criam a sociedade, a qual, por sua vez, faz nascer o Estado. O Estado, em si, não é, uma entidade aparte; é o resultado de vossas relações, uns com os outros. Conseqüentemente, o Estado se origina da Sociedade.

Ainda que afirmeis que a vida de relação se baseia na fraternidade, no amor, nas idéias religiosas, etc., se a analisardes escrupulosa e profundamente, vereis que ela está baseada nos valores

sensoriais, isto é, as relações mútuas são o produto de valores dos sentidos, valores criados pela mão ou pela mente. Os valores sensoriais não são valores eternos. Trataremos disso mais adiante. As relações baseadas nos valores sensoriais têm produzido, no mundo, guerras, catástrofes e o caos. As relações entre vós e outros geraram a iniciativa individual, e em oposição a esta nasceu a ação coletiva. Examinando ambas, vereis que a sociedade se baseia nos valores sensoriais. Quer se trate de uma sociedade da direita, quer da esquerda, ela está, efetivamente, baseada em valores sensoriais; por isso, nem a esquerda nem a direita têm dado a felicidade ao homem. Isto é, quer se trate de uma sociedade organizada da direita, quer da esquerda, a felicidade humana ainda não existe.

O homem está em desespêro, em confusão e no infortúnio. O problema, portanto, é o seguinte: Reside a felicidade do homem (que é pensamento, ação e mente) nos valores sensoriais, em que está baseada a nossa sociedade, seja da direita ou da esquerda? Embora a direita favoreça a religião, o culto, etc., se a examinardes com tôda a profundeza, descobrireis que, em essência, ela nega a felicidade do homem, porque produz guerras, regimentação, e uma educação que só nos ensina *o que pensar,* e não *a pensar.* Todavia, é tambem certo que a sociedade organizada da esquerda nega igualmente a felicidade do homem, porque é uma sociedade de disciplina. Mas, pode a felicidade humana, vossa felicidade e a minha, residir em coisas feitas pela mão e pela mente? Isso nós vamos descobrir com o autoconhecimento. Só vós podeis descobrir onde está a vossa felicidade, pois ninguém vo-lo poderá dizer. Vossa essência criadora, vossa atividade criadora, vossas alegrias e vossa felicidade estão postas nos valores sensoriais. Pelo autoconhe-

cimento pode-se descobrir em que consiste a felicidade verdadeira e justa e se a nossa felicidade reside em coisas feitas pela mão e pela mente.

Mas, que é autoconhecimento? Êle, decerto, não se aprende nos livros. Certo, não nos vem de outrem. Tendes de conhecer o processo total de todo o vosso ser, isto é, precisais estar cônscios de tudo o que sois: vossos pensamentos, sentimentos e ações. Se estiverdes cônscios do que sois (mas sem esfôrço para ficardes cônscios) será êsse o verdadeiro comêço do autoconhecimento. Sem autoconhecimento, não vejo a possibilidade de uma verdadeira atividade pensante. Já que vós sois o mundo e vossas relações mútuas constituem a sociedade, se não houver uma modificação revolucionária em vós mesmos, não haverá esperanças. Compreendermos a nós mesmos é de primacial importância. "Transformemos a Sociedade" é uma das nossas "chapas". É facil dizê-lo — "reformar o mundo" — como se o mundo fôsse diferente do que nós somos. Fomos nós que criamos todos êsses horrores, estas guerras, êste caos insano que reina no mundo atual, e não poderemos transformá-lo se não soubermos a maneira de pensar no problema. E não podemos pensar no problema, se o desconhecemos. Mas, não podeis conhecê-lo fora de vós. Vós criastes tudo isto, e por isso deveis conhecer a vós mesmos, e não a outros. Por conseqüência, é necessário clarificar-se a confusão da vossa mente, o que não significa que deveis esperar que se clarifique a confusão, para depois agirdes. Nessas condições, o problema que se nos apresenta é "como transformar o mundo, para dar felicidade, promover a ordem e a paz". Isso deve começar em nós, em vós e em mim, não com dizermos, apenas, "preciso começar", mas com a ação, com o conhe-

cimento do que fazemos, de todo o processo e da repetição das idéias, dos absurdos que às vêzes nos permitimos — nossas divisões em classes e comunas, nações e raças. É mister alterar tudo isso — não é verdade? — para que possa haver modificações fundamentais no mundo. E eu não sei se compreendemos como é extraordinária a crise atual. Como já disse em palestras anteriores, não se trata de uma crise econômica comum, mas, sim, de uma crise extraordinária. Uma crise como esta só muito raramente acontece e estamos todos em face de uma das mais raras catástrofes e confusões. E todos nós estamos procurando fazer-lhe frente com fórmulas, com sistemas, o que significa pensar às cegas, quer o sistema que adotais seja da esquerda, quer da direita. Necessitamos, verdadeiramente, de uma revolução completa no pensamento, nos valores, e não se pode criar valores, a não ser pelo despertar do indivíduo, mas não do indivíduo em oposição à massa. Entretanto, visto como o despertar do indivíduo é restringido por atividades resultantes de estreitos preconceitos, está êle impossibilitado de transformar e regenerar a si próprio — o que equivale a transformar e regenerar a massa — e tal coisa só é possível quando tomamos conhecimento de nós mesmos, de tudo quanto fazemos, das coisas mais insignificantes às mais profundas. Se não tendes êsse conhecimento, deveis descobrir por que o não tendes. Ao percorrerdes as ruas, percebeis a pobreza da gente, vêdes crianças mal nutridas, e notais a total insensibilidade de todos. Pois bem: nós criamos isto; vós e eu criamos tudo o que nos cerca. Isso não surgiu misteriosamente, por encanto, mas, visto que não estamos cônscios de que o criamos, de que maneira poderemos transformá-lo? Está bem claro onde é que devemos começar, não está? Parece simples.

entretanto a maneira mais profunda de começarmos é começarmos em nós mesmos, e isso é extremamente difícil. É sempre fácil reformar os outros, porém dificílimo transformar a nós mesmos (*risos*).

Podeis rir, senhores, mas vosso riso pouco significa. Bem sei que para a maioria de nós, a vida tem pouca significação. Todos estamos tentando resolver o problema do mundo. O que está acontecendo no Punjab já aconteceu na Alemanha. O que está acontecendo é um lento processo de regimentação, e isso acontece até na Inglaterra, que sempre advogou a liberdade individual. Não sabemos o que está acontecendo na América e na China. Vós o ledes nos jornais, porque um dos nossos hábitos favoritos é o de ler jornais. Estamos insensibilizados, e acho que aí é que está a nossa dificuldade. Precisamos vitalizar e tonificar a nossa sensibilidade, mas não ficareis sensíveis com dizerdes, meramente, que precisais ser sensíveis. Vós vos tornareis sensíveis, ao tomardes conhecimento de vós mesmos, nas ações, nos pensamentos e nos sentimentos. Positivamente, a esperança, ou Deus, ou que nome lhe deis, não se encontra na religião, não se encontra em sistemas, mas sòmente, quando procurais descobrir a verdade em tôdas as pequenas coisas. A verdade não está longe de nós, porém muito perto, e só precisamos saber procurá-la, mas não a procuramos porque não sabemos procurá-la. Portanto, o que tem primacial importância é o percebimento, percebimento penetrante, e sem distinção, de todos os pensamentos e todos os sentimentos que se nos revelam.

PERGUNTA: *Num recente artigo de famoso correspondente, lê-se que a sabedoria e o exemplo pessoal não resolvem o problema do mundo. E vós, que dizeis?*

KRISHNAMURTI: Abrangendo esta pergunta muitas questões, precisamos analisá-las com cuidado. Em primeiro lugar, os correspondentes famosos nos persuadem ou prescrevem o que devemos pensar, porque os correspondentes famosos têm, como todos nós, os seus próprios interêsses. E, como são muito engenhosos e hábeis no manejo da palavra, êles escrevem e nós os lemos, porque somos pessoas cultas, e o que lemos fica sendo a verdade para nós. Paramos de pensar, mas assimilamos o que outros pensam, e é assim que os correspondentes famosos se tornam tão importantes nas nossas atividades diárias, e também o que êles pensam e o que fazem. Em primeiro lugar, deveríamos estar sempre em guarda; o indivíduo precisa estar intensamente vigilante, para não assimilar as idéias e os reclamos de outras pessoas. Diz, pois, aquêle correspondente que a sabedoria e os exemplos pessoais não bastam para resolver o problema do mundo. Eu também não acho que a sabedoria e o exemplo pessoal irão salvar o mundo. O correspondente reclama, invariàvelmente, ação política, quer da esquerda, quer da direita, baseada num determinado conjunto de ideais religiosos, econômicos ou sociais.

Ora, que significa exemplo pessoal? Invariàvelmente, êle nos leva à imitação. Vós tendes um ideal e vos amoldais a êle, e, naturalmente, a conformidade, a imitação, o disciplinar do pensamento, não poderão jamais resolver os problemas do mundo. Por conseqüência, o exemplo pessoal, em épocas de grande crise, se torna mui pouco significativo. A sabedoria não nos pode ser mostrada pelo exemplo pessoal. A sabedoria é uma coisa viva e real, uma coisa em constante movimento. Ela não está num lugar determinado; ela não se aprende nos livros. O que se requer, na época atual,

não são exemplos, mas, sim, revolução no pensar, isto é, pensar criador. E essa revolução não pode concretizar-se, não pode alcançar-se com o seguirmos uns poucos chefes. Conseqüentemente, nem o exemplo pessoal, nem a atividade política baseada em determinado sistema ou autoridade, salvarão o mundo. Isso já se experimentou mil vêzes. Põe o homem a sua fé num sistema, num partido, num chefe, e todos falham, invariàvelmente, como sempre aconteceu. E volta-se à exploração do homem, sob forma diferente, em grau diferente, num nível diferente. Se é o Estado que explora o homem ou se é o próprio homem que explora o semelhante, tudo vem dar no mesmo. O problema não pode ser resolvido pelo Estado, nem pelos exemplos.

O problema somos nós mesmos, porque já não pensamos "criàdoramente" e disciplinadamente limitando-nos a seguir padrões. Nós fizemos surgir o caos mundial e por isso não poderá, jamais, o exemplo pessoal salvar a humanidade.

É necessária, pois, uma revolução criadora, no pensar, e isso é extremamente difícil. E por ser difícil apelamos para outro, apelamos para o exemplo, para o chefe. Que quero eu dizer com "pensar criador"? ¿Nós pensamos verdadeiramente, ou correspondemos apenas a uma determinada série de condições? Isso é pensar? Porque sois hindus, estais condicionados por uma determinada maneira; e se sois maometano, budista, ou o que quer que seja, correspondeis sempre a um determinado condicionamento. Isso certamente não é pensar. Estais sujeito a um certo condicionamento, ao qual correspondeis. Pensais que estais pensando. Só haverá revolução no pensar, quando o homem estiver livre do condicionamento existente nas múltiplas camadas da consciência; o libertar-se dêsse condicionamento, é pensar revolucionàriamente. E

isso significa que deveis deixar de ser brâmane, hindu ou cristão. Precisais de transcender as coisas falsas, as divisões de classe; êsse é que é o problema, atualmente. Sei que fàcilmente concordareis com tudo isso. Sacudis a cabeça, afirmativamente. Voltareis, talvez, no próximo domingo e nos subseqüentes, e continuareis, entretanto, na mesma rotina, porque estais condicionados. Se vos transformardes, que dirão de vós os vizinhos? Podereis até perder o emprêgo, e, por isso, continuareis a sacudir a cabeça, e o mundo continuará cada vez mais infeliz, enquanto falais sôbre a necessidade de se reformar o mundo.

O ponto de partida não é, portanto, o mundo, do qual não tendes conhecimento, mas vós mesmos. Só será possível resolver-se o problema do mundo se tomardes conhecimento da catástrofe e da miséria existente em vós mesmos, da confusão que está em vós e, por isso, no mundo. É relativamente fácil a ação política. É relativamente fácil organizar-se a distribuição de alimentos para a humanidade. Há necessidade de vestir o homem, dar-lhe morada e pão. Todos sabemos disso. Qualquer escolar o sabe. Mas que resulta? É apenas conhecimento tirado dos livros. Porque estamos condicionados e não nos podemos libertar dêsse condicionamento, isso nunca passa de um conhecimento puramente teórico, sem ação. Por isso, é necessário rompermos o nosso condicionamento e extirparmos todos os fatôres degradantes e qualidades que levam à degeneração. Asseguro-vos que esta é a única saída, e isso significa também que os exemplos pessoais têm muito pouca importância numa crise mundial desta espécie, e o que tem a máxima importância é o que sois — vossos pensamentos, vossos sentimentos, vossas ações, no presente.

PERGUNTA: *Que quereis dizer, quando afirmais que nós nos servimos do presente como de uma passagem?*

KRISHNAMURTI: Domingo passado, eu disse que nós nos servimos do presente como de uma passagem para o futuro. Servimo-nos do presente como meio de alcançar um resultado, quer psicológico, quer pessoal — uma modificação de nós mesmos, para que nos tornemos alguma coisa. Servimo-nos do presente como um instrumento do passado para o futuro, isto é, para responder à pergunta, o presente é o resultado do passado. Isso é óbvio. O que pensais se baseia no passado, todo o vosso ser está fundado no passado. Pois bem: o pensamento, sem compreensão do passado, atravessa o presente e entra no futuro. Os psicanalistas investigam o passado, para descobrir inibições, o condicionamento, o complexo, etc. Mas, para se compreender o passado, é preciso compreender-se o presente, que é o passado. Isto é, através do presente pode-se ver o passado. O passado não é independente do presente. Assim, para se compreender o passado, a porta é o presente, que é também a porta do futuro. Isto é, para se compreender o significado do passado, é necessário compreender-se o presente, e êste não deve ser sacrificado ao futuro. Há grupos políticos da esquerda, e também da direita, que dizem: "Sacrificai o presente ao futuro. Não importa o que aconteça ao homem no presente; nós o conduziremos a um futuro maravilhoso" — como se pudessem prever o futuro! Foi esta idéia de sacrificar o presente ao futuro que conduziu a humanidade ao desastre, ao caos e ao sofrimento. Os indivíduos religiosos servem-se também do presente como passagem para o futuro. Dizem: "Na próxima encarnação farei algo, mas

agora nada farei. — Dai-me a oportunidade". Isto é sacrificar o presente. Decerto, a eternidade é o presente, o eterno é o agora, e para compreenderdes o eterno, não podeis chegar-vos a êle através do tempo. Entretanto, vós vos servis do tempo — passado, presente e futuro — como meio de alcançar o imensurável, o eterno. Precisamos, pois, compreender esta falácia política de que devemos sacrificar o presente ao futuro, e precisamos igualmente compreender esta idéia de que o futuro é diferente do presente.

Se não vos transformardes agora, não vos transformareis nunca. Sendo o presente contínuo, a compreensão, a sabedoria está no presente, e não no futuro. A sabedoria é o ser, o qual é o presente, o qual é agora, e o presente pode ser compreendido quando a mente compreende o passado e se torna, assim, cônscia, psicològicamente, de tudo quanto se contém no nosso ser, agora, do que somos agora, e, por conseguinte, para compreender-se o agora, deveis levar em consideração o passado, porquanto o vosso pensamento está baseado no passado. Isso está claro, não? Não podeis pensar sem o passado, e, portanto, para compreenderdes o passado, examinai o que sois agora, ficai cônscios do que sois agora, e, ficando cônscios do que agora sois, vereis que nos servimos do presente como de uma passagem para chegarmos a algum lugar, e que estamos interpretando o presente e dando-lhe um significado condicionado pelo passado. Conseqüentemente, se vos servis do tempo como meio para alcançardes o eterno, nunca que alcançareis o eterno, uma vez que o meio cria o fim. Se vos servis de meios errôneos, produzireis um fim errôneo. A guerra é um meio errôneo de se alcançar a paz, e, enquanto falamos de paz, as nações se preparam para a guerra. O meio é o fim,

e o fim não está dissociado do meio. Se, portanto, desejais compreender o eterno, é necessário que se solte o que está prêso no tempo — o passado, o presente e o futuro — e isso é extremamente difícil; requer percebimento constante de todos os nossos pensamentos e sentimentos, e de como cada um dêles está fixado em nós.

PERGUNTA: *Dizem os comunistas que os governantes dos Estados hindus, os "zamindars" e os capitalistas são os principais exploradores da nação, e que devem ser liquidados, para haver pão, roupa e morada para todos. O Mahatma Gandi diz que aos governantes, aos "zamindars" e aos capitalistas está confiado o bem-estar dos que estão sujeitos ao seu contrôle e influência e que, portanto, se lhes deve permitir que continuem nos seus lugares, a exercerem as suas funções. E vós, que dizeis?*

KRISHNAMURTI: É extraordinàriamente confuso o que está acontecendo no mundo. Atribuímos maior importância ao que outros dizem, e não nos importa o que nós mesmos pensamos. É um fato realmente curioso. Onde quer que estejais — na América, na Inglaterra, ou mesmo em Damasco e aqui — estais sempre bem informados do que dizem os outros, mas sabeis o que vós mesmos pensais? Podeis repetir o que diz êste chefe político ou aquêle filósofo, mas isso salvará a humanidade? O que outro pensa tem alguma importância? Os capitalistas, os guias, e outros, ora se contradizem, ora estão de acôrdo. Então, é o que êles dizem que tem importância, e não o que vós e eu pensamos? Vamos descobrir o que nós mesmos pensamos, independentemente dos guias e "gurus",

independentemente de todos os sistemas e filosofias, de todos os grupos, quer da esquerda, quer da direita. Pensemos no problema, como se fôsse a primeira vez que se nos apresentasse. Consideremo-lo como se nunca tivéssemos lido um livro. Esta é, por certo, a única maneira de se resolver o problema. Não vamos, pois, discorrer sôbre o que pensam os especialistas, as autoridades, os guias, mas, sim, sôbre o que vós e eu pensamos. De que maneira podereis livrar-vos dos "zamindars" e dos capitalistas? Como é que um indivíduo se torna "zamindar" ou marajá? Explorando a outros. Acumular mais do que se necessita conduz à exploração, não é verdade? Só porque necessitamos de uma certa porção de alimentos, de roupas e de morada, se justifica que nos tornemos o meio de que se servem outros homens, para a própria satisfação pessoal — econômica, social e psicológica? Servir-nos do homem, para conquistar poder, posição e autoridade, é exploração. O verdadeiro problema é, portanto, a exploração, e não os "zamindars". Os "zamindars" são indivíduos iguais a nós. Se nos fôsse dada a oportunidade, nos tornaríamos "zamindars" ou capitalistas. Porque, quando obtemos alguma coisa, desejamos sempre mais. Perdemos a generosidade, no momento em que começamos a galgar a escada. O problema é, portanto, a exploração; o problema consiste em deter a exploração, não achais? — Então, aos capitalistas, aos "zamindars", etc., está confiado o bem-estar de outros... Santo Deus! Sabeis o que significa ser depositário da confiança de outros? Confiança significa amor, e só merecem confiança os que amam os seus semelhantes. Procurar um homem posições para si próprio, significa amar o próximo? Como é possível amar e ao mesmo tempo explorar? Por favor, vêde bem que não estou tomando parti-

do. Não vos ponhais em atitude agressiva. O problema é muito mais profundo do que dizer-se que êles merecem ou não merecem confiança. Antes de tudo o mais, o problema é a facilidade com que vos deixais persuadir. Investiguemo-lo conjuntamente, de maneira profunda. O problema é a exploração. Poderá desaparecer a exploração, enquanto houver a iniciativa individual, ou será necessária a ação coletiva? Bem sabemos o que a iniciativa individual tem causado no mundo, e bem sabemos, igualmente, de quanto é capaz a exploração por parte do Estado. Tanto uma como a outra são igualmente impiedosas e brutais; o Estado em grau mais elevado, talvez, porquanto não há apelação, e o Estado está nas mãos de uns poucos. Êstes também querem poder e posições. Também êles exploram o homem. Admitamos que sejam capazes de organizar a distribuição de alimentos, roupa e morada, para todos, mas, nesse caso, explorarão coisa muito mais importante: a vossa mente, o vosso ser, isto é, o que pensais. Por certo, é exploração controlar o que dizeis, o que pensais. A exploração constitui, portanto, um problema complexo e, como já disse, no momento em que armazenamos mais do que o essencial, começamos a explorar os outros, não só fisiológica mas também psicològicamente. Quanto mais roupas, quanto mais casas, quanto mais idéias adquiris, maior a exploração. Analisemo-lo. No momento em que vos entregais à aquisição, no momento em que começais a subir em importância e a ser tido em maior conta, como uma entidade "aquisitiva", é inevitável a exploração. Mas, não significa isso que não devamos organizar os recursos existentes, por uma maneira conducente ao bem-estar da coletividade. Entretanto, se o indivíduo que organiza está com o sentido na aquisição, então, infalì-

velmente, a organização representa um meio de exploração, como já temos visto acontecer repetidamente.

Pode um homem viver em relações com seu semelhante, sem se preocupar de aquisição e de posições? É o mesmo problema formulado diferentemente. Pode-se viver em sociedade, sem acumular bens em escala crescente, sabendo, como sabemos, que a propriedade representa poder, posição e segurança, e que sempre relutamos em marcar o limite de nossas necessidades? A iniciativa individual, a par de outras causas, tem contribuído para a prática de verdadeiros horrores; por isso, os da esquerda exigem "liquidação". Mas "liquidar" não é solução, positivamente. Pode ser, então, que o homem não explore os semelhantes, valendo-se dos meios de produção, mas o Estado o fará. Os meios da obtenção de alimentos, vestuário e morada, para todos, são negados pelas aquisições psicológicas, o que também vemos ocorrer todos os dias. Mas, êsse desejo de aquisição é um meio para a obtenção de segurança. Quanto mais tem o indivíduo, maior a sua segurança, pelo menos assim o pensa. Mas existe, mesmo, segurança? Porque temos sempre procurado a segurança, sem levarmos em conta o que já possuímos, criamos o presente caos. Todos procuramos a segurança, e, enquanto cada um quer ter segurança cada vez maior, um outro grupo proclama a necessidade da segurança coletiva. Mas esta significa explorar o homem não apenas com o interêsse na segurança física, mas também com o interêsse em coisas mais profundas.

Voltamos, assim, à questão de saber-se se é possível renunciar à aquisição, quer psicológica, quer física. Se não renunciardes voluntàriamente, ela vos será tomada, isto é, se física e psicològica-

mente não abandonardes o desejo de adquirir, a sociedade vos despojará de tudo, e sereis transformados num instrumento. É isso o que está acontecendo. A sociedade está atualmente baseada na indústria, e, conseqüentemente, o trabalho precisa ser organizado, e controlado, o que significa que vós e eu estaremos sujeitos a contrôle. Por conseguinte, o Estado exercerá contrôle sôbre vós e vos dirá o que deveis e o que não deveis fazer. Isso acontecerá, quer queiramos, quer não. Mas, se realmente abandonardes o desejo de possuir, de adquirir, criar-se-á, então, uma nova sociedade não baseada na "regimentação". Tal coisa, entretanto, exige grande atividade da inteligência. E significa também que deveis começar em vós mesmos. Mas, como sois apáticos, indolentes, sereis dirigidos e compelidos, e por êsse caminho não chegareis a solução alguma. A solução reside em compreender-se o que significa a exploração, não sòmente a exploração física, mas também a psicológica, e, enquanto não compreender a exploração psicológica, será o indivíduo incapaz de compreender que quanto mais desejamos a segurança, a posição, tanto mais perto estamos da solidão, da pobreza e da degradação. Esta é uma questão de enorme magnitude, é um problema imenso. É necessário que o compreendamos profundamente, porque não são apenas os valores sensoriais que nos interessam.

Vivemos também para coisas intangíveis, como o poder. A ambição de poder é consequência de não compreendermos a nós mesmos. O compreender a nós mesmos requer grande soma de trabalho, grande atividade pensante, e grande dose de paciência, paciência para ver as coisas como realmente são.

PERGUNTA: *Vossos ensinamentos se destinam apenas aos "sanyasis" ou são para todos nós, com nossas famílias e as respectivas responbilidades?*

KRISHNAMURTI: Está claro que o que digo é para todos: para os que renunciaram ao mundo e para os que vivem no mundo, porquanto o que renunciou permanece ainda no mundo, visto que vive no mundo que êle mesmo criou, enquanto o mundano vive no mundo dos próprios desejos. Tanto um como outro estão cativos, um no cativeiro da família, das coisas, dos sentidos, o outro no cativeiro da mente — e o que eu digo aplica-se a ambos, uma vez que a liberdade não é criação de um indivíduo. Deus ou a Verdade não está nas coisas feitas pela mão ou pela mente. O indivíduo precisa transcendê-las, elevar-se acima das paixões, dos despeitos, da avidez, da malevolência, da mundanidade, e acima das coisas criadas e inventadas pelo homem. Só então saberemos o que é a Verdade. E isso acontece, com efeito, em momentos raros, quando a mente não está a pensar em si mesma, quando a mente está tranqüila. Mas é muito raro acontecer tal coisa. Quando vagais pelas ruas despreocupadamente, sem pensar em coisa alguma, surge, espontâneamente, êsse estado extraordinário no sentimento — uma fugidia revelação, não provocada, inexpressa, e que, uma vez conhecida, desejamos repetir. E, por isso, caímos de novo nas rêdes da memória, do desejo.

Sem dúvida, o homem que tem família encontra-se numa terrível situação, não é verdade? Considerai a vós mesmos. Em face da confusão, da angústia e do desespêro que vão pelo mundo, preocupa-vos o que poderá acontecer aos vossos fi-

lhos. Desejais vê-los em segurança, convenientemente casados e estabelecidos. Quanto maior a confusão, maior segurança desejais. Isto é, quereis transferir a vossa responsabilidade para outro, e que acontece então? Repugna-vos olhar de frente os problemas reais, e chamais responsabilidades, seja o amor ou outra coisa qualquer. — Do mesmo modo, o homem que renunciou ao mundo, vive prêso às imagens de sua própria mente. Para êle não é diferente a situação, porquanto está impregnado de fantasias e sonhos por êle mesmo criados. Está identificado com êles, assim como vós estais com os vossos. Assim sendo, qual é o verdadeiro problema? Como viver num mundo em que predominam a avidez, a inveja, a malevolência e as paixões que arruinam o homem. Por certo, pode-se viver neste mundo, sem avidez. Sim, senhor, podeis rir, mas é possível viver-se no mundo, sem avidez. Para assim viverdes, necessitais de muita vigilância, de intenso pensar, deveis abandonar os guias e tomar conhecimento de vós mesmos. Terá, então, a família um significado diferente, porque nela ingressará o amor. Sem o amor, a família não tem significação e, se me é permitido dizê-lo, a maioria dos que temos filhos, não os amamos verdadeiramente. Se compreendêssemos as nossas mútuas relações, dar-se-ia uma verdadeira transformação. Haveria, então, o amor, o qual promoveria a regeneração e o despontar de um mundo novo.

PERGUNTA: *Deveis saber da medonha tragédia que se desenrolou e ainda se desenrola no Punjab. A ação individual, baseada no pensar correto e no autoconhecimento, por parte dos poucos que são capazes de tal ação,*

poderá influir para a solução dêste problema do Punjab?

KRISHNAMURTI: O que aconteceu no Punjab também já aconteceu na Alemanha, na Europa. Já aconteceu em tôdas as partes do mundo. Não é um problema particularmente hindu. Essa tragédia veio a ocorrer por causa de nosso fanatismo nacional e religioso. Somos hindus ou somos muçulmanos, não somos sêres humanos. Somos apenas rótulos: alemães, inglêses, japonêses, chinêses — e foi esta a causa daquela tragédia. Receio bastante que coisa igual vá acontecer no mundo inteiro, porquanto o espírito nacionalista ainda predomina. De fato, até que isso cesse, tereis a guerra econômica, religiosa, psicológica, etc. e tudo mais. O problema não é, portanto, peculiar ao Punjab, é geral. Mas só o compreendeis como um problema particular, como um problema local. Vós sois responsáveis por êle e precisais de transformar a vós mesmos. Há séculos que vos obstinais em ser hindus ou maometanos, como se tivesse muita importância o nome que dais a vós mesmos. Estamos marcados com rótulos, somos incapazes de compreender a sensibilidade de outros sêres humanos, somos escravos do nacionalismo e da propriedade, e por esta razão não trepidamos em assassinar em nome da liberdade e em nome de Deus. Falando diretamente: É necessário que vos transformeis. Não o achais necessário? Precisais acabar definitivamente com o nacionalismo. Precisais acabar com o agitar de bandeiras. Precisamos deixar de ser indu, ou muçulmano, ou alemão, ou americano, e deixar de pensar como tais, adotando novas categorias de pensar. Sei que vos direis de acôrdo comigo, mas depois ireis para casa e continuareis a ser hindu, a ser cristão, e sabe Deus o que mais.

Continuareis a observar os vossos "pujas", as vossas tradições bramânicas, a visitar os templos, a funcionar pelas mesmas rotinas. Entretanto, falamos de fraternidade, sendo hindus, e a tradição manda que amemos uns aos outros como irmãos. O que importa, conseqüentemente, é que quebreis o vosso condicionamento. Deveis quebrá-lo, não aqui, mas em vossas casas, em vossas assembléias políticas. E vereis, então, como isso é extraordinàriamente difícil. Vossas mães, vossos irmãos, haverão de chorar, e, assim, para lhes serdes agradáveis, tereis de ser hipócritas. Vós não sabeis quanto isso é sério. Podeis estar insensibilizados, mas ignorais o que está acontecendo? Estão-se fazendo preparativos para a terceira catástrofe, a qual será pior do que nunca, e estamos aqui a disputar se somos, ou não, brâmanes. Não é infantil? Quando vos encontrais numa crise, tem importância para vós a casta a que pertenceis, a vossa nacionalidade, o vosso partido, da esquerda ou da direita? — Somos governados pelos nossos rótulos, e esta é que é a dificuldade. Para despertarmos, precisamos tornar-nos sensíveis ao problema geral.

PERGUNTA: *Dizeis que a disciplina se opõe à liberdade. Mas a disciplina não é necessária para se alcançar a liberdade?*

KRISHNAMURTI: Como êste é um problema difícil, precisamos analisar minuciosamente tudo quanto esta pergunta implica. Um meio errôneo produzirá um fim igualmente errôneo. Por conseqüência, é necessário que sejam empregados meios justos para se alcançarem fins justos. Se sois disciplinados, "regimentados", não produzireis a liberdade, mas, sim, "regimentação", um condicionamento sob disciplina. Está bem claro isso, não?

O meio, portanto, é mais importante do que o fim. Nestas condições, se disciplinais a vossa mente em conformidade com um padrão, que representa o meio, produzireis infalìvelmente um fim nos mesmos moldes dêsse meio. Mas, direis: "É necessário que eu organize a minha vida diária, pois, do contrário, nada poderei fazer. Preciso submeter-me ao condicionamento necessário para executar os meus deveres diários. Preciso organizar o meu dia". Ora, para que fim organizais? Porque vos disciplinais, afinal? Para que sejam feitas determinadas coisas, não é certo? Isto é, vós organizais o dia, para alcançardes um determinado resultado. Isso é uma modalidade da disciplina. Organizais o dia, mecânicamente, e vos disciplinais para proceder mecânicamente, a fim de conseguirdes um certo resultado. E levais sempre convosco a mesma mentalidade. Para alcançardes um resultado, vós vos disciplinais cada vez mais. Dizeis que é necessário ser feliz, achar Deus, saber, e empregais métodos para chegardes a tal resultado. Pensais que a felicidade é a Verdade, ou Deus, um fim para ser alcançado. Pensais que ela é permanente, como se a felicidade pudesse ser permanente, como se ela fôsse uma espécie de rotina, uma coisa que se possa conquistar — e depois de assim a definirdes dizeis que tendes um meio para alcançá-la: o disciplinamento de vós mesmos. Ora, pode uma mente disciplinada, no sentido que estou dando à palavra "disciplinada", ser "regimentada", impelida, através de um meio, para um fim? O meio cria o fim. O fim é feito por vós. Conseqüentemente, vós estais condicionando o fim. Pode uma mente disciplinada compreender a liberdade? Como político, tereis provàvelmente de disciplinar-vos, a fim de alcançar um determinado resultado, e nesse processo insensibiliza-se a vossa men-

te. Visto que a disciplina do partido é importante, sacrificais o vosso pensar individual, para conseguirdes um resultado. Exercitais-vos para serdes disciplinados, a fim de alcançardes um resultado. Não há o pensar verdadeiro, mas a mente é apenas atrelada a uma carroça, chamada a máquina política, e deixais de ser uma entidade pensante e sois disciplinados para funcionardes eficientemente. Dizeis: "Vou disciplinar-me, controlar-me, de acôrdo com um padrão, a fim de me tornar livre". Que absurdo! Por outras palavras, precisais ficar bêbedos, para vos tornardes sóbrios? Sendo o meio o fim, precisais começar por compreender por que é necessário ser disciplinado e o que isso implica. A liberdade não é um resultado. A liberdade começa quando estais vigilante, e essa vigilância não se aplica sòmente à disciplina, mas a todo o processo do viver. Assim sendo, só pode vir à existência a liberdade, quando a mente está livre, quando não está condicionada por um padrão, por uma disciplina. Quando se descobre alguma coisa? Quando somos espontâneos, quando estamos completamente livres, quando não estamos amarrados e cegos. Para se descobrir o verdadeiro Deus, é mister liberdade, e não podeis estar livres para êste descobrimento, quando a vossa mente está exercitada de acôrdo com um padrão, de acôrdo com um desejo. Mas isso não significa que a mente deva ser errática. Quando tendes percebimento das divagações da mente, isso já é liberdade. Falais da disciplina, como meio de se alcançar um fim. Mas êsse fim não é o real, porque criado pela mente, e o que se conquista não é o real. A Verdade deve de vir a vós, e vós não podeis ir à Verdade, e para receber-se a Verdade é preciso haver liberdade, para pensarmos clara, profunda e penetrantemente. É preciso um percebimento sem es-

colha; não deve haver condenação, nem identificação, mas percebimento. Vereis, então, que há outras maneiras de se considerar a disciplina. A disciplina impede o pensar, e é só na espontaneidade que a liberdade pode ser real, e que o imensurável pode ser conhecido.

2 de Novembro de 1947.

IV

Peço-vos que escuteis estas palestras, não tanto com a idéia de aprender, mas deixando que o que eu digo lance raízes. Se fôr verdadeiro, lançará raízes inconscientemente, e, se não o fôr, se esvaecerá e não necessitareis de preocupar-vos. Porque o que é verdadeiro é imediatamente absorvido pelo inconsciente, e o que não é verdadeiro, ainda que se implante no inconsciente, pouco a pouco se dissipa. Assim sendo, se me permitis sugeri-lo, deveriam realmente estas palestras ser ampliadas e discutidas em cada dia. Algo de novo está-se passando com todos nós, nestes domingos, e as presentes palestras têm realmente por escopo despertar e estimular essa inteligência. Se me é permitido fazer um sumário do que já estivemos a discutir, penso que poderemos dilatar mais e mais o que eu já disse a respeito do autoconhecimento, isto é, poderemos ir mais além, considerando-o de pontos de vista diferentes.

Há dias, estivemos apreciando com vários amigos por que razão cada um de nós, e conseqüentemente o mundo, está tão imbuído do senso de propriedade e da divisão de classe. Por que razão atribui cada um de nós tamanha importância à aquisição e às divisões sociais, nacionais e raciais? Por que parecem gravitar todos os nossos problemas em tôrno da posse e do nome? Não sei se já pensastes nisso dêste ponto de vista. Porque é que a propriedade, com tudo o que ela implica — nome e nacionalidade, divisões raciais e de classe — ocupa-nos a mente? Há de haver alguma razão, não achais? E temos sempre procurado resol-

ver o nosso problema dêste ponto de vista: propriedade, aquisição, posse, divisões raciais e de classe, e assim por diante. É o que está acontecendo atualmente no mundo. Queremos resolver os nossos problemas por uma dessas duas maneiras. Ora, por que razão essas coisas se apoderaram de nossas mentes? Seria proveitoso examiná-lo e aprofundá-lo deveras, com cada um de vós, mas tal é impossível, dado o grande número de pessoas aqui reunidas. Nessas condições, o que posso fazer é apontar-vos o problema, esperando que posteriormente mediteis sôbre êle.

Pois bem, eu já disse que estamos imbuídos destas duas idéias. Por que razão está tôda a nossa civilização assentada nestas duas idéias? Por que vivemos a disputar, a brigar, a guerrear em tôrno destas duas idéias, e por que queremos resolver todos os nossos problemas do ponto de vista destas duas idéias? Não é porque queremos a segurança? É bem evidente que a alimentação, o vestuário e a morada são necessidades essenciais. Todavia, parecemos incapazes de resolver esta questão. Por que razão, pois, estas necessidades rudimentares se implantaram de modo tão profundo em nossa mente? Não será porque não conhecemos um valor maior? Se estivéssemos interessados em algo mais importante, as coisas secundárias não teriam para nós valor tão predominante.

Por outras palavras: os valores secundários, quando se lhes dá excessiva importância, acarretam desastres e sofrimentos, como os que estão atualmente ocasionando, no mundo. ¿Porque, então, não conhecemos um valor mais alto, embora todos os livros, os livros sagrados, nos digam que há um valor superior? Deveis indagar porquê. Ainda não o fizestes? Se já indagamos êsse porquê, aonde nos levou isso? Mais uma vez à divisão de

classe. Ainda que estejais à procura de Deus e do que mais seja, o resultado é sempre divisão, divisão em hindu, budista, cristão, maometano, etc.. Portanto, quando a mente busca a segurança, a certeza, não pode existir valor maior do que o valor sensorial. Em verdade, a aquisição e a divisão de classes são fatôres psicológicos. Não representam valores materiais. Constituem exigências psicológicas. Assim sendo, psicològicamente, quando andamos à busca de segurança, o que se cria são apenas valores feitos pela mão ou pela mente e por isso não pode haver valor mais elevado, tornando-se, em consequência, os valores sensoriais sumamente importantes. Evidentemente, precisamos de legislação e de contrôle de alguma espécie, mas isso não resolve o problema, pois já temos tido revolução sôbre revolução e continuamos nas mesmas condições. Vivemos na mesma angústia, na mesma confusão, e nada foi solucionado.

Mas, como poderá encontrar-se o valor maior? E' muito relevante isso. Se estou realmente interessado em algo superior, não darei tamanha importância ao que é secundário, inferior. Mas como não encontrei valor mais elevado, assume tôda a importância o valor secundário, e como me será possível, em tais condições, encontrar o que tem maior importância? Só o poderei encontrar, compreendendo a exigência psicológica de segurança. Acho que é êste o problema que defrontamos, e não a questão da alimentação, do vestuario e da morada, porquanto, ainda que tenhamos alimentos, roupas e morada, continuamos a procurar segurança, para atender a necessidades interiores. Nessas condições, quando buscamos a segurança, devemos perguntar: Existe de fato a segurança? Existe segurança psicológica? Todos nós a procuramos. Queremos alimentos, roupas, habitação, e queremos, ainda,

segurança, em nomes ou títulos, divisões de classe, propriedade, crenças, idéias. É esta a maneira pela qual a mente busca, sem cessar, uma condição de segurança, de certeza, e, aceitando a suposição de que existe a segurança, sôbre tal suposição estamos edificando tôda a nossa civilização, tôda a estrutura de nossas idéias, quer religiosas, quer práticas. Nunca perguntamos a nós mesmos se *existe* segurança, se *existe* certeza. Se ela não existe, teremos de alterar radicalmente o nosso viver. O problema, portanto, não é de alimentação, roupas e moradas, porquanto êste pode ser resolvido.

Quando a mente busca a segurança, não pode deixar de criar valores secundários, isto é, os valores sensoriais, e tornam-se então êstes valores sumamente importantes. Ora, existe segurança? Existe certeza psicológica? Vós ides descobrí-lo. Mas só o podemos descobrir por meio do autoconhecimento. Volto, pois, a apreciar êste ponto, por maneira diferente: Isto é, enquanto a mente busca a segurança psicológica, só cria valores sensoriais, os valores conhecidos, e a êles se prende. Mas, se a mente indagar se existe a segurança, logo se tornam menos significativos os valores sensoriais. Eu posso dizer-vos que não existe segurança, ou outro qualquer vos dirá que existe; mais isso nenhuma importância terá. Entretanto, se puderdes descobri-lo por vós mesmos, tornar-se-vos-á extraordinàriamente claro, sem que isso seja um resultado de nossa própria "projeção". Assim, pois, é importante o autoconhecimento, visto que, ao explorarmos a nossa mente, começamos a descobrir, por maneira fundamental e básica, se realmente existe coisa chamada segurança, se a Realidade é certeza; e tem o autoconhecimento extraordinário poder criador, se o consideramos como um experimento, não visando a resultado algum; se experi-

mentarmos a nós mesmos e vivermos experimentalmente, tornam-se então as relações de tôda espécie um processo de auto-revelação. Se estou em relação e em contacto diário convosco, estou-me revelando a mim mesmo, a minha maneira de pensar e de agir; se observo atentamente estas relações da vida diária, é-me revelado o processo do meu pensar, do meu meditar, das minhas necessidades. Mas só consigo êsse autoconhecimento se estou vigilante. Se estou vigilante, percebo que uma das maiores dificuldades na vida de relação, sejam as relações com um só, ou com muitos, é o desejo de segurança, porquanto, podem existir relações sôbre uma base insegura? Podeis suportar a insegurança, com vossa espôsa e vossos filhos? Porque, logo que vos sentis inseguros, começais a investigar. E no momento em que ficais certos, podeis dormir. Nessas condições, o autoconhecimento assume extraordinária significação, quando começamos a inquirir se existe a certeza, e a interrogar a mente, que está sempre a procurar e a perseguir o conhecido.

Não sei se já observastes o processo do vosso pensar; se já o fizestes, tereis observado que o vosso pensar está sempre em movimento do conhecido para o conhecido, ou para um desconhecido de sua própria criação, empenhando-se na busca dêsse desconhecido, busca que, no fim, se converte em adoração a Deus. Vós criastes Deus, porque Deus representa a segurança fundamental; e se observardes com todo o cuidado o vosso próprio modo de pensar, o vosso próprio sentimento, vereis que estão absorvidos na segurança. Entretanto, com efeito, é em liberdade e na falta de certeza que se pode descobrir o que é a liberdade, e não na certeza, na aquisição, nas divisões de crenças ou de nomes. A propriedade e a crença se tornaram de im-

portância suprema, porque temos procurado a certeza através dos valores sensoriais, valores que a mente ou a mão podem criar, porque nêles parece existir a segurança. Mas, se entrásseis profundamente no problema da segurança, teriam então os valores sensoriais importância diminuta.

PERGUNTA: Podeis *explicar mais amplamente o que entendeis por meditação?*

KRISHNAMURTI: Vejamos primeiramente, com tôda a exatidão, o que se passa, qual é o problema, e teremos então a compreensão. Só então acharemos a resposta. Que entendemos, em geral por meditação? Examinemos o que acontece quando meditamos. Não vamos condená-lo. Não vamos julgá-lo. Vamos, apenas, examinar o que realmente fazemos ao meditarmos, uma vez que, compreendendo o problema, compreenderemos a sua solução.

Ora bem, que fazemos quando meditamos? Em primeiro lugar, sempre que atribuímos importância a uma crença, levantamos uma barreira. Vós o fazeis, porque vos disseram que o fizesseis. Em segundo lugar, se vos pondes a meditar, começa a vossa mente a vaguear. Porque vos disseram que vossa mente é sutil e que vos deveis concentrar numa só idéia, com exclusão de tôdas as outras, passais o tempo em conflito, procurando concentrar-vos numa idéia, enquanto, ao mesmo tempo, vossa mente vagueia. Se vos sentais à frente de um quadro, procurais concentrar-vos nesse quadro, ou procurais concentrar-vos numa palavra, ou numa frase, ou numa qualidade. No vosso desejo de segurança, vós vos concentrais em algo positivo, tal como um quadro, uma frase, uma idéia ou uma qualidade. A idéia, em geral, foi formulada pela mente, ou extraída de um livro. Isso é o que faze-

mos, esta é a fiel descrição do que se passa, não é verdade? Não sei se costumais meditar; talvez não o façais; mas, se o fazeis, não é isso exatamente o que ocorre? Isso é meditação?

Até agora temos considerado um homem capaz de fixar a mente numa determinada coisa, como algo extraordinário. Se êsse homem é capaz de fixar a mente na idéia de Deus, uma idéia por êle próprio criada, ou numa palavra, numa frase, e fica inteiramente possuído dessa idéia, dessa palavra, dessa frase, julgamo-lo um homem eminentemente religioso; e diremos, também, que êle sabe criar. Não é assim? O que eu quero dizer é que a mente, embora erradia, irrequieta, desordenada, procura a ordem, a segurança, e põe-se a perseguir uma idéia exclusiva, em geral uma idéia verbal. E quando um indivíduo é capaz de deter-se inteiramente numa idéia, a ponto de se identificar com ela, chamamo-lo um grande homem. Entretanto, a idéia não passa de uma mera "projeção". A frase é construída pelo próprio indivíduo, não é verdade? A palavra é repetida por êle. Nessas condições, vós vos pondes em estado de transe, à fôrça de repetir uma frase, uma palavra, uma idéia; e êsse cair em transe chamais meditação, ao passo que se trata de uma mera identificação com uma idéia "projetada"; porque a realidade é inconcebível, incognoscível, e não podeis pensar no incognoscível; só podeis pensar no cognoscível. E o que sabeis não é a Verdade, e, por conseqüência, ao criardes o conhecido, passais apenas por um processo de auto-hipnose. E' meditação isso? — cair em transe, concentrar-vos numa coisa com que estais inteiramente identificados e que não passa de uma "projecção" de vós mesmos? E' correto isso? O que fazemos, incansàvelmente, quando a meditar, é ùnicamente movermos do conhecido para o conhecido, e isso não é

descobrir o desconhecido. Afinal de contas, o homem é o resultado do passado, e quando a mente pensa em alguma coisa do futuro, significa que traduziu o passado no futuro, e tal coisa não é, portanto, o Real. Por conseguinte, se não é êste o processo adequado, qual é então o processo adequado? Como descobrir o desconhecido — eis o problema. Afinal, o objetivo da meditação é descobrir a Realidade; não é hipnotizar-se a respeito da realidade. A meditação é, afinal de contas, o descobrimento da beleza, do amor. Mas nada descobrireis, mesmerizando-vos ou entorpecendo-vos por meio de uma frase, de um mapa, ou .pela concentração numa coisa, com exclusão de tôdas as outras. Isso é uma forma de auto-hipnose.

O problema consiste, portanto, em descobrirmos se é possível encontrar-se o incognoscível, não achais? O que buscais é o incognoscível. Se vós o "experimentais" e passais a viver na "experiência" — tôdas as "experiências" pertencem ao passado — então, isso não é mais o Real. Sentis, por exemplo, uma extraordinária claridade, uma visão da Beleza e da Verdade. A mente registra essa "experiência" na memória, e fica apegada a ela, perdendo por essa maneira o contacto com o desconhecido. A memória se torna um obstáculo a alcançar-se o incognoscível. De que maneira, então, podereis encontrar o que não se pode conceber, o que não se pode formular, o que é imensurável, o Real? É êsse o problema que se apresenta na meditação, não é? A meditação não é prece, não é uma questão de concentração. Êsse ponto já examinamos. Pode a meditação, que é o resultado do conhecido, do passado, revelar o incognoscível, o desconhecido? Pode a mente, que é o resultado do conhecido, do passado, compreender, "experimentar", o incognoscível, o atemporal, o eterno? Qual é a resposta? A mente

só pode compreender o eterno, o atemporal, quando não está aprisionada no tempo. A mente só pode conhecer a Verdade, quando livre do tempo, do conhecido. Nessas condições, como pode a mente, que é o resultado do passado, libertar-se de uma idéia, de uma frase, da devoção a uma entidade superior, coisas essas, tôdas, inventadas pela mente? E' óbvio que, quando a mente fala de uma entidade superior, esta é já uma entidade conhecida. Não sei se percebeis o alcance disso.

O problema, portanto, não é "como meditar", que é evidentemente uma pergunta errada "Como" implica método. Método é o sabido e o sabido só nos pode levar ao conhecido. O meio cria o fim. Se o meio é o conhecido, o fim é o conhecido.

O problema, pois, é a mente, que se move do conhecido para o conhecido. Vós estudais, para descobrirdes o incognoscivel, o eterno, o atemporal. A mente não pode perceber o Real, a não ser libertando-se do conhecido. Que é o conhecido? A memória está constantemente acumulando idéias, posses, ou distinções. Pode a mente libertar-se das próprias criações? Pode a mente, que é o resultado do tempo, libertar-se do tempo? Porque, no momento em que ela está livre do tempo, existe o atemporal. A mente não está à procura do atemporal. Ela não sabe o que é o atemporal. Como pode, então, a mente libertar-se do tempo, do passado, do presente e do futuro? Só lhe é possível libertar-se do tempo, do presente, se ficar atenta para tôdas as coisas, para tudo o que estamos fazendo, agora, para todos os pensamentos e todos os sentimentos; se ficar vigilante, agora, e não amanhã. Porque o presente é a porta do tempo e o presente existe naquilo que estamos pensando, e não na hora indicada pelo relógio, pelo horário, ou pela rotina. Mas, com o percebimento do que pensais agora, desco-

brireis por que estais pensando e o que estais pensando. Isto é, se estais atentos, começais a ver que condenais, julgais, identificais, ou justificais. Mas isso não nos ajuda a saber o que estais pensando e qual é a causa do vosso pensar e a vossa reação a ela. É, pois, no saberdes o que estais pensando, no percebimento constante do que estais pensando, sentindo, fazendo, que encontrais o começo do autoconhecimento, que é — não só conhecimento das atividades conscientes, mas também de tôdas as atividades ocultas. Êste é o começo do autoconhecimento, e, portanto, o autoconhecimento é o começo da meditação, e não pode haver meditação sem autoconhecimento. Para meditar-se, necessita-se do autoconhecimento.

Por isso, a pergunta "como meditar?" é errônea, porquanto reclama apenas um método, uma coisa conhecida, uma técnica, que é o conhecido, para encontrar-se o incognoscível. Vêde como é ridículo isso. O meio cria o fim, e se o meio é o conhecido, o fim é também o conhecido, não sendo, conseqüentemente, o incognoscível, o atemporal. Portanto, o começo da meditação representa o começo do autoconhecimento. Isto é, pela vigilância, a mente começa a perceber as suas próprias atividades, e para conhecer-se o processo integral da mente não se precisa do tempo. Mas, se começais a exercer vigilância, indistintamente, isto é, sem condenação, justificação, identificação, o que é extremamente difícil, torna-se então o autoconhecimento uma fôrça eminentemente criadora. Afinal, o que é criador é criação, é o Real.

PERGUNTA: *Começo a sentir-me muito só. Que devo fazer?* (Risos).

KRISHNAMURTI: Não sei por que rides. Será porque desprezais a solidão, ou porque pensais que

é algo que não vos diz respeito? Deveis estar tão ocupados com vossas atividades sociais, que não podeis preocupar-vos de vós mesmos, nem sentir a vossa solidão. É esta a razão por que rides? Será muito interessante, senhores, descobrirdes em vosso íntimo a razão do vosso rir, porque, então, abrireis o caminho para o autoconhecimento, e se cultivardes o autoconhecimento, realmente, ardentemente, êle vos levará a alturas e profundezas surpreendentes, a uma alegria extraordinária, que, por outra forma, nunca chegareis a conhecer.

O autor da pergunta deseja saber por que se sente em solidão. Sabeis o que significa solidão, e estais cônscios dela? Duvido-o bastante, porque estamos abafados em atividades, em leituras, em relações, em idéias, e tudo isso impede-nos, verdadeiramente, de perceber a solidão. Mas, que quer dizer solidão? É um sentimento de vazio, de falta, de extraordinária incerteza, de não estarmos ancorados em coisa alguma. Não é desespêro, nem a falta de esperança, mas um sentimento de vácuo, de vazio e de frustração. Estou certo de que todos nós já a sentimos — todos, os felizes e os infelizes, os que vivem ocupadíssimos e os cultores do saber. Todos o conhecemos, êsse sentimento de uma dor real e incessante, um sofrimento que não podemos encobrir, por mais que o tentemos.

Entremos, portanto, de novo neste problema, para vermos o que de fato se passa, para vermos o que fazemos quando nos sentimos sós. Procuramos fugir ao sentimento da solidão, tomamos um livro, seguimos um guia, vamos ao cinema, ou nos lançamos em intensa atividade social; ou vamos adorar e rezar, ou pintar, ou escrever um poema sôbre a solidão. É isso o que realmente se passa. Ao terdes consciência da solidão, do sofrer que ela causa, do terror extraordinário e insondável,

que nos infunde, procuramos fugir-lhe, e essa fuga toma maior importância e por esta razão as vossas atividades, vossos livros, vossos deuses, e vossos rádios, tudo se torna importante. Não é verdade isso? Eu já disse que, quando atribuímos importância a valores secundários, êles nos levam ao infortúnio e ao caos; e os valores secundários são, necessàriamente, os valores sensoriais, e a civilização moderna, baseada que está nestes valores, oferece-nos êste meio de fuga — fuga, nos afazeres, na família, no nome, nos estudos, na pintura, etc. Tôda a nossa civilização está baseada na fuga. Isso é um fato.

Já experimentastes ficar só? Se o fizerdes, percebereis como é difícil, e quanta inteligência é necessária para estarmos sós, porquanto a mente não nos deixa ficar sós. A mente fica inquieta, ocupada com fugir. Mas, que fazemos nós? Procuramos preencher êste vazio extraordinário com o conhecido. Encontramos uma maneira de ficar ativos, de ser sociais, sabemos estudar e sabemos ligar o rádio. Estamos, portanto, preenchendo essa coisa que não conhecemos, com coisas que conhecemos. Procuramos preencher o vazio com o saber de vária espécie, com as relações, ou com as coisas Com êstes três procuramos enchê-lo. Não é assim? Êste é o nosso processo, esta a nossa existência. Pois bem; quando tendes percebimento do que fazeis, pensais ainda ser possível preencher aquêle vazio? Já experimentastes todos os meios de preencher o vazio da solidão. Conseguistes preenchê-lo? Tentastes o cinema, mas sem resultado e, por isso, apelais para os "gurus", os livros, ou vos tornais intensamente ativos, socialmente. Conseguistes preenchê-lo, ou apenas encobri-lo? Se apenas o encobristes, êle ainda existe. E, por isso, êle voltará, e se conseguirdes, afinal, escapar-lhe

de todo, sereis fechado num hospício, ou ficareis extremamente embotados, insensíveis. É isso o que está acontecendo no mundo.

Êsse vazio, êsse vácuo pode ser preenchido? Se não, podemos fugir dêle? E, se já o experimentamos e descobrimos que nada vale um determinado meio de fuga, não se deduz daí que todos os outros meios nada valem? Por conseguinte, não importa se preencheis o vazio com isso ou com aquilo. A meditação é também um meio de fuga. Por isso, não adianta variar os meios de fuga.

Como, então, ireis descobrir o que precisais fazer para eliminar o vazio? Só podeis descobrir o que deveis fazer, depois de desistirdes de fugir. Não é assim? Isto é, quando tendes a disposição de enfrentar a realidade (o que "é"), o que significa que não deveis ligar o rádio, o que significa que deveis voltar as costas à civilização, chega então ao seu têrmo a solidão, porque está completamente transformada. Já não é solidão. Porque, se compreendeis "o que é", isso é, então, o Real. — Porque a mente está continuamente a evitar, a fugir, a recusar a ver o "que é", cria ela os seus próprios obstáculos. Porque temos tantos obstáculos a impedir-nos de ver o "que é", nós não o compreendemos, e por isso nos afastamos da Realidade; e todos êsses obstáculos foram criados pela mente, para não ver o "que é". Porque, para se ver o "que é", requer-se não só muita capacidade de ação e vigilância, mas também que volteis as costas a tôdas as coisas que construístes, à vossa conta no banco, ao vosso nome, a tudo o que chamamos civilização. Ao vêrdes o que "é", vereis como se transforma a solidão.

PERGUNTA: *Não vos estais tornando nosso guia?*

KRISHNAMURTI: Há várias idéias contidas

nesta pergunta: que eu ingresse na política; que ajude a tirar a Índia do presente caos, etc. Examinemos a questão e averiguemos o seu significado. Primeiramente, porque desejais um guia? A questão não é de saber se eu sou um guia, ou se vós sois seguidores. ¿Porque se torna guia um indivíduo, e porque outro indivíduo deseja ser seguidor, quer o guia seja um homem qualquer, quer seja um guru? Desejamos um guia porque estamos na incerteza. Não sabemos o que pensar; estamos confusos, e porque, nessa confusão, não sabemos o que fazer, desejamos um protetor. Pollticamente, é assim que nasce a tirania do ditador. É o que está acontecendo e continuará a acontecer. Quando há confusão e estamos, psicològicamente, confusos, desejamos alguém para nos guiar. Há no mundo confusão, miséria, caos, exploração pelo rico, pelo capitalista, pelos mais hábeis, pelos mais inteligentes, pelos ideadores de sistemas — e êstes indivíduos se tornam guias ou chefes, fundam partidos, e porque não desejamos a anarquia, deixamo-los guiar-nos. Não queremos ficar em confusão, e por isso desejamos que alguém nos diga o que devemos fazer. E criamos assim os guias ou chefes. Porque os criamos?

Porque êste desejo de chefes? Porque esta procura de chefes? Não é porque desejamos estar em segurança? Não gostamos da incerteza sôbre coisa alguma. Pois bem: que acontece, então? Não sòmente criamos um chefe, mas também nos tornamos seus seguidores. Isto é, destruimos a nós mesmos, seguindo outro indivíduo. Quando, cegamente, seguis uma tradição, ou um guia, ou um partido, quando vos disciplinais, não estais destruindo o processo de vosso próprio pensar? E, em lugar do pensar, estabelece-se a confusão — mas ninguém poderá implantar a ordem, senão vós

mesmos. Temos agora um excepcional estado de confusão, e vós não desejais encará-lo. Que acontece, então? Que fazem os guias? Levantam-se, e falam, e se tornam chefes. Mas o que êles prometem é preciso que cumpram em atos, e quando não podem cumprí-lo, sentem-se frustrados.

Nessas condições, a exploração existe não só entre operário e patrão, mas também entre o seguidor e o guia, pois, se o guia não conduz, sente-se perdido. Se o guia não sobe ao palanque para falar, que será dêle? Vós não sòmente criais o guia, senão também, em virtude da frustração e confusão dêle próprio, o explorais. A exploração é mútua. Já não notastes isto? Como o guia depende de vós, e vós dependeis do guia, aonde seremos conduzidos?

Êste desejo de criar um chefe é uma forma de preenchimento egoísta. Vós vos preencheis no chefe, e êle se preenche em vós, com procurar salvar-vos e guiar-vos. Mas, êle é o chefe que vós criastes, e, por isso, a exploração é mútua, e também mútuo o preenchimento egoísta, e, conseqüentemente, não somos conduzidos a parte alguma. Trata-se de evidente exploração, se há apenas preenchimento egoísta por meio de uma organização. Se há preenchimento, somos levados à frustração, e como não desejamos ser frustrados, vivemos sempre à espreita do inevitável. E por isso o guia se torna muito importante. Êle tem de ser o guia, e vós tendes de ser os seguidores.

Ora, eu não desejo preencher-me por essa maneira. Não creio no preenchimento; êle conduz ao infortúnio. Conduz ao caos, e como não dependo de vós, financeiramente, ou para minhas necessidades psicológicas, eu não sou vosso guia. A mim não importa que haja um só, ou muitos, ou nenhum ouvinte, para as minhas palavras. Não acre-

dito na exploração mútua, conducente a indignidades e intrigas as mais absurdas, e por isso eu não sou vosso guia, e vós não me fareis o vosso chefe. Isso é muito simples, porque é necessário haver as duas partes, o que quer guiar, e o que quer ser guiado. Como não desejo guiar, como não desejo seguir ninguém, estou desclassificado a êste respeito. Porque a verdadeira Realidade não pode ser achada com seguirmos a quem quer que seja; ela não é preenchimento. Ela só vem à existência, quando ausente o "ego", quando estamos livres das necessidades psicológicas, quando a mente está livre para agir, na busca de alguma coisa. A busca é indicativa de criação, e quando cessam todos os desejos, há, então, a Realidade.

PERGUNTA: *Qual é a diferença entre crença e confiança? Porque condenais a crença?*

KRISHNAMURTI: Vejamos primeiramente o que é crença e o que é confiança. Que quer dizer crença? Porque necessitamos de crer? Não é porque temos o desejo de estar certos, seguros? Psicològicamente, é perturbador não se ter uma crença, não é verdade? Se não tendes crença em Deus, ou num partido político, ficareis muito perturbados, não é exato? O temor, a crença na reincarnação, e em dúzias de coisas. Nessas condições, a crença é uma exigência de segurança, feita pela mente, e, por isso, que acontece? A mente, procurando segurança, procurando a crença, cria a crença. Ela a cria por si mesma, ou aceita as crenças de outros, e, quer ela própria a tenha criado, quer a tenha recebido de outros, a mente adota-a e diz "eu creio". Ou, "projeta" a crença para o futuro e faz dela uma certeza, uma garantia, de acôrdo com a qual a mente disciplina a si própria.

Como fatôres diferentes só podem conduzir a crenças diferentes, um crê em Deus, e outro crê que não há Deus. Um é maometano, outro hindu, outro cristão, e que acontece então? O desejo de estar em segurança, psicològicamente, cria infalìvelmente a divisão, porquanto estais criando e dando importância a várias coisas que são secundárias.

Vêde o que a crença está fazendo no mundo. Política ou religiosamente, há inúmeros planos, que acreditais capazes de resolver as nossas dificuldades. Há crenças religiosas extraordinàriamente variadas, e cada indivíduo se atém à sua própria crença, porque ela lhe dá confôrto; e o indivíduo se torna um meio de propaganda e exploração. A crença, inevitàvelmente, divide. Quando tendes uma crença e buscais a segurança em vossa crença pessoal, vós vos separais daqueles que procuram a segurança em outras formas de crença. Por conseqüência, tôdas as formas de crença se baseiam no separatismo, embora preguem a fraternidade. É precisamente o que está acontecendo no mundo, porquanto a crença é uma oculta exigência psicológica de preenchimento. Isto é, com preencherdes a vós mesmos mediante uma crença, pensais que sereis felizes. É por isso que a crença se torna um fator extraordinàriamente importante, na religião, na política, etc..

Se vos sentísseis um ser humano, julgais que estaríeis lutando por essa maneira? Sois um hindu a lutar com um muçulmano e a vos matardes mùtuamente; os inglêses lutaram contra os alemães, e assim por diante. Como vimos, a crença se forma em virtude do desejo de preenchimento, de segurança; e porque reclamamos segurança e lutamos para alcançá-la, temos um fim, um objetivo, e êsse fim, é uma "projeção" de nós mesmos. Se o fim fôsse desconhecido, não teríamos crença. Êle é uma

"projeção" do indivíduo e, por isso, gera o separatismo, tornando-se uma barreira entre vós e os outros, e isso é exatamente o que está acontecendo. Não estou inventando uma teoria, mas sim, descrevendo um fato, um fato psicológico e orgânico. Todos — chefes e seguidores — acreditam num padrão, porque o julgam muito seguro. Se analisardes a crença, com muito cuidado, verificareis que ela é uma forma de preenchimento, de exploração mútua, e que não conduz a solução alguma. Eis o que a crença tem feito por nós.

E que significa confiança? A maioria de nós confia em alguém ou em alguma coisa. Se praticastes uma coisa, se lestes livros, etc., isto vos dá uma certa confiança, porque haveis praticado, executado uma coisa muitas vêzes, com confiança. É uma forma de agressividade, isso. Sabeis fazer uma coisa, e estais satisfeitos com vós mesmos. "Sei fazer isso, e você não sabe". A confiança num nome, numa capacidade, é agressão, não achais? Tal confiança é por igual exploração, a qual, também, tem afinidade com a crença. Por conseqüência, a crença e a confiança são coisas semelhantes. São as duas faces da mesma moeda.

Mas, há uma outra espécie de confiança, que nasce com o autoconhecimento. Não devia pròpriamente chamar-se confiança, mas, à falta de melhor têrmo, chamemo-la "confiança". Quando há o percebimento, quando a mente está cônscia do que pensa, do que sente e do que faz, não só nas camadas superficiais da consciência, mas ainda nas camadas ocultas e mais profundas, quando estamos plenamente cônscios de tudo quanto se contém na consciência, vem então um sentimento de liberdade, de segurança, dado por êsse conhecimento. Quando sabeis reconhecer uma serpente, vós estais livre dela, não é verdade? Quando sabeis que de-

terminada coisa é venenosa, sentis uma segurança, uma liberdade, até então desconhecidas. Há uma segurança, uma alegria extraordinária, uma esperança criadora, um sentimento de vitalidade, depois de explorarmos o nosso "ego", e nada disso se baseia na crença. Depois de devassado o "ego", depois que todos os seus artifícios e recessos são conhecidos da mente, está a mente, então, assegurada do seu criador, e, por conseguinte, ela cessa de criar, e nesse cessar há criação.

Senhores, não estejais hipnotizados. Podeis, como disse no início desta palestra, estar naquele estado acolhedor, para que a semente lançada crie raízes. Espero com tôda a sinceridade que a semente haja vingado, porque não são palavras, não é o ouvirdes as minhas palestras, o que vos dará a liberdade. O que vos libertará, o que livrará a todos nós do pecado e do sofrer, é aquêle sentimento, aquela percepção do que "é". É o conhecê-lo exatamente — e não o traduzi-lo, explicá-lo, pô-lo de lado — é o conhecê-lo exatamente, o percebê-lo livremente, que traz a liberdade. E é só pela liberdade que se dá a conhecer a Verdade.

9 de Novembro de 1947.

V

Seria altamente interessante se pudéssemos empreender juntos a jornada do descobrimento de nós mesmos, mas, infelizmente, a dificuldade da maioria de nós reside em estarmos habituados a observar, em vez de participar; preferimos assistir ao jôgo, como espectadores, a ser os próprios jogadores. Penso que seria proveitoso jogarmos todos a partida, produtivamente, em vez de ficarmos a observar outra pessoa a pensar, a sentir e a viver. A dificuldade da maioria de nós está em que esquecemos a maneira de jogar, participando ativamente, compartilhando e descobrindo por nós mesmos. Estamos habituados a que nos digam o que fazer, o que pensar, e a que nos mostrem a maneira correta de agir. Perdemos o hábito de descobrir por nós mesmos o processo de nosso próprio pensar, única fonte da ação. Por conseguinte, se possível, não sejamos meros espectadores, mas tomemos parte ativa no que se está discutindo, o que significa devermos estabelecer uma relação de plena comunicabilidade entre nós, entre vós e mim. Os mais de nós estamos em relação uns com os outros, verbalmente, e a dificuldade consiste em ultrapassar êsse nível verbal e alcançar um nível mais profundo, no qual possamos, simultâneamente, compreender a mesma coisa; porquanto, em verdade, só tem finalidade a comunhão quando ambas as partes compreendem. Se vós compreendeis e eu não compreendo, cessa a comunhão entre nós, e a dificuldade reside sempre em estabelecer-se a verdadeira comunhão, em nível idêntico, e ao mesmo tempo, de sorte que haja compreensão

instantânea. Por isso, julgo que seria vantajoso fazermos juntos a jornada, e não que fiqueis apenas a observar-me a fazer a viagem e a contar-vos ou descrever-vos os resultados da mesma. Tal seria inteiramente inútil.

O que estivemos a discutir nos últimos domingos pode ser exposto em bem poucas palavras, penso-o; e quanto mais simples a exposição, tanto mais clara. Entretanto, se a simplificamos exageradamente, torna-se o problema inexistente. Todavia, êle continua presente. Nosso problema se relaciona com a felicidade e a maneira de vencer-se o sofrimento. Desejamos a felicidade, e, contudo, nosso companheiro constante é o sofrimento. Empreendamos, pois, juntos, a jornada e vejamos o que nós mesmos pensamos a respeito do problema, encarando-o como coisa nova, e não como uma coisa que eu estivesse a observar em vós mesmos e a descrever-vos, e vós estivésseis apenas a escutar-me e a dar-vos conta do significado de minhas palavras. Estejamos pois atentos, todos juntos, ao mesmo tempo, no mesmo nível, de modo que possamos realmente aprofundar-nos, cada vez mais, em cada uma de nossas discussões e em cada uma destas palestras.

Não é certo que procuramos a felicidade, por meio das coisas, das relações, das idéias, do pensamento? Destarte, o que se torna de suma importância são as coisas, as relações, as idéias, e não a felicidade. Isto é, tôda vez que buscamos a felicidade em alguma coisa, esta coisa é que fica sendo importante, e não a felicidade. Assim exposta, a questão parece muito simples, e de fato é muito simples. Visto que buscamos a felicidade na propriedade, na família, nas idéias, assumem tôda a importância a propriedade, a família e as idéias; contamos sempre encontrar a

felicidade em alguma coisa. Mas, pode encontrar-se a felicidade em qualquer coisa que seja? As coisas feitas pela mão ou pela mente assumiram importância maior do que a própria felicidade, e, em vista da evidente impermanência das coisas, das relações e das idéias, somos sempre infelizes. Quer dizer, buscamos a felicidade nas coisas, e descobrimos que não existe, nelas, a felicidade. Se examinarmos um pouco mais atentamente, veremos que as coisas não trazem a felicidade. Do mesmo modo, se nos transferimos a outro nível, o nível das relações entre nós e outros, seja a sociedade, a família, ou a nação, depara-se-nos a enorme dificuldade de ajustamento entre nós e os outros. Assim sendo, se observardes a questão com tôda a atenção, descobrireis que há uma extraordinária impermanência na vida de relação, malgrado os nossos esforços por ancorar-nos nela e por fazer dela um refúgio e um abrigo seguro. O mesmo acontece com relação ás idéias. Um sistema de idéias pode ser destruído por outro sistema de idéias, e assim por diante. A pesar de tudo, não parecemos reconhecer a impermanência de tôdas as coisas, entendendo-se o têrmo não no seu sentido metafísico, mas na sua acepção comum. As coisas são impermanentes, gastam-se. Na vida de relação há constante atrito. O mesmo se dá com as idéias e as crenças, que não têm estabilidade alguma. Todavia, buscamos em tudo isso a nossa felicidade, porque não reconhecemos a impermanência das coisas, das idéias e das relações. E, por essa maneira, depois de experimentarmos um dado conjunto de coisas, um dado conjunto de relações, passamos a outro, e continuamos a virar página por página, sempre na esperança de encontrar a felicidade, e sem encontrá-la nunca. E' assim que se torna o sofrimento

nosso companheiro constante, e o triunfo sôbre o sofrimento o nosso problema principal.

Mas, como podemos triunfar do sofrimento? Nunca perguntamos a nós mesmos se é possível achar-se a felicidade numa coisa, no saber, no contacto com outros, ou em Deus. Pode alcançar-se a felicidade por meio de um objeto, ideológico ou físico? É inevitável o sofrimento, enquanto buscamos a felicidade nalguma coisa. Não é exato que sempre procuramos a felicidade numa coisa qualquer e quando a não encontramos neste mundo, passamos ao outro mundo; quando a não encontramos na família, na virtude, nas idéias, tentamos encontrá-la numa entidade permanente chamada Deus? Portanto, é sempre numa coisa, sempre num objeto que queremos achar a felicidade.

O problema é, portanto, o seguinte: a felicidade, que nunca se encontra em coisa alguma, pode afinal ser encontrada? Se a não encontro numa coisa, pode ela existir, ou sou feliz sòmente quando procuro a felicidade, quando não desejo achá-la numa coisa? Pode a felicidade existir por si mesma? Para o descobrir, cumpre-nos explorar o rio do autoconhecimento. Mas o autoconhecimento não representa, em si, um fim. E' como se seguíssemos um rio até suas nascentes. E' a nascente que constitui o rio? De certo que não. E' cada gôta dágua, do princípio ao fim, que constitui o rio, e é erro imaginar-se que encontraremos a felicidade na nascente. A felicidade não pode encontrar-se em coisa alguma, mas só no acompanharmos o rio do autoconhecimento, isto é, nós mesmos.

Nossa dificuldade consiste, portanto, em que temos de acompanhar não somente os nossos impulsos, necessidades e intenções conscientes, mas

também os inconscientes. Os que temos escutado com certo interêsse, já devemos ter feito a experiência de acompanhar conscientemente os nossos pensamentos e sentimentos. Quando tomamos conhecimento de nossos pensamentos, sentimentos e idéias conscientes, libertamos a mente de todo conflito, de tôdas as tribulações e confusões e começamos a receber os pensamentos e comunicações do inconsciente. Sendo assim, para começarmos a acompanhar a corrente do autoconhecimento, é necessária a clarificação do consciente, ou seja, que tenhamos conhecimento do que se passa no consciente. Isto é, com o conhecimento das atividades conscientes, o que vos asseguro ser muito difícil, podem ser compreendidos os pensamentos inconscientes e os nossos ocultos impulsos e intenções. E como o consciente é o presente, o agora, é através do presente que se poderão compreender os nossos pensamentos inconscientes e ocultos; e êsses pensamentos inconscientes e ocultos não podem ser compreendidos por nenhuma maneira senão pelo tornar-nos intensamente cônscios do presente e pelo libertar-nos de tôdas as complicações, de tôdas as ações e pensamentos incompletos que a cada instante se nos insinuam na mente consciente.

Assim, pois, todos os que realmente queiramos experimentar, que desejemos realmente empreender a jornada, devemos libertar os pensamentos que ocupam a nossa mente consciente. Isto é — para falar de maneira mais simples — a mente consciente está, sem dúvida, ocupada com os problemas imediatos, o emprêgo, a família, os estudos, a politica, o Brâmane e não Brâmane, e assim por diante. Ora, se não compreendemos êsses problemas da mente consciente e não tratamos de eliminá-los, como poderemos ir por

diante? E essa eliminação não representa o constante problema de nossa vida? Ocupamo-nos com êsses problemas — o estado, o nacionalismo, a divisão de classes, a propriedade, as relações e as idéias — problemas que incessantemente se nos insinuam na mente consciente. Como iremos resolver o problema da propriedade e da divisão de classe? — da propriedade, êsse fator de tantos ódios e inimizades, de divisões de classe, de tanto conflito e desespêro? Com êsse problema se ocupa, realmente, a nossa mente consciente. E se o não eliminarmos, por certo não nos será possível ir muito longe no acompanharmos o rio do autoconhecimento.

Portanto, o que em primeiro lugar necessitamos é dêsse comêço extraordinário, que consiste em dar um passo. Assim, pois, aquêles que desejem fazer a travessia para a outra margem, que desejem ver e descobrir aonde os conduzirá o autoconhecimento, precisam, por certo, tomar sentido, conscientemente, de tudo o que pensam e sentem, dos seus hábitos, tradições, expressões verbais, da maneira com que falam às suas espôsas, aos seus servos, e aos seus superiores imediatos. Isso revelará como está funcionando a mente, e podeis, daí, caminhar para a frente e, caminhando, fazer vossas descobertas; e a descoberta do real é a felicidade, que não nos vem através de coisa alguma, mas que é, em si mesma, tal como o amor, eterna; o amor é eterno, não porque amais alguém, o amor é eterno em si mesmo.

PERGUNTA: *Disseram-me que não ledes livros filosóficos nem religiosos. Custa-me crê-lo, pois, ao escutar-vos, parece-me evidente que deveis ter lido algo ou possuir uma fonte secreta de saber. Sêde franco, por favor.*

KRISHNAMURTI: Nunca li livros sagrados, seja o Bhagavad-Gita, ou o Upanishads. Nunca li um tratado filosófico, antigo ou moderno; tampouco existe fonte secreta da sabedoria, porquanto vós mesmos e eu é que somos a fonte da sabedoria. Somos o repositório de tôdas as coisas e de todo o saber. Porque nós somos o resultado do passado, e no compreendermos a nós mesmos, descobrimos todo o saber e portanto tôda a saberia. Por conseguinte, o autoconhecimento é o comêço da sabedoria, e podemos encontrá-la sem ler um livro, sem recorrer a um guia ou seguir um iogue. Exige êle enorme persistência e vigilância mental, e asseguro-vos que, ao começardes a explorar-vos, encontrareis um deleite e um êxtase incomparáveis. Mas, visto que a nossa mente está, em geral, narcotizada pelas idéias de outras pessoas e pelos livros, e visto que está constantemente a repetir o que outro disse, tornamo-nos repetidores e não pensadores. Se citais o Bhagavad-Gita, ou a Bíblia, ou os livros sagrados chineses, por certo não fazeis mais do que repetir.

Não achais? E o que repetis não é a Verdade. E' uma mentira, pois a Verdade não pode ser repetida. Uma mentira pode ser ampliada, encarecida e repetida, mas a Verdade não pode; e quando repetis a Verdade, deixa ela de ser a Verdade, e por isso são destituídos de importância os livros sagrados, uma vez que, através do autoconhecimento, através de vós mesmos, podeis descobrir o eterno. Representa o autoconhecimento uma tarefa realmente árdua, pois não tem comêço e não tem conclusão, com uma solução final. Não tem nem comêço, nem fim. Deveis começar onde vos achais, ler cada palavra, cada frase e cada paráprafo, mas não podeis ler, se ficais a condenar, a justificar, se vos interessais apenas verbal-

mente e recusais o que é doloroso, e se não estais atento para todo vestígio de pensamento. E só podeis estar atentos, despertos, se há espontaneidade, porquanto uma mente controlada é uma mente disciplinada e jamais poderá compreender a si própria, fixada que está num determinado padrão. Mas, momentos há em que a própria mente disciplinada, a mente narcotizada, é espontânea, e nesses momentos de espontaneidade é-nos dada a possibilidade de fazer descobertas, de transcender as ilusões da mente. Não havendo, pois, fonte secreta e não se encontrando a sabedoria em livro algum, descobrireis que o real está muito perto, porque está em vós mesmos, e essa descoberta exige atividade extraordinária e constante vigilância. O autoconhecimento não nos vem pelo estudo, num gabinete, a sós. Se tiverdes a mente vigilante, e ao mesmo tempo passiva, podereis acompanhar cada segundo do dia, e mesmo durante o sono continuará a mente a funcionar. Se durante o dia vos tiverdes conservado vigilantes, extraordinàriamente despertos, vereis que a mente recolheu avisos e sugestões, que poderão ser seguidos no correr da noite. Assim, a todo aquêle que desejar descobrir a verdade, o real, o eterno, cumpre que abandone todos os livros, sistemas, "gurus", pois aquilo que deseja achar só se achará quando compreender a si próprio.

PERGUNTA: *Atualmente, em nosso país, está o govêrno procurando modificar o sistema educativo. Podemos conhecer as vossas idéias sôbre a educação, e como pode ser ministrada?*

KRISHNAMURTI: Êste assunto é de enorme magnitude, e querer tratá-lo em poucos minutos

é de todo absurdo, dada a vastidão do seu conteúdo; entretanto, expô-lo-emos o mais clara e simplesmente possível, porque há sempre um grande deleite em ver-se uma coisa claramente, sem se estar influenciado pelas opiniões, idéias e ensinamentos de outras pessoas, sejam elas o govêrno, os especialistas, ou os luminares da pedagogia. Que tem acontecido pelo mundo, após tantos séculos de educação? Tivemos duas guerras catastróficas, que por pouco não destruiram o homem, isto é, o homem como agente de cultura.

Vimos que a educação falhou, resultando na mais horrível destruição que o mundo já conheceu. Que sucedeu depois? Reconhecendo a falência da educação, os governos começaram a interferir, com o fim de controlar a educação. Não é verdade isso? Querem os governos dirigir a vossa educação, controlar-vos o pensamento, ensinar-vos *o que pensar*, e não *a pensar*. Assim, pois, sempre que o govêrno intervém, surge o disciplinamento, a sistematização, como temos visto ocorrer no mundo inteiro. Não importa aos governos a felicidade das massas, o que lhes interessa é a produção de uma máquina eficiente; e, como estamos numa era técnica, o que êles querem são técnicos, para montarem a maravilhosa máquina moderna, chamada sociedade. Esses técnicos funcionarão com tôda a eficiência, e, portanto, automàticamente. E' isso um acontecimento mundial, sejam os governos da direita ou da esquerda. Não querem os governos que penseis, mas, se pensais, tendes então de pensar segundo uma determinada orientação ou em conformidade com os mandamentos das organizações religiosas. Acabamos de passar por êsse processo — o contrôle pela religião organizada, pelos sacerdotes e pelo Govêrno. Dêle resultou desastre e a exploração do homem.

Se o homem é explorado em nome de Deus, ou em nome do Govêrno, vem a dar no mesmo. Mas como o homem é humano, chega o dia em que êle deita abaixo o sistema. Êste é, pois, um dos problemas; enquanto a educação fôr a serva do govêrno, não há esperanças. Tal é a tendência que por tôda a parte encontramos, na época atual, ou inspirada pela direita, ou pela esquerda porquanto se se deixar o indivíduo pensar por si mesmo, poderá rebelar-se, e por essa razão é necessário eliminá-lo. Há vários métodos de eliminação, que escusa examinar.

Senhores, ao considerarmos o problema da educação, precisamos saber qual é a finalidade da educação, a finalidade da vida. Se nos falta clareza a êsse respeito, para que então somos educados? Que é que tem real importância? Para que vivemos? Por que lutamos? Se não vos está claro isso, não tem a educação significado algum, não achais? Uma época será técnica, outra religiosa, a seguinte outra coisa qualquer, e assim por diante. Estamos falando a respeito de um sistema e não é, pois, interessante verificarmos para que êle serve? Estais sendo educados ùnicamente para terdes um emprêgo? Nesse caso, estais fazendo da vida um meio para terdes um emprego, e de vós mesmos um homem adaptável a uma rotina. E' essa a finalidade da educação? Precisamos considerar o problema sob êsse aspecto, em vez de limitar-nos a repetir chavões. Para uma vida que não esteja liberta de todos os sistemas, quer modernos, quer antigos, que não esteja liberta, mesmo das idéias mais avançadas e progressistas, não terá a educação significado algum. Se ignorais para que viveis, se desconheceis a finalidade da educação, porque então tanta balbúrdia em tôrno da educação? Nas condições atuais,

estais sendo levados à bôca dos canhões. Estais sendo convertidos em carne para canhão. Se é isso o que queremos, importa então que nos tornemos altamente eficientes na arte de matar, e é isso, exatamente, o que está acontecendo, não é verdade? Existem atualmente mais exércitos, mais armamentos, aplica-se mais dinheiro para fins de guerra bateriológica e destruição atômica, do que nunca, em tôda a história, e para que possais desempenhar-vos eficientemente de vossos misteres, é necessário que sejais técnicos de primeira ordem, e, por conseguinte, estais-vos tornando instrumentos de destruição. Tudo isso não se deve à educação? Estais-vos tornando carne para canhão, e vossas mentes estão sendo disciplinadas para êsse fim. Ou, quando não é assim, vós vos tornais industriais, poderosos homens de negócios, a amontoar dinheiro, àvidamente, ou, se tal não vos interessa, aplicais-vos ao estudo, aos livros, ou aspirais a uma vida de cientista, fechada num laboratório. E, se existe uma finalidade mais elevada para as nossas vidas e nós a não descobrimos, tem então a vida muito pouca significação; é como se estivéssemos a suicidar-nos, e de fato estamo-nos suicidando, com o tornar-nos máquinas, máquinas religiosas ou políticas. Assim sendo, se não descobrimos qual é a finalidade da vida, a educação é de importância insignificante.

Qual é então a utilidade ou a finalidade de nossa vida? Não vou dizê-lo, e não conteis com isso. Estamos viajando juntos. Devemos voltar as costas a tôdas as divisões e distinções, isto é, devemos encontrar o que é real, o que é Deus, o que é eternidade e o que é felicidade; porque ao homem que já é feliz nada preocupa. Um homem apaixonado, ama a todo o mundo. Não existem para êle distinções de classe. Não lhe interessa

liquidar outra pessoa, porque essa pessoa tem mais do que êle. Se a felicidade é a verdadeira finalidade, não tem então significado algum o que estamos fazendo atualmente. Para achar a realidade, é necessário que haja liberdade, necessário que estejamos livres do pensamento condicionado, pois só assim poderemos descobrir se alguma coisa existe para além dos valores sensoriais. Não é da absurda liberdade política, que necessitamos, é da libertação de todo condicionamento, de tôdas as exigências psicológicas que nos condicionam o pensar. Virá a liberdade pela educação, por qualquer sistema de govêrno, quer da esquerda, quer da direita? Podem os pais, ou o ambiente, dar a liberdade? Se assim é, adquire o ambiente importância extraordinária, porquanto os pais precisam ser educados nas mesmas condições que o educador. Se o educador está confuso, condicionado, estreitado, limitado, tolhido por idéias supersticiosas, antigas ou modernas, o educando sofrerá.

O educador é, portanto, muito mais importante; isto é, a educação do educador é mais importante do que a educação da criança. Significa isso que são os pais e os mestres que primeiro precisam ser educados. Mas querem êles ser educados, ser radicalmente transformados? Absolutamente, e pela razão muito simples de que desejam a permanência. O que querem é o "status quo", i.e., que as coisas fiquem como estão, com guerras, e concorrência, e um mundo político em que ninguem se entende, em que todos vivem a empurrar-se e destruir-se mùtuamente.

Vós me perguntais o que eu faria relativamente à educação. E' matéria muito vasta. Se desejais que as coisas continuem como estão, deveis aceitar o sistema atual, que só nos traz guerras e

confusão constantes, e nunca um momento de tranquilidade. E é muito mais difícil educar o educador do que a criança, porque o educador já se tornou estúpido. Não me parece que compreendeis o que está sucedendo no mundo e como tudo se apresenta catastrófico. O educador está se tornando insensato, e não sabe o que fazer. Está confuso. Passa de um sistema para outro, de um mestre para outro, dos mais modernos aos mais antigos, sem nunca encontrar o que procura, pela razão muito simples de que não descobriu que a fonte da confusão está em si próprio. Como pode um homem em tais condições despertar a inteligencia em outro homem? Êste é, pois, um dos problemas.

Que é a criança? E' um produto de vós mesmos, não é verdade? Por isso mesmo, já está condicionada, não achais? Ela é o resultado do passado e do presente. A idéia de que, se lhe déssemos liberdade, a criança se desenvolveria naturalmente, parece falaz, porquanto, em verdade, a criança é o próprio pai, e o pai a criança, com certas modificações de tendências. Para dardes liberdade a uma criança, precisais primeiramente compreender a vós mesmos, que lhe dais a liberdade e que a educais. Se tenho a missão de educar uma criança, mas não compreendo a mim mesmo e começo, assim, com a minha "reação condicionada", de que maneira posso dar-lhe instrução? De que maneira posso despertar-lhe a inteligência? Esta é uma parte do problema. Há, ainda, a alimentação, os desvelos e o amor. Em geral, não temos verdadeiro amor aos nossos filhos, embora gostemos de falar dêsse amor. Senhores, a educação é coisa importantíssima, e sem o amor não vejo como possa haver educação. Quando amais uma pessoa, vós a compreendeis,

porque é êsse vosso sincero empenho. Amamos os nossos filhos? Amamos nossas espôsas, ou maridos? Amamos o nosso próximo? Não; porque, se os amássemos, êste mundo seria diferente. Não há verdadeira educação, quando ela é ministrada de acôrdo com um sistema. Quando amamos, tem de haver comunhão instantânea, no mesmo nível e ao mesmo tempo, mas, como estamos estéreis e vazios, os governos e os sistemas assumiram a nossa missão. O educador torna-se importante, torna-se significativo o ambiente, porque nós não sabemos amar.

Não duvido de que achareis que eu nada disse de positivo a respeito da educação. Mas, não é o pensamento negativo a mais elevada forma de pensar? Não é certo que a sabedoria vem através da negação? Não ponhais o que digo em vossas garrafas velhas, privando-vos assim do seu perfume. Senhores, estai certos de que para se transformar o mundo é necessária a regeneração dentro em nós mesmos. Sabemos que há planos para a educação dos nossos filhos, mas, naturalmente, os planos não têm amor. E' por isso que se produzem máquinas. Temos intelecto, mas que é feito dêle? Estamos virando carne para canhão. Não somos criadores. Não somos pensadores. Não sabemos amar, e estamos apenas a mourejar, com as nosas mentes rotineiras, e, por isso, nos tornamos ineficientes; assim, o govêrno, que quer eficiência, para a destruição, vai tornar-nos eficientes. Mas há uma eficiência inspirada pelo amor, que está muito acima da eficiência da máquina.

PERGUNTA: *Dizem que está ainda franqueado à humanidade o método tradicional de se alcançarem os Adeptos ou os Mestres, mediante preparo dado por êles próprios ou pelos*

seus discípulos. Destinam-se os vossos ensinamentos àqueles que estão trilhando êsse caminho?

KRISHNAMURTI: Senhores, examinemos de verdade essa questão relativa aos vários caminhos conducentes a uma realidade fundamental. Ora, um caminho só pode conduzir a algo que já é conhecido, e o que é conhecido não é a verdade. Quando conheceis alguma coisa, deixa ela de ser a verdade, porque é coisa do passado, coisa de todo estacionária. Por essa razão, o que é conhecido, está enredado no tempo, e por conseguinte não é a verdade, não é o real. Assim, pois, um caminho que conduza ao que é conhecido, não pode conduzir à Verdade, e qualquer caminho só pode conduzir ao que é conhecido e nunca ao desconhecido. Vós tomais por um caminho que leva a uma aldeia, a uma casa, por que sabeis onde a casa está situada, na aldeia, e há muitos caminhos conducentes à vossa casa e à vossa aldeia. Mas a realidade é o imensurável, o desconhecido. Se a pudesseis medir, ela não seria a verdade. Porque, nada do que haveis aprendido nos livros ou por afirmações de outros, é real; é mera repetição, e o que se repete não é mais a Verdade.

Existe, pois, um caminho conducente à Verdade? Até agora pensávamos que todos os caminhos conduzissem à Verdade. Conduzirão mesmo? O caminho do ignorante, o caminho do malevolente, conduzirá à Verdade? Êste indivíduo precisa abandonar todos os caminhos, não é verdade? Um homem aplicado em matar gente, em nome do Estado, pode encontrar a Verdade, a menos que abandone tal ocupação? Assim, pois, não são todos os caminhos que conduzem à ver-

dade. O homem devotado ao saber não pode achar a Verdade, porque o que lhe interessa é a erudição, e não a Verdade. O homem que admite a divisão, encontrará a Verdade? Nunca, é claro, porque escolheu um certo caminho, e não o todo. O homem de ação encontrará a Verdade? É óbvio que não, pela simples razão de que quando nos interessamos sòmente por uma parte não podemos achar o todo. Significa isso que a ciência, a divisão e a ação, separadamente, não podem conduzir senão à destruição, à ilusão e à intranquilidade. É o que tem acontecido. O homem que se tem dedicado à ciência, por amor à ciência, acreditando que ela o conduziria à realidade, se tornou um cientista, mas que tem feito ao mundo a sua maravilhosa ciência? Não estou condenando a ciência. O cientista é igual a vós e a mim; só em seu laboratório difere de nós. É igual a vós e a mim, na sua estreiteza, nos seus temores e no seu nacionalismo.

Assim, pois, o homem que de fato busca a realidade precisa do devotamento, do saber e da ação. Não representam essas coisas três caminhos separados, conduzindo a algo extraordinário chamado Realidade. Todavia, o devotamento a uma determinada coisa, não passa de simples fantasia. Retire-se o objeto do devotamento, e eis o homem perdido e disposto a lutar e a tudo fazer por conservá-lo. Por conseguinte, isso já não é devotamento. É apenas uma válvula emocional, ajustada a uma coisa que êle denomina devotamento, mas o homem realmente devotado, está devotado à busca, em si, e não ao conhecimento.

Acreditar-se que há um caminho que nos leva aos Mestres, aos Adeptos, ou um meio de alcançá-los através de seus discípulos, é também um tanto fantástico. Não o achais? Porque a sabedo-

ria não pode encontrar-se por intermédio de um discípulo, nem por intermédio de um Mestre. A felicidade não se encontra por nenhum outro meio, senão pelo abandono da idéia de sermos nós os poucos eleitos, com o privilégio de palmilhar um caminho especial. Essa idéia dá-nos apenas um sentimento de certeza, um senso de engrandecimento. A idéia de que o vosso caminho é a via direta e que o nosso levará mais tempo, é resultado de um pensar não amadurecido. Não divide ela a humanidade em caminhos sistematizados? Só os indivíduos amadurecidos encontrarão a Verdade. Aquêle que alcançou a madureza não segue caminho algum, seja o caminho dos Adeptos, seja o caminho do saber, da ciência, do devotamento ou da ação. O homem que foi pôsto num determinado caminho, não está amadurecido e não encontrará, jamais, o Eterno, o atemporal, porquanto a parte, a coisa particular, para a qual foi dirigido, pertence ao tempo. Através do tempo nunca é possível encontrar o atemporal. Através do sofrimento nunca se achará a felicidade. É preciso afastar o sofrimento, para que exista a felicidade. Quando amais, não deve haver nesse amor nem dissensão, nem conflito. No meio da escuridão não existe luz, e só quando nos livramos da escuridão temos a luz. De modo idêntico, o amor existe quando não há desejo de posse, quando não há condenação, quando não há preenchimento egoísta. Aquêles de nós que estão seguindo determinados caminhos, têm interêsses adquiridos, interêsses mentais, emocionais e físicos, e esta é a razão por que achamos tão difícil o amadurecer; como nos será possível abandonar aquilo a que estamos apegados há cinquenta ou sessenta anos? Como será possível abandonardes a vossa casa e de novo vos tornardes um men-

digo, tal como éreis quando estáveis realmente a procurar? Mas, vós vos entregastes a uma organização, da qual sois presidente, secretário ou simples membro. Ao homem que procura, a busca, em si, é amor, é devoção, é saber. O homem que se entregou a um determinado caminho ou norma de ação, está prêso a sistemas, e não encontrará a Verdade. Através da parte nunca se encontra o todo. Através de uma estreita fenda da janela, não podemos ver o céu, o céu maravilhoso e brilhante, e só pode ver com clareza o céu o homem que está de fora, longe de todos os caminhos, de tôdas as tradições, e nesse homem há esperanças, e êle será o salvador da humanidade.

PERGUNTA: *Que profissão me aconselharíeis adotar?*

KRISHNAMURTI: Tôda pergunta está relacionada com alguma outra. Todo pensamento está relacionado com outro, não é independente. A profissão, o caminho, a educação, o autoconhecimento, estão todos intimamente relacionados entre si. Não podeis simplesmente escolher uma profissão e dedicar-vos ao autoconhecimento, ou escolher uma profissão para serdes um educador. Tôdas essas coisas estão relacionadas entre si. Tôdas as nossas ações e sentimentos estão relacionados entre si, e nisso é que consiste a sua beleza. Com um só pensamento podeis descer às profundezas do pensar.

Perguntais-me qual a profissão que vos aconselho abraçar. Se desejais uma resposta adequada, é mister entrarmos no assunto a fundo. Que está acontecendo neste mundo? Há possibilidade de se escolher profissão? Cada um segura aquilo que pode. Já nos consideramos felizes se achamos trabalho. Assim é em tôdas as partes do mun-

do. Porque já perdemos todos os valores genuínos, temos um único alvo: ganhar dinheiro, seja como fôr, para viver. E, visto que êsse é o valor predominante no mundo inteiro, não há possibilidade de escolha. Se sois bacharel em artes, bacharel em ciências, ou mestre de artes, vós vos tornais funcionário de escritório. A estrutura da sociedade está constituída de tal maneira, que só conduz à destruição. A sociedade está aparelhada para a destruição. Cada ação que praticais está conduzindo à guerra.

Não sei se estais bem cônscios disso, mas no meio desta tormenta, sob a ameaça da fome, podereis escolher a profissão de advogado, de soldado, ou de policial? Quando sentis, realmente, que a humanidade está à beira da catástrofe, podeis escolher qualquer uma dessas três profissões? Tornando-vos soldado, resolvereis o problema do mundo? A função do soldado é destruir, e, portanto, o que fará é destruir. Êle é adestrado para destruir, tal como o policial, que tem a função de vigiar, informar, espionar e intrigar; e bem sabeis o que significa ser advogado — um homem de muita sagacidade e poucos princípios. Todos os que sois advogados bem sabeis o que tem custado ao mundo a vossa sagacidade, e todavia continuam a "fabricar-se" advogados aos milhares. Em que consiste essa profissão? Em dividir e sustentar a divisão, porque é disso que vivem. Não vivem de relações humanas, nem vivem da benevolência e do amor, mas, sim, da astúcia, da estupidez e da intriga. Podeis ligar-vos a um homem que se enriquece, no meio do presente caos econômico? Podeis saber o que significa padecer fome?

Vedes, pois, como são limitadas as profissões. Senhores, antes de perguntardes o que vos cabe fazer, precisais aprender a pensar corretamente, e

não de maneira negligente. O pensar correto gera a profissão correta e a ação correta. Não podeis pensar corretamente, sem o autoconhecimento. Estais dispostos a aplicar o tempo necessário para conhecerdes a vós mesmos, a fim de aprenderdes a pensar corretamente e achardes a profissão adequada? Vós, os que não sois forçados a escolher imediatamente uma profissão, por certo podeis fazer alguma coisa. Cabe-vos essa responsabilidade, a vós, que tendes lazeres, que tendes tempo para aprender e observar. Mas, os que podem, não querem. É extremamente difícil escolher uma profissão num mundo civilizado desta espécie, em que tôda ação conduz à destruição e à exploração. Os muitos que não são forçados a escolher profissão, são os que podem, mas êsses não querem, e aí é que está a tragédia. Com a casa já a arder, continuam agarrados a umas poucas coisas. A tragédia não é, pois, daqueles que têm de escolher emprêgo, porque êsses o escolherão, quer queiram, quer não; a tragédia é dos que ficam sentados, a observar.

Só pelo pensar correto pode haver ação correta. O pensar correto não se adquire nos livros, ou nas lembranças do passado, ou nas esperanças do futuro.

16 de Novembro de 1947.

VI

Acho que deveríamos aplicar-nos algum tempo a considerar qual é a maneira correta de ouvir. Penso que há uma arte de ouvir. Quase todos estamos habituados a traduzir o que se nos diz em nossos próprios conceitos, a interpretá-lo de acôrdo com nosso próprio entendimento, nosso fundo de experiência e instrução, e nossa tradição. Não seria possível ouvir como se não contássemos com essa bagagem de experiência e conhecimentos, ouvir, simplesmente, da mesma maneira como ouvimos uma canção ou uma peça musical? Não interpretais a música, ao ouvi-la. Ficais atentos ao silêncio no intervalo de duas notas; ficais atentos e ao mesmo tempo sem tensão, suficientemente concentrados para dardes tôda a atenção, sem esfôrço, porque sentis um extraordinário interêsse. Do mesmo modo, quando existe a verdadeira comunhão — e só há verdadeira comunhão quando existe a afeição e o amor — há correspondência imediata. Não há traduzir, não há interpretar, o que há é compreensão simultânea, no mesmo nível, mas é raríssimo encontrarem-se pessoas que se amem tão profundamente, que entre elas haja completa compreensão. A maioria das pessoas chegam a entender-se, mas em planos diferentes e em momentos diferentes, ao passo que o que nos interessa não é sòmente escutar, mas ser ao mesmo tempo criadores, o que significa que não devemos apenas aceitar ou rejeitar, verbalmente, mas sim, experimentar, sentir em nós mesmos o que se diz, como se estivéssemos a acompanhar os nossos próprios pensamentos, suficientemente vigilantes, e,

ao mesmo tempo, em silêncio. Mas a dificuldade consiste em que não sabemos escutar, não sabemos ver, não sabemos ouvir, porque quando uma coisa que se nos diz é nova, nós a pomos em garrafas velhas, ajustâmo-la a velhas terminologias, e as estragamos, como se estraga o "vinho novo em garrafas velhas". Que acontece, quando deitais vinho novo em garrafas velhas? Começa a fermentação, e as garrafas se partem; entretanto, parece-me que é isso o que estamos fazendo, a maioria de nós. Nunca consideramos uma experiência de maneira nova. Só a consideramos por maneira nova, quando o interêsse é extraordinário, quando muito grande o amor. A todo instante há algo de novo, que não é continuação do passado ou interpretação adequada a um padrão ou sistema de pensamento.

Nessas condições, se me permitis sugeri-lo, seria vantajoso que ouvíssemos com essa qualidade peculiar de atenção criadora, como se estivéssemos ouvindo algo inteiramente novo. Como já tenho dito reiteradamente, uma verdade que se repete deixa de ser verdade, e se ficamos, meramente, a ouvi-la, ela se torna uma repetição, que traduzis em vossos próprios têrmos, adaptais às vossas rotinas peculiares e bem conhecidas, e por essa maneira ela deixa de ser a verdade. Mas, se escutais com aquela compreensão intensa e fecunda, aquela tranquilidade criadora, que não é interpretação, ela é então uma verdade que vos pertence, e essa é a fôrça que vos liberta, que vos torna livres e felizes. Perdemos essa felicidade, essa alegria criadora, se simplesmente traduzimos ou assimilamos os velhos livros, ou escutamos as palavras de algum instrutor ou santo. Portanto, só é possível encontrar a felicidade, quando a mente é capaz de receber o que é novo, mas, como a nossa mente é o resultado do passado, torna-se extremamente difícil

ouvir uma coisa como se nunca a tivéssemos ouvido antes. Não sei se já ouvistes o canto das aves, ao amanhecer. Já ouvistes, por certo. Vós nunca o comparais com o canto de ontem. É um novo cantar, algo que vos deleita, porque vossa mente está fresca, não perturbada pelas atividades do dia, e capaz, por isso, de escutá-lo como se o escutasse pela vez primeira, embora êsse cântico seja tão velho como as próprias montanhas. De maneira semelhante, peço-vos que escuteis o que digo, como se fôsse coisa nova, e vereis ocorrer em vós mesmos algo extraordinário, visto que a felicidade não é coisa velha, mas, sim, uma coisa que se renova incessantemente.

Como disse na semana passada, aquilo que procuramos por meio de um objeto, material ou psicológico, nunca nos dará a felicidade. Em tal caso, o que parece felicidade é, apenas, satisfação, coisa sempre impermanente. Nessas condições, para compreendermos a felicidade, precisamos compreender o processo de "tornar-nos" felizes, o que todos nós nos esforçamos por conseguir. Esforçamo-nos por tornar-nos felizes. Esforçamo-nos por tornar-nos virtuosos. Esforçamo-nos por tornarnos mais engenhosos do que somos. Assim sendo, se nos fôr possível compreender o "vir a ser" e o "ser", talvez venhamos a compreender o que é felicidade.

Por certo, "vir a ser" e "ser" são dois estados inteiramente diversos. O "vir a ser" é contínuo, e já notastes que aquilo que é contínuo é sempre um fator que prende? A vida de relação prende se é, simplesmente, contínua, se é meramente um hábito. Se a vida de relação é apenas um meio de satisfação, ela é, meramente, um hábito. No momento em que deixa de ser contínua, apresenta-se uma nova qualidade na vida de relação, e se examinar-

des mais profundamente, vereis que onde há continuidade, hábito, processo de pensamento a mover-se de continuidade em continuidade, há sempre uma influência causadora de atritos e dores; todavia, a não compreendermos essa continuidade, que é o "vir a ser", não pode haver o "ser". Nunca vos dizeis: "tornar-me-ei feliz". Assim, pois, o "ser" só pode ser compreendido, depois de cessar o "vir a ser".

Expressando-o diferentemente: considerando bem, a virtude dá a liberdade. Já não notastes que todo homem sem princípios morais é estúpido, porque está prêso, e é, por isso, infeliz? Enquanto os que são verdadeiramente virtuosos são felizes, e não estão empenhados em "vir a ser" alguma coisa, pois só lhes interessa o "ser". Isto é, só pode haver liberdade na virtude, porque a virtude é ordem, a virtude é clara e livre, e o homem não virtuoso é sem ordem, nada lhe está claro e sua mente é confusa. A virtude, pois, não é um fim em si, mas cria aquela liberdade, sem a qual não pode existir a Realidade; mas, se interpretamos a virtude como um meio de "vir a ser", sobrevém, então, o atrito. Assim, pois, "tornar-se" virtuoso, e "ser" virtuoso são dois estados totalmente diferentes. A virtude é a compreensão, não achais? Aquilo que compreendeis, vos traz a liberdade. Aquilo que não compreendeis gera a confusão, a escuridão, etc. No momento em que compreendeis uma coisa, existe a virtude. Assim, pois, ¿deve a compreensão vir pelo esfôrço, ou existe um estado no qual o esfôrço cessa para que possa manifestar-se a compreensão? A compreensão vem pelo esfôrço, ou vem quando não há esfôrço? Já o experimentastes? Se eu desejo compreender o que dizeis, é necssário que eu faça um esfôrço para ouvir? Quando faço esfôrço, há distração. A distração se torna então

mais importante do que o ouvir. Porque não estou interessado no que dizeis, preciso esforçar-me, para não me deixar distrair, a fim de escutar. Mas, se há interêsse, se há comunhão, não há, então, esfôrço algum. Estais agora a escutar-me sem esfôrço. No momento em que fazeis um esfôrço, cessa a compreensão.

Quando vedes um retrato ou uma pintura, fazeis algum esfôrço? Se desejais criticar, comparar, ou descobrir quem a pintou, é necessário, então, que façais um esfôrço. Se desejais, realmente, compreender o quadro, vós vos deixais estar, traquilamente, à sua frente, se o quadro é sugestivo para vós. Nessa quietude, isenta de distração, compreendeis a beleza do quadro.

Assim, pois, é certo que a virtude vem sem esfôrço algum. Mas, visto que tôda nossa existência está baseada no esfôrço, precisamos averiguar por que fazemos esfôrço, por que essa constante perturbação, essa batalha incessante para sermos alguma coisa. Ser alguma coisa — é para isso que lutamos o dia todo, consciente ou inconscientemente. Lutamos por vir a ser alguma coisa. Eu gostaria de saber se já alguma vez perguntastes a vós mesmos por que viveis a lutar? É inevitável a luta? Constitui a luta uma parte de nossa existência, e o que pretendemos quando fazemos um esfôrço? Em essência, o que pretendemos é ser alguma coisa diferente daquilo que somos. Não é verdade isso? Vós vedes a realidade (o que "é") e não gostais dela, e por isso quereis ser outra coisa. A razão essencial que sustenta todo o esfôrço é o desejo de transformar o que "é" numa coisa que "deve ser". Sou estúpido, e luto por tornar-me inteligente. Mas, pode a estupidez, em algum tempo, tornar-se inteligência, ou é necessário, simplesmente, que a estupidez desapareça? Se pudermos compreender

isso, compreenderemos perfeitamente o que significa fazer um esfôrço. Isto é, nós temos mêdo de encarar o que "é". Temos mêdo de compreender o que "é", e por isso lutamos sempre por transformá-lo, fazê-lo mover-se, modificá-lo. Ora, uma rosa não vive a lutar. Ela é o que é. No seu próprio existir, há uma espécie de criação. Ela não deseja ser diferente do que é. Ela não conhece luta, a não ser a luta natural pela subsistência. Mas, para nós, existe não sòmente a luta natural pela subsistência, isto é, pela obtenção de alimentos, roupas e morada, mas há também a luta por transformar o que "é". E, todavia, não compreendemos aquilo que "é".

A dificuldade, pois, reside em compreender o que "é", e não pode compreendê-lo uma mente que esteja distraída, uma mente que esteja à procura de algo diferente do que "é", que esteja tentando transformar o que "é" em outra coisa qualquer. Não está baseada nisso tôda a nossa educação? As nossas concepções religiosas e as nossas fórmulas não têm aí as suas raízes? Vós sois isso, e precisais transformar-vos naquilo. Sois ávidos e precisais tornar-vos não ávidos, e por isso lutais, trabalhais e vos esforçais, para vos tornardes assim. Mas, se compreendesseis o que "é" não haveria luta. Se fôsseis ávidos e compreendesseis verdadeiramente o que é a avidez, não haveria tornar-se não-ávido. Mas, para compreenderdes o que é a avidez, necessitais de dar-lhe tôda a vossa atenção, necessitais de apreender a significação de seus valores "extensionais". Não chegaremos a compreender enquanto estivermos a lutar por transformar o que "é" em outra coisa mais desejável.

Tomemos um exemplo muito simples. Se um indivíduo é estúpido e se esforça por tornar-se in-

teligente, pode, mesmo, tornar-se inteligente? Direis, talvez, que sim, mas pode um indivíduo tornar-se inteligente com fazer exames, com estudar e adquirir conhecimentos, com aguçar a mente? Certo que não. O indivíduo continua estúpido do mesmo modo. A avidez nunca pode converter-se em não-avidez. Só depois que a avidez, a estupidez, etc. desaparece, surge a virtude, a inteligência, um estado no qual não há avidez, nem estupidez. Só no momento em que sei que sou estúpido, começo a ter inteligência. Mas, o mero esforçar-se por alcançar a inteligência, não é inteligência. Precisais de fazer algum esfôrço para compreenderdes o que "é"? Só fazeis esfôrço quando estais distraídos. Tôda a nossa tendência, sob qualquer aspecto — educacional, espiritual, ou social — está baseada em transformar o que "é" em outra coisa diferente do que "é". Passamos dias e despendemos energias a transformar o que "é", sem compreendermos o que "é". Não é extraordinário isso, se o consideramos dessa maneira? Como podeis transformar o que quer que seja, sem compreenderdes o que "é"? Para compreenderdes o que "é", está claro que não deveis suprimí-lo, que não deveis controlá-lo, mas simplesmente considerá-lo, sem condenação ou justificação. Certamente, a supressão ou a disciplina não trazem a compreensão. Só têm o efeito de distrair-nos do que "é". Mas, se tôda a energia, que atualmente desperdiçamos nos nossos esforços por modificar o que "é", fôsse aplicada a compreendê-lo, encontraríamos uma transformação extraordinária, resultante, não do esfôrço, mas, sim, da compreensão. Só há compreensão quando não há esfôrço, quando há tranquilidade, e quando não há luta por sermos coisa diferente do que "é".

PERGUNTA: *Qual é a diferença entre a introspecção e a vigilância?*

KRISHNAMURTI: A introspecção começa quando há o desejo de modificar o "eu". Observo-me interiormente, com o intuito de modificar-me ou transformar-me numa coisa qualquer. É esta a razão por que praticamos a introspecção. Se sou infeliz, observo-me interiormente, a fim de descobrir a causa da infelicidade. Introspecção significa observação interior, que o indivíduo pratica com o fim de modificar-se, de transformar-se em conformidade com as exigências ambientes ou religiosas. Que acontece nesse processo? Nesse processo existe condenação. Não gosto disso e quero tornar-me aquilo. Sou ávido e preciso transformar-me em não-ávido. Sou colérico e preciso tornar-me pacífico. Por meio dêsse esfôrço começais a modificar-vos. Mas êsse esfôrço se torna tirânico, não é verdade? Essa introspecção não conduz à parte alguma. Já tentastes aplicar-vos à introspecção? ¿Não há, na introspecção, uma continuidade, portanto, uma servidão? Tôda experiência é traduzida de acôrdo com o padrão do "eu", que está sempre a examinar, a traduzir, a interpretar, a rejeitar as coisas que lhe desagradam, e a aceitar as que deseja. A introspecção, pois, é uma luta contínua por modificar o que "é", ao passo que a vigilância significa o reconhecimento do que "é", e, portanto, a compreensão do que "é". Não é possível reconhecerdes ou compreenderdes o que quer que seja, se o condenais. Só podeis compreender quando estais atentos, quando não estais a dissecar ou a dividir, para ver o que "é". É só quando estais tranquilos que começa a descerrar-se o que "é".

Consideremos um exemplo, que espero vos esclareça melhor. Quando o homem que pratica a

introspecção percebe que é ávido, qual é a sua reação? De condenação, não é verdade? Ou pode ser de recusa, ou de justificação. Êle quer modificar, isto é, transformar a qualidade "avidez", que lhe é dolorosa, ou agradável. E, então, ou êle se identifica com ela, e a cultiva, ou a nega e rejeita. Por conseguinte, a reação é sempre de justificação, condenação, ou identificação, porque o indivíduo está sempre a traduzir o que "é" em têrmos de "vir a ser". É isso o que estamos fazendo em nossa vida diária; e passamos tôda a vida nesta constante transformação do que "é", isto é, lutando por libertar-nos da avidez, e continuando ávidos, confusos e fatigados. Afinal de contas, a ação do homem que pratica a introspecção é residual, porquanto essa ação resulta sempre do resíduo de ontem, ao passo que para o homem que vive vigilante não há reação residual. Está, simplesmente, vigilante, o que significa que não está traduzindo, condenando, justificando, ou se identificando com alguma coisa, e, portanto, sua reação não é residual, mas, sim, espontânea. Há, portanto, grande diferença entre a reação residual e a vigilância, porquanto a primeira significa transformação (vir a ser), e, por conseguinte, luta constante, enquanto a segunda significa estar atento ao que "é", e, por conseguinte, compreender o que "é", e transcendê-lo, o que é incapaz de fazer o indivíduo que pratica a introspecção.

Assim sendo, se realmente examinardes o assunto, profundamente, vereis como é extraordinàriamente criadora a vigilância, e quanto é destrutiva a introspecção. O homem que pratica a introspecção, o introvertido — o que, infelizmente, é uma frase psicanalítica — está sempre empenhado em modificar o que "é", e nunca pode ser criador. O que lhe importa, exclusivamente, é a melhoria de

si mesmo, e êle nunca pode ser livre. Está apenas a agitar-se dentro da fortaleza de seus próprios desejos e, portanto, não pode, jamais, encontrar a realidade. Nunca é feliz. A felicidade o evita, porquanto êle está imbuído da idéia de se tornar um justo. Ora, o homem "respeitável", o "justo", é uma praga, o que não significa que o pecador não seja também uma praga. Mas o pecador, ao menos, está vigilante e a inquirir, e tem por isso a possibilidade de ver mais do que o homem respeitável, dentro de sua clausura. Ao passo que o homem que vive vigilante compreende diretamente o que "é", e nessa compreensão do que "é" ocorre uma transformação extraordinária, uma transformação instantânea, que é criação.

PERGUNTA: *Credes na imortalidade?*

KRISHNAMURTI: Que entendeis por crença? Por que credes, e que é que há para se crer? Credes que estais vivos? Credes que ouvis? A crença não começa a existir quando vos achais confusos, perturbados, ansiosos, e porque necessitais de crer numa coisa qualquer, que vos dê um sentimento de tranquilidade? A crença, pois, não constitui o que "é", e o homem que está cônscio do que "é" nunca terá crença alguma. Que é que há para se crer? Sem dúvida, quando um homem crê, a sua crença se funda em alguma autoridade, que lhe oferece segurança, certeza, tal como a sociedade que lhe dá emprêgo, ou a organização que lhe dá casa. Pela mesma razão acredita um homem no Mestre, ou no seu irmão, porque isso o coloca numa posição de segurança. Assim, pois, a crença dá segurança, mas o homem que está em segurança não pode, nunca, encontrar a realidade, não pode nunca encontrar o que é eterno. É sòmente o homem que

investiga, que está na incerteza, que busca com empenho, sem aceitar, nem rejeitar, é só êsse homem que encontrará a realidade. Mas o homem que está a descansar na sua segurança, nunca pode achar a realidade, e, uma vez que a crença põe o homem em segurança, ela não sòmente o prende, mas também lhe destroi o pensar criador.

Que quer dizer imortalidade? Talvez a compreendamos, se formos capazes de compreender o que é a continuidade. Se pudermos compreender a morte, talvez possamos compreender a imortalidade. Se pudermos compreender o perecer das coisas, poderemos então compreender o que é imperecível, imortal. E, por conseguinte, para compreendermos o imortal, o imperecível, necessário é que compreendamos essa consumação que se chama a morte. Dizemos que compreendemos a morte, porque vemos um corpo morto. Mas isso, de certo, não é a morte. A Morte é o desconhecido, não é? Assim como a realidade, o imperecível, é o desconhecido, assim também a morte é o desconhecido, e vós não a conheceis. Mas, vindes buscando a verdade há anos, há séculos, devotando todos os vossos pensamentos à verdade, que é também o desconhecido, e, entretanto, sempre evitastes pensar na morte. Porque isso? Acho que aí está o problema, se nos é possível compreendê-lo. A morte, o desconhecido, vós a tendes evitado e afastado, e tendes perseguido a realidade, perseguido Deus, e escrito volumes a respeito d'Êle, e tendes em todos os templos imagens d'Êle, ou inscrições a Seu respeito. Pelos vossos pensamentos, destes vida às coisas. Porque temos perseguido a realidade, Deus, a Verdade, o desconhecido? Vós não o sabeis. Se o soubesseis, o mundo seria diferente, porque nos amaríamos uns aos outros. Por que razão evitais uma coisa e aceitais a outra? Vós evitais a morte,

porque temeis a solução de continuidade, e desejais a imortalidade porque quereis a continuidade. Aplicais, assim, em Deus os vossos interêsses, sem saberdes em que os estais aplicando. Não é muito estranho isso? E depois de aplicardes os vossos interêsses em Deus, perguntais se existe imortalidade, porque desejais a segurança, porque desejais mais uma garantia, e qualquer homem que vos garanta a mortalidade corresponderá aos vossos desejos, e ficareis satisfeitos.

Certo, o problema não é de saber se há imortalidade, ou se não há. Se eu vos disser que há, que diferença fará isso? Transformareis por isso a vossa vida, amanhã? De certo que não. Se vos digo que não há, ireis procurar outro que vos assegure que há. Estais, pois, entre o crente e o descrente, e isso vos causa sofrimento. E, para compreenderdes a ânsia ou o temor da morte, precisais de saber por que existe esta divisão entre a realidade e a morte; por que tendes perseguido incessantemente, geração após geração, aquilo que chamais Deus, sem conhecerdes o que "é", e evitando sempre o pensamento da morte. Já houve algum livro sagrado que tratasse da morte? Nunca. Sempre houve livros e mais livros, tratando de Deus.

Se conheceis a Deus como uma idéia ou fórmula, isso não pode ser real. Positivamente, o desconhecido nunca pode ser traduzido por coisas. Não se pode explicar o real a quem não o conhece. Há comunhão imediata entre duas pessoas que se amam. Podeis escrever poemas a respeito do amor, escrever volumes e mais volumes a respeito dêle, mas não podeis comunicá-lo a outro, que não o conheça. Do mesmo modo, parece-me fútil indagar se há Deus, porquanto, se procurardes pela maneira correta, vós mesmos verificareis se há ou

não. Do mesmo modo, se indagardes adequadamente, descobrireis o significado da morte. Procuramos a continuidade através da propriedade, através da família, das crenças, ou das idéias, e enquanto temos a segurança da continuidade, não sentimos temor. Assim, o homem que procura a continuidade psicológica, põe os seus interêsses na propriedade, e, ao compreender a impermanência da propriedade, procura outra forma de continuidade, a continuidade psicológica, na nação, na raça, e, se lhe é negada, procura-a, então, na crença numa continuidade definitiva em Deus, no desconhecido, e quando essa segurança é ameaçada, êle chama a isso morte, a qual teme. Assim sendo, não estamos, em verdade, interessados na realidade, em Deus, ou na morte, pois o que nos interessa é a continuidade, que chamamos por um nome bonito: "imortalidade". Só desejais a continuidade, sob esta ou aquela forma, que vos será dada pelo nome, pela família, pelo sacerdote, pelo livro, pela tradição, pelo templo.

Que acontece àquilo que tem continuidade? Decompõe-se, ou torna-se rotina e passa, assim, a funcionar mecânicamente. A continuidade é garantia de decomposição, mas no momento em que pensais que vossa continuidade cessará, tremeis. Se ficardes cônscios dêsse temor, êle desaparecerá. Só então compreendereis que não existe divisão entre a morte e a vida, porquanto a morte e a realidade são o desconhecido; mas uma mente que se agita, uma mente que tem a sua existência no conhecido, não pode nunca encontrar o desconhecido. O conhecido é sempre o contínuo, e a mente se apega ao conhecido e dá vida ao conhecido, e por isso está sempre em movimento dentro da casa do conhecido, e é êsse conhecido que ela deseja que tenha continuidade. Ora, tudo o que é conhe-

cido está prêso na rêde do tempo. Essa mente nunca pode conhecer o incognoscível, e sòmente quando estiver livre da rêde do tempo encontrará ela o atemporal. Só então há uma vida que não pode ser concebida em termos de tempo ou de continuidade. Para se compreender a morte é preciso que não exista o temor. Mas o homem que deseja a continuidade, está cheio de mêdo, e os refúgios que a civilização criou para lhe acalmar o temor, já de tal maneira o entorpeceram e estupidificaram, que lhe é impossível perceber o significado da morte. Por certo, a morte é tão bela quanto o real, porque são ambos o desconhecido, mas a mente que funciona sòmente dentro do conhecido não pode nunca compreender o desconhecido.

PERGUNTA: *Explicai mais amplamente o que entendeis por clarificação do consciente.*

KRISHNAMURTI: Em minha palestra do último domingo, eu disse que a consciência superficial precisa aclarar-se, a fim de que nela possa projetar-se o que está oculto — os impulsos latentes, as ocultas exigências e desejos, inconscientes e subconscientes, a ignorância, a escuridão — porquanto o que está oculto não é o real. Isto é, se desejamos compreender o que quer que seja, é preciso que nossa mente imediata esteja em tranquilidade. O que em geral acontece, quando defrontais um problema, é que ficais a pensar nêle, a preocupar-vos com êle, como um cachorro preocupado com um ôsso, ora atacando-o com violência, ora examinando-o de um lado e doutro, e no fim do dia vos recolheis ao leito, cansados do problema, esgotados pela luta por compreendê-lo e achar-lhe a solução. Quando vos deitais e adormeceis, a vossa mente consciente está aliviada da tensão, por-

que, depois de tanto pensar, já não sois capazes de pensar em coisa alguma. Em virtude dêsse relaxamento da tensão, ao despertardes, pela manhã, apresenta-se-vos a solução.

Há uma frase que diz: "Se quereis resolver um problema, ide dormir". O que acontece é que a mente consciente, não compreendendo o problema, o põe de parte e, com o apartar-se dêle, se esclarece; e começam, então, as camadas inconscientes ou mais profundas a se projetar no consciente, e, quando despertais, o problema foi resolvido da maneira mais simples. Assim, pois, a mente consciente, as camadas superficiais da consciência precisam clarificar-se, para que a mente possa estar sempre tranquila, a fim de captar as comunicações ou sugestões provenientes das camadas ocultas. Mas nós não temos traquilidade. Nossa mente consciente está em incessante inquietação, passando de um problema para outro, de um desejo para outro, de uma exigência para outra, de distração para distração e de atração para atração. Já notastes que a camada superficial nunca está calma? Está sempre a batalhar e a lutar, sempre cheia de astúcia, nos negócios, nos litígios, em Deus, em tudo enfim, sempre muito viva, muito desperta, com seus conhecimentos e educação. Como pode essa mente ser receptiva? Por certo, senhores, um quarto só tem utilidade quando vazio, e uma mente consciente que não esteja vazia, é, em verdade, uma mente inútil, que para nada serve, a não ser para a moderna civilização, tão extremamente degradada e degenerada, porque produto da camada superficial da consciência. Essa camada superficial é automática, ágil, astuta, e está sempre na defensiva. ¿A civilização moderna não é puramente mecânica e industrial, embora a camada superficial fale da beleza e da dança, e aplique grandes

somas de dinheiro em benefício da educação, da pintura, em debates sôbre a dança genuína, a dança desconhecida, a dança moderna, etc.? E se a camada superior da consciência não está tranquila, como pode estar receptiva, como pode receber sugestões de coisas ocultas, coisas desconhecidas?

O problema, pois, consiste em como fazer com que a camada superior da mente, a camada superficial da consciência, entre em ação. Mas, não está errada esta pergunta? Porque, fazer que a consciência superficial entre em ação, representa apenas uma outra forma de atividade. O "como" se torna imediatamente o problema, e, voltais assim ao ponto de onde partistes. O que importa é perceber o que "é", que a mente superficial está inquieta, sem o refutar nem justificar; que se perceba todo o seu poder destrutivo, todo o seu engenho, tôdas as suas substituições. E vereis que, com *estardes* (não com *vos tornardes*) cônscios disso, a mente superficial fica livre para agir.

Quando tendes interêsse numa coisa, vós a ouvis com atenção. Estais agora a observar o quadro que estou pintando, e vossa mente superficial está, pois, muito tranquila. Se há qualquer distração, vosso escutar se torna, meramente, uma distração. A dificuldade consiste, pois, não em fazer que a consciência superficial, que chamais mente, fique quieta, mas em se estar cônscio de tôdas as extraordinárias e rápidas atividades da mente. Tornar a mente mais vagarosa é muito difícil, e só o podeis fazer se acompanhardes cada pensamento até o fim, de maneira completa, sem temor e sem condenação. Enquanto a mente consciente, a camada superficial, estiver agitada, inquieta, a exigir, a procurar, a lutar, a interpretar, não pode ela compreender, e é sòmente quando há claridade nas

camadas superiores da consciência, que ela poderá receber sugestões das partes ocultas.

PERGUNTA: *Vós alcançastes a Realidade. Podeis dizer-nos o que é Deus?*

KRISHNAMURTI: Senhores, como sabeis que alcancei a Realidade? Para o saberdes, seria necessário que tivésseis também alcançado a Realidade. Essa não é uma resposta apenas para disfarçar. Para conhecerdes uma coisa, precisais tê-la em vós mesmos. É preciso que tenhais tido, também, a "experiência", e por isso pouca significação tem o vosso dito de que eu alcancei a Realidade. E que importância tem, se eu alcancei ou não a Realidade? O que estou dizendo não é a Verdade? Ainda que eu seja o mais perfeito ser humano, se o que digo não é a verdade, haveria razão para me ouvirdes? Ora bem, se eu alcancei a Realidade, isso nada tem que ver, absolutamente, com o que digo, e o homem que rende culto a outro homem, por ter êste alcançado a Realidade, está, em verdade, rendendo culto à autoridade, e por essa razão não encontrará, nunca, a Verdade. E que importância tem compreender a Realidade alcançada por outro homem, que importância tem conhecer êsse homem?

Sei que a tradição nos aconselha "ficar com o homem que alcançou a Realidade". Mas como podeis saber que um tal homem alcançou a Realidade? O que podeis fazer é, ùnicamente, acompanhá-lo, o que, hoje em dia, é extremamente difícil. Há mui pouca gente boa, no verdadeiro sentido da palavra "boa", que não esteja à procura de algo, que não esteja com o interêsse em alguma coisa. Aquêles que estão à procura de algo, ou com o interêsse em alguma coisa, são, puramente, exploradores,

sendo, por isso, dificílimo achar-se um companheiro digno de nosso amor. Divinizamos aquêles que alcançaram a Realidade, com a esperança de que nos dêem alguma coisa, e isso constitui, mais uma vez, uma falsa relação.

Como pode o homem que alcançou a Realidade, comunicar-nos algo, se não existir o amor? Esta é a nossa dificuldade. Em tôdas as nossas discussões, não sentimos verdadeiramente amor recíproco, entre nós, e suspeitamos sempre uns dos outros. Vós desejais de mim alguma coisa, desejais que eu vos ensine algo, que vos mostre a realidade, ou desejais ficar em minha companhia, e tudo isso indica que não há, em vós, o amor. Desejais uma coisa, e por essa razão o vosso intuito é explorar. Quando realmente amamos uns aos outros, há comunhão imediata. Em tal caso, não importa se alcançastes a realidade e eu não, se sois grande ou humilde. E, já que temos o coração emurchecido, Deus assumiu para nós desmedida importância. Isto é, aspirais a conhecer Deus, porque vosso coração já não sabe cantar, e, saís, assim, atrás do cantor, a pedir-lhe que vos ensine a cantar. Poderá êle ensinar-vos a técnica, mas a técnica não vos dará a capacidade de criar. Não podeis ser músicos, pelo simples fato de saberdes cantar. Podeis saber todos os passos de uma dança, mas se não há fôrça criadora em vosso coração, funcionais como simples máquinas. Não podemos amar, quando nosso intuito é, meramente, conseguir um resultado. Não há ideal de espécie alguma, porque ideal significa algo que desejamos alcançar. A beleza não é um alvo para se alcançar, ela é a realidade, ela existe agora, não amanhã, e se houver amor, compreendereis o desconhecido, sabereis o que é Deus e não necessitareis que alguém vô-lo diga, e esta é a beleza do amor. Êle é a própria eternida-

de. Mas, como não possuimos o amor, procuramos a outro, procuramos Deus, para que nos dê o amor. Se houvesse o amor real, não o amor ideal, sabeis como seria diferente êste mundo? Seríamos todos verdadeiramente felizes. E não faríamos, portanto, a nossa felicidade depender das coisas, da família, dos ideais. Seríamos felizes, e, portanto, as coisas, a família, os ideais, não dominariam as nossas vidas. Tudo isso são coisas secundárias. Mas, porque não amamos e porque não somos felizes atribuimos importância às coisas, julgando que nos darão a felicidade, e uma dessas coisas a que damos importância é Deus.

Ora bem, quereis que eu vos diga o que é a Realidade. Mas pode o indescritível ser expresso em palavras? Pode-se medir o imensuravel? Pode-se aprisionar o vento numa mão fechada? Se o fazeis, isso que apanhais é o vento? Se medis o imensurável, isso que medis é o real? Se reduzis alguma coisa a uma fórmula, essa coisa é o real? Absolutamente não, porque no momento que descreveis que é indescriptível, não é mais o real, isso que foi descrito. No momento em que traduzis o incognoscível no que conheceis, não é mais o incognoscível, o que traduzistes — entretanto, é sempre êsse o alvo de nossas aspirações. A todo momento queremos saber, porque teremos então continuidade, teremos então permanência e felicidade definitiva. Queremos saber, porque não somos felizes, porque estamos a lutar e a sofrer, porque estamos esgotados e degradados; todavia, ao invés de compreendermos, simplesmente, que estamos degradados, que estamos insensibilizados, fatigados, que tudo está em confusão, queremos sair do que é conhecido, para algo também conhecido. Aquilo a que atribuimos importância é sempre o conhecido, e por essa razão não seremos jamais

capazes de encontrar o Real. Consequentemente, em vez de procurardes aquêle que alcançou a Realidade, ou perguntardes o que é Deus, porque não aplicais tôda a vossa atenção à percepção do que "é"? Encontrareis, então, o desconhecido, ou, antes, o desconhecido virá ao vosso encontro. Se compreendesseis aquilo que é conhecido, "experimentareis" aquêle silêncio extraordinário, que não podemos atrair, que não podemos forçar, aquêle silêncio extraordinàriamente criador, aquêle vazio fecundo, no qual, sòmente, pode entrar a Realidade. Não pode a realidade manifestar-se àquêle que quer "*vir a ser*", àquêle que luta; ela só pode manifestar-se àquêle em que há o "*ser*", àquêle que compreende o que "é". Assim como a solução de um problema está contida no próprio problema, assim também a realidade está contida no que "é", e se formos capazes de compreender o que "é", compreenderemos a verdade. Mas, é extremamente difícil estarmos cônscios de nossa própria estupidez, de nossa própria avidez, malevolência, ambição, etc. O próprio fato de estarmos cônscios do que "é", representa a Verdade. É a Verdade que liberta, e não a nossa luta por sermos livres. Assim, pois, não está longe de nós a Realidade, mas nós a distanciamos, porque nos servimos dela como de um meio para a nossa própria continuidade. A Realidade está presente aqui, neste momento, imediatamente ao nosso alcance. O eterno, o atemporal existe agora, e não pode o agora ser compreendido por aquêle que está prêso na rêde do tempo. Para se libertar o pensamento do tempo requer-se ação, porquanto a mente é preguiçosa, indolente, razão por que está sempre a criar novos obstáculos. Essa libertação só é possível mediante meditação correta, que significa ação completa, e não ação contínua, e a ação completa

só pode ser compreendida quando a mente compreende o processo da continuidade, que é a memória, não a memória "fatual" (relativa aos fatos) mas a memória psicológica, e enquanto estiver funcionando essa memória, não poderá a mente compreender o que "é". — E torna-se a nossa mente, todo o nosso ser, extraordinàriamente criador, passivamente vigilante, quando compreendemos o significado do perecer, porquanto no perecer existe renovação, ao passo que na continuidade existe a morte, a decomposição.

23 de Novembro de 1947.

VII

Já falei um pouco acêrca das relações adequedas entre vós e mim, mas desejo tecer novas considerações em tôrno dêste assunto. Parece-me erroneo adotarmos a atitude de mestre e discípulos. Compreende-se que um discípulo se dirija a um técnico, a fim de aprender engenharia ou pintura, dança ou música. Mas, é esta a relação entre nós, aqui? Estais realmente aprendendo alguma coisa comigo? Ou estamos procurando, juntos, desvendar algo que se chama a vida, algo que constitui a nossa existência diária, tão cheia de sofrer, de lutas e angústias? Aprendemos realmente alguma coisa? Abstraindo de assuntos técnicos, aprendemos realmente alguma coisa, ou a compreensão se nos manifesta espontânea e livremente? A compreensão é resultado de acumulação? Podeis ter lido centenas de livros, lido todos os escritos sagrados, todos os livros psicológicos, filosóficos e de outros gêneros. Colheis a compreensão nos livros? Não é o saber diferente da compreensão, e o mero acumular de conhecimentos dá-nos a compreensão? E' necessário, pois, estabelecermos a relação apropriada entre nós.

Volto a êste assunto em tôdas as reuniões e discussões, porquanto me parece importantíssimo que estabeleçamos a verdadeira comunhão entre nós. No momento em que vos acercais de outra pessoa com a mira nalgum proveito financeiro ou espiritual, interceptais de todo a comunhão com ela. O falso respeito que costumamos ostentar é indicativo de compreensão? Vós me tratais com deferência, às vêzes, mas geralmente demonstrais com os vossos servos, vossas espôsas, e o vosso próximo

desdém, desconsideração, indiferença, ou insensibilidade. Tem valor isso? Ser respeitosos para com um homem de quem esperamos alguma coisa, e desdenhosos, duros e brutais para com outros? E constituirá o saber a essência da nossa vida? Se assim pensamos, interpretamos errôneamente a existência. Mas, se pudermos compreender, momento por momento, o integral significado da existência, talvez encontremos, então, alegrias e felicidade. Mas se vosso intento é ùnicamente aprender e acumular, e com esta acumulação interpretar tôda "experiência" nova, torna-se então a vida uma série monótona de tragédias, desespêro, fealdade e escuridão. Porque, nesse caso, o que vos interessa é sòmente acumular e adquirir um padrão para viverdes segundo êsse padrão. Certamente não chamais a isso viver?

A nossa vida é terrivelmente difícil, e limitarmo-nos a compreender verbalmente o que nos é dito, para usá-lo como um padrão na interpretação da nossa existência diária, isso por certo não nos trará compreensão. A compreensão se nos manifesta, quando não fazemos esfôrço algum, quando temos a mente fresca. Quando percebeis uma coisa instantâneamente, deve-se isso à acumulação de conhecimentos, à aquisição? Claro que não. Essa percepção surge livremente. E' necessário, portanto, estabelecermos relações adequadas, não sòmente entre nós, mas também em nossa vida de cada dia. Perceber-se-á, então, o vertiginoso movimento da vida, veremos o quanto ela é dolorosa e reconheceremos que nossa existência não nos conduz a parte alguma.

Assim, para compreendermos a finalidade da existência, torna-se necessário compreender o que significa esfôrço, uma vez que sabemos ser a vida ou a existência cheia de aflições. Não há nada que

desperte alegria. Não somos entes felizes. Vede por quanta tensão e agitação temos de passar. Vivemos a lutar, a batalhar, sem nunca encontrar um momento de felicidade profunda, no qual possamos dizer "somos felizes". Conheceis momentos assim? Vivemos numa batalha constante com nós mesmos e com nossos semelhantes. Estamos aprisionados e atados, e tôda a nossa existência é luta; e sendo, como é, um esfôrço constante, uma batalha perene, qual a sua finalidade? E, por não conhecermos a felicidade, a não ser em raros intervalos, já de todo a esquecemos. Há, sem dúvida, uns raros momentos em que nos sentimos felizes, em que por um instante se interrompem as nossas lutas, as nossas batalhas de cada dia, as vicissitudes de nossa existência, mas não sabemos reter êsses momentos. E parece-me que, enquanto o não soubermos, será a nossa vida destituída de significação.

Penso que chegaríamos a compreender o significado da vida, se compreendêssemos o que significa fazer um esfôrço. A felicidade é produto de esfôrço? Já tentastes ser felizes? Isso é impossível, não achais? Lutais por ser felizes e não encontrais a felicidade? Ou encontrais? A alegria não é fruto do refreamento, ou do contrôle, ou do satisfazer-nos. Podemos satisfazer-nos, mas, no fim, há sempre amargura. Podemos refrear-nos ou controlar-nos, mas há sempre luta interior. Não nos vem pois a felicidade por meio do esfôrço, não nos vem a alegria por meio do contrôle e do refreamento, e, entretanto, a nossa vida é uma série de esforços de refreamento, de contrôle, uma série de lamentáveis capitulações. Há também uma luta, um esfôrço constante por dominarmos nossas paixões, nossa avidez, nossa estupidez. Assim, não é a luta, o esfôrço que envidamos na esperança de en-

contrar a felicidade, de achar alguma coisa, que nos proporcionará um sentimento de paz, de amor? E poderá o amor ou a compreensão vir-nos por meio do esfôrço? Julgo, pois, muito importante compreendermos o que significa luta ou esfôrço.

Primeiramente, precisamos estar livres, para compreender que a alegria e a felicidade não são fruto do esfôrço. A criação resulta de esfôrço, ou só há criação quando o esfôrço desaparece? Quando é que escreveis, pintais ou cantais? Quando é que criais? Certamente, quando não ha esfôrço algum, quando estais completamente abertos, quando em todos os níveis há correspondência perfeita, completa integração. E' aí que se manifesta a alegria, aí que começais a cantar, que escreveis um poema, pintais um quadro ou plasmais uma estátua. O momento da criação não nasce da luta.

E', portanto, necessário que compreendamos com tôda a clareza o problema da luta e do esfôrço. Sei que êste problema tem muitas ramificações e apresenta numerosas facetas. Mas, se formos capazes de compreender o cerne do problema do esfôrço e a significação do esfôrço, poderemos então expressar essa compreensão na nossa vida diária. Mas se quizerdes chegar ao problema central através da parte, acho que não lograreis compreender o significado do esfôrço. Todo esfôrço não significa luta por transformar a coisa "que é" naquilo que ela "não é", ou naquilo que deveria ser ou deveria "vir a ser"? Isto é, vivemos a lutar para não olhar de frente "o que é", ou procuramos fugir a êle, ou transformá-lo, ou modificá-lo. O homem que sente o verdadeiro contentamento é o homem que compreende o "que é" e atribui-lhe a sua significação própria. Nisso consiste o verdadeiro contentamento; àquele que o sente não importa se tem poucas ou muitas posses, pois o que

lhe interessa é sòmente a compreensão do significado do "que é"; e essa compreensão só pode surgir ao reconhecermos o "quę é", ao têrmos percebimento dêle, e não quando tentamos modificá-lo ou alterá-lo.

O esfôrço representa, pois, uma luta por transformar a coisa que "é" no que desejamos que ela seja. Estou-me referindo sòmente ao esfôrço psicológico, e não ao esfôrço relativo a um problema físico, tal como um problema de mecânica ou engenharia, ou alguma descoberta ou transformação de ordem puramente técnica. Refiro-me apenas àquela luta de natureza psicológica que sempre sobreleva ao esfôrço técnico. Podemos edificar com o maior esmero uma sociedade maravilhosa, servindo-nos dos infinitos recursos que a ciencia pôs ao nosso dispor, mas enquanto não fôr compreendido o esfôrço, a luta psicológica, enquanto não forem suplantadas as correntes psicológicas, os tons predominantes psicológicos, a estrutura da sociedade, por mais soberbamente edificada, fatalmente desabará, como sempre aconteceu.

O esfôrço, pois, representa uma distração que nos afasta do "que é": Senhores, se me permitis sugeri-lo, examinai-o bem e vereis. No momento em que aceito o "que é", cessa a luta. Tôda forma de luta ou de esfôrço denota distração, e a distração, que é esfôrço, existirá necessàriamente enquanto eu desejar transformar a coisa "que é" no que ela "não é". Considerai, por exemplo, a cólera. Pode-se superar a cólera mediante esfôrço, por meio de diversos métodos e técnicas, por meio de meditações e diferentes formas de transformação da coisa "que é" naquilo que ela não é? Suponhamos agora que, em vez de fazerdes um esfôrço por transformar a cólera em "não cólera", admitisseis ou reconhecesseis que estais encolerizados, que su-

cederia então? Terieis percebimento da vossa cólera. E que aconteceria então? Soltar-lhe-íeis as rédeas? Peço-vos que ponhais em prática o que estou dizendo, e vereis. Ao perceberdes que estais dominados pela cólera, a qual constitui "o que é", e ao reconhecerdes a estupidez de se transformar a coisa que "é" no que ela não é, continuaríeis encolerizados? Se, ao invés de tentar dominar a cólera, modificá-la, ou transformá-la, vós a admitísseis e considerásseis com atenção, e ficásseis completamente conscientes dela, sem condená-la, nem justificá-la, operar-se-ia uma transformação instantânea. Mas tal coisa é extremamente difícil, porquanto a nossa tendência é sempre para transformar ou rejeitar. Negamos a fealdade, julgando que com isso alcançaremos a beleza.

Certamente a virtude não é a negação do vício; a virtude é apenas o reconhecimento do vício. No momento em que reconheço que estou encolerizado e não procuro transformar a minha cólera, neste momento desaparece-me a cólera. Tentai-o, experimentai-o por vós mesmos, e vereis como isso é extraordinário, vereis que qualidade extraordinariamente criadora há na compreensão do "que é". Anàlogamente, não é possivel haver liberdade, se não existe a virtude.

Como já disse no domingo passado, o homem estúpido é um homem sem virtude. Sua vida é desordenada, confusa. Na sociedade, êle causa devastação, não por ser "não virtuoso", mas porque é estúpido, e para se ser virtuoso requer-se a mais elevada inteligência; para estabelecer-se a ordem dentro em vós, torna-se necessária uma extrordinária capacidade para ver as coisas tais como são. Quando reconhecerdes como falso aquilo que é falso, tereis a liberdade. Isto é, só podemos alcançar a liberdade de maneira negativa, e não positi-

vamente; ver o falso significa ver o verdadeiro, e só pode haver liberdade na virtude, na compreensão, e não no "vir a ser", que nada mais é que uma transformação do "que é" em outra coisa qualquer. Êste é o processo do "vir a ser": "Tornar-me-ei isto ou aquilo, hoje, ou daqui a dez vidas"; "Na minha próxima vida, me tornarei um discípulo"; "Depois de amanhã serei um homem virtuoso" — e assim por diante. Ora, tôdas estas maneiras de pensar são, por certo, indicativas de legítima estupidez, uma vez que implicam a transformação da coisa "que é" naquilo que ela não é. Não podeis, por certo, transformar a "cólera" em "não cólera". Se compreendeis a cólera, isto é, se estais conscientes dela, plenamente, sem condenação, justificação ou identificação, simplesmente cônscios de que sentis cólera, de que sois invejosos, de que sois ávidos, vereis, então, ocorrer uma coisa extraordinária. A vossa cólera ou vosso despeito se desvanecerá, extinguir-se-á espontâneamente. E' sòmente quando não estamos perfeitamente cônscios do "que é", que fazemos esfôrço por transformá-lo.

O esfôrço, pois, representa falta de percebimento. No momento em que percebeis o que significa não condenar nem justificar, no momento em que aceitais, examinais e observais "o que é", não existe esfôrço; tem então a coisa que observais, "aquilo que é", aquilo de que estais cônscios, um significado extraordinário. E se aprofundardes êste significado por maneira completa, levareis o pensamento à sua conclusão, e assim a mente se libertará dêle.

Percebimento significa, pois, ausência de esfôrço; percebimento significa ver a coisa tal como ela é, sem desfiguração alguma. Há desfiguração sempre que há esfôrço. Quando amais com tôda a plenitude, cada pensamento é acompanhado de

grande alegria, claridade e felicidade. Tal só pode acontecer quando há integração e nenhum esfôrço. A madureza ou a integração só é realizável quando há percebimento completo do "que é". Recebi muitas perguntas. Como já tive ocasião de dizer, podeis fazer quantas perguntas desejardes, mas não haverá uma resposta adequada se quem faz a pergunta não fôr sincero. Quando estou a sair, costumais apresentar-me perguntas, por escrito ou oralmente, mas ouso crer que a maioria de vós não tem exata noção daquilo que pergunta. Para se encontrar resposta adequada a uma pergunta, é necessário que estudemos o problema, e não fiquemos simplesmente à espera de uma resposta. A vida não representa uma série de conclusões, de afirmativas ou negativas. A vida é uma série de estímulos e reações, e depende de vós a maneira de reagir. O saber reagir requer amplíssimo estudo, profundo autoconhecimento, adquirido, não por meio de artifícios, não por intermédio de "gurus", mas por vós mesmos, nos vossos atos e pensamentos de cada dia. Minhas respostas constituem apenas indicações da direção em que se encontra a auto-revelação. Se esperais uma conclusão ou uma afirmação, de minha parte, ficareis desapontados. Mas, se nos aplicarmos conjuntamente ao estudo do problema, perceberemos e compreenderemos as suas múltiplas ilações. Tende, pois, em mente que ao responder às vossas perguntas não vou oferecer-vos conclusões, porquanto uma coisa que se conclui não é a verdade. A vida é movimento, e não continuidade; e se buscamos uma conclusão, ou uma resposta, um "sim" ou um "não", estamos amesquinhando a vida; se desejamos um "sim" ou um "não", nossa mente é limitada. Mas, se reconhecermos com nossa mente a nossa pequenez, poderemos então continuar.

PERGUNTA: *Perturba-me sèriamente o impulso sexual. Como poderei dominá-lo?*

KRISHNAMURTI: Senhores, êste problema é vastíssimo. Seu alcance é extraordinàriamente profundo e amplo. Nesta pergunta se encerram muitas coisas, e não apenas o sexo, que é de importância secundária. Relevai-me, pois, não dar-vos uma resposta sôbre como se domina o impulso sexual; mas estudemos juntos o problema, para ver o que nele se contém, e, estudando-o, encontrareis por vós mesmos a resposta adequada. Tratemos primeiramente de compreender o problema do "dominar". Como posso dominar a cólera, o ciúme? Que acontece, quando dominais um inimigo? É sempre possível dominá-lo. Eu posso dominar-vos, se sou mais forte do que vós, mas da próxima vez podeis estar mais forte, e dominar-me. Temos, assim, um jôgo que consiste em dominar e voltar a dominar. Tôda coisa que pode ser dominada, tem de ser novamente dominada, indefinidamente. Vêde, por favor, o alcance desta simples asserção. Entretanto, no momento em que compreendemos uma coisa, ela está acabada. Considerai as guerras que têm assolado a Europa, a subjugação de um país por outro país; isso vem sendo feito há dois mil anos, em tôdas as partes do mundo. Mas, houvessem dito: "Sentemo-nos e procuremos compreender em vez de lutar e matar-nos uns aos outros", não pode haver dúvida que teria havido um entendimento pacificador.

Há, pois, a possibilidade de dominar, mas a compreensão é muito mais difícil do que o dominar, do que o controlar, uma vez que a compreensão requer pensamento, requer observação e exame judiciosos, requer experimentação, o que significa inteligência. O homem estúpido é sempre ca-

paz de superar alguma coisa. Quem nos aconselha a lutar e dominar dá-nos um conselho verdadeiramente insensato, mas não quero dizer que devamos ceder, entregar-nos, o que representa o oposto e é, portanto, também insensatez.

Se há, pois, um problema do sexo, tal como se apresenta ao autor da pergunta, é preciso que o compreendamos e não que perguntemos, simplesmente: Como dominá-lo? Tôda coisa que foi dominada uma vez, tem de ser dominada muitas outras vêzes. Já dominastes alguma vez uma coisa qualquer? Se o fizestes, não tivestes de voltar a dominá-la, repetidamente, porquanto ela reaparecia de dez outras maneiras diferentes? Está claro, pois, que não é esta a maneira de se compreender o problema. Onde há justificação do dominar, onde há condenação ou identificação, não pode certamente haver compreensão alguma. Só tereis compreensão se encarardes o problema, se o aceitardes, se o examinardes, se vos tornardes plenamente conscientes do seu significado, e, mesmo, se o amardes. Aí, então, o problema vos descerrará o seu significado, e nele encontrareis fôrça criadora.

Como todos os nossos prazeres se tornaram mecânicos, o sexo veio a tornar-se o único prazer que é criador. A religião tornou-se mecânica. A autoridade nos manietou mental e sentimentalmente e estamos, por isso, obcecados e enclausurados. Não há ação criadora quando pensamos em Deus. Achais que há? Não encontrais alegria quando pensais em Deus, encontrais? Isso vos dá satisfação emocional. Mas nós precisamos viver felizes e contentes, e esta é por certo a mais elevada forma de religião. Mas o limitar-nos a obedecer à autoridade, à tradição, o visitarmos os templos, o recitarmos *mantrams*, o atendermos os sacerdotes, isso de modo nenhum é religião. É repetição, tão-

somente, e que acontece, quando viveis a repetir? A vossa mente se embota, nela não mora a alegria. Assim, pois, tanto emocional como espiritualmente estamos famintos. Vivemos sòmente a repetir. Isso é um fato real. Não estou afirmando algo de extraordinário. Emocionalmente, somos uma máquina a executar uma rotina, e a máquina não é criadora. Pode um homem ter hábitos, mas com isso não é criador. Pode recitar *mantrams*, praticar *japams*, e tôdas as demais bobagens, mas criador êle não é. Um homem assim, que só sabe repetir, destruiu a sua própria claridade, destruiu o seu poder de pensar, de perceber, de compreender.

Vêde o que a sociedade nos tem feito — nossa educação, nossa rotina profissional, o juntar dinheiro, o executar tarefas detestáveis, etc.. Há nisso algum sentimento de alegria? O que há é sòmente tédio absoluto. Assim sendo, inteiramente fechados, que estamos, nesse círculo de pensar estéril, só uma coisa nos resta, que é o sexo. E sendo o sexo a única coisa que nos resta, torna-se um problema enorme, ao passo que, se compreendêssemos o que significa ter o poder de criar, religiosa e emocionalmente, ter o poder de criar, a todos os momentos, quando amamos, quando choramos; se ficássemos conscientes disso, diretamente, então, sem dúvida, o sexo ficaria reduzido a um problema insignificante.

Mas, atentai para as dificuldades. A paixão ou o impulso biológico é tão poderoso, que as sociedades religiosas, pelas suas leis e tradições, vos mantinham em continência, mas agora que pouco vos importam as leis e a tradição, vós lhe soltais as rédeas.

Outra coisa de imensa importância que perdemos, por causa desta luta e dêste disciplinamento, é o amor. Senhores, o amor é casto, e, sem o amor,

o querermos sòmente dominar o sexo, ou o cedermos a êle, não tem significado algum. Por não termos o amor, tornámo-nos o que hoje somos, meras máquinas. Se contemplarmos ao espêlho o nosso rosto, poderemos ver como estamos incompletos, imaduros. Geramos sem amor os nossos filhos. Muitas vêzes, somos impelidos emocionalmente, sem amor, e que espécie de civilização se pode esperar daí? Bem sei que os livros religiosos dizem que precisamos tornar-nos um *Brahmacharya* para acharmos Deus. Achais que se pode encontrar Deus sem o amor? *Bramacharya* não passa de uma mera idéia, de um ideal para ser alcançado. Mas, de certo, aquilo que precisamos alcançar pelo esfôrço de vontade, pela condenação, pela conclusão, não nos levará à Realidade, a Deus. O que nos mostra o caminho da Realidade, o caminho de Deus, é a compreensão, e não o refreamento ou a substituição. Renunciar ao sexo pelo amor de Deus, é mera substituição, é sòmente sublimação, não é compreensão. Assim, pois, ter amor é *ser* casto; mas, *vir a ser* casto significa tornar-se feio, vicioso, e sem madureza.

Consideremos, pois, as nossas vidas, e vejamos o que temos feito. Nós não sabemos amar. Nossa vida é sòmente um aspirar a posições, um aspirar à continuidade de nós mesmos, através da família, através de nossos filhos, e assim por diante. Mas, sem o amor, que é a nossa vida? Positivamente, o simples refrear da paixão nada resolve, e nada resolve, tão pouco, a brutal paixão sexual ou a paixão por tornar-nos alguma coisa. Estas duas são, por certo, idênticas. Podeis reprimir o sexo, mas se tendes a ambição de ser alguma coisa, estais sob o domínio do mesmo impulso, numa outra direção. É o mesmo impulso brutal, vicioso, ignóbil. Mas, o homem que abriga no coração o verdadeiro amor,

não tem aflições e para êle o sexo não representa problema algum. Mas, visto que já perdemos o amor, tornou-se o sexo um problema importante e difícil, e ficamos presos nas suas malhas, por fôrça do hábito, da imaginação, e da memória de ontem que nos ameaça e conserva presos. E, porque nos prende essa memória de ontem, a lembrança do passado? Porque não somos entes humanos capazes de criar. A criação é renovação constante. O que ontem foi, não será novamente, nunca mais. Só pode haver o hoje, e não a memória, a que damos vida. A memória não é criação, a memória não é vida. A memória não nos proporciona a compreensão, e, todavia, a ela nos apegamos, e por meio dela nos apegamos às excitações do sexo. Êle nos dá um deleite extraordinário, porque é a única coisa que nos resta. Estamos famintos, estamos vazios; e só pensamos em repetir, em recordar. Que sucede quando uma coisa é repetida incessantemente? Ela se torna mecânica. Nela não existe alegria, nem criação.

Estamos cercados pelo temor, pela ansiedade, pelo desejo de segurança; mas, para que se possa compreender êste problema, é necessário que o examinemos de todos os lados, que consideremos todos os seus aspectos — as excitações que buscamos, todos os dias, nos jornais, nos cinemas, a busca de prazeres e confortos supérfluos, nossos delitos, as meias sugestões, a educação que recebemos, a qual sufoca o pensar, preparando-nos para sermos alguma coisa, o que é o cúmulo da estupidez. Tornamo-nos advogados, funcionários considerados, mas tal educação não nos proporciona a cultura da integração, a alegria de viver. Não sabemos sequer olhar uma árvore, só sabemos falar a respeito dela. E religiosamente, que sois? Frequentais o templo, praticais cerimônias e rituais. Que

coisas são essas? Meras repetições. E nossas atividades políticas são só intrigas e burlas astuciosas. E, sendo assim a nossa existência, como pode haver criação, para um homem que está cego? Êle, por certo, enxergaria, se deitasse fora todo o lixo que o cerca. Isso seria como uma tempestade que varresse tôdas as coisas pouco firmes, e dessa liberdade resultaria criação. Mas, não sòmente não desejamos a liberdade, como também não desejamos revolução — não estou falando de revolução política ou revolução exterior — não desejamos uma revolução interior. Preferimos continuar nesta existência monótona e estéril. Temos mêdo do que possamos encontrar.

Vemos, pois, que o problema só pode ser resolvido se compreendermos a nós mesmos e compreendermos a completa esterilidade de nossas vidas; e é sòmente através do autoconhecimento que será possível a criação, e esta criação é a Realidade, ou Deus, ou como quiserdes chamá-la. Ela não pode manifestar-se por meio da repetição, por meio de hábitos aprazíveis, sejam religiosos ou sexuais. O compreender a nós mesmos é extremamente difícil. Se examinardes bem êste problema e tomardes conhecimento de seu significado, vereis o que êle revela, que é justamente o que eu acabo de mostrar: uma série de imitações, uma série de hábitos, de névoas, e de lembranças. Eis o que se nos revela, quer nos agrade, quer não. Acontece, de fato, às vêzes, abrir-se um intervalo nas nuvens, através do qual podemos olhar. Mas pela maior parte do tempo estamos fechados em nossos próprios desejos, necessidades e temores, e, naturalmente, a única válvula que nos resta é o sexo, que degenera, que debilita, e se torna um problema. Assim, pois, ao examinarmos êste problema, começamos a descobrir o nosso próprio estado, ou seja,

"o que é"; descobrimos, não a maneira de transformá-lo, mas a maneira de ficarmos conscientes dêle. Não o condeneis, não tenteis sublimá-lo, não procureis substitutos, não tenteis dominá-lo. Ficai, simplesmente, conscientes do "que é", de todo o seu significado — o frequentar os templos, os vossos cordões sagrados, vossas repetições, vossa família, etc. Vede como tudo isso é monótono, estéril, e estúpido. Eis os fatos, e precisais estar cônscios dêles. Sentireis, então, um novo alento, uma nova consciência, e, no momento em que reconheceis o "que é", opera-se uma transformação instantânea. Ver o falso como falso é o começo da sabedoria, mas não podemos perceber o falso se não estivermos conscientes de cada momento do dia, de tudo quanto dizemos, sentimos e pensamos, e vereis que dêste percebimento procede uma coisa extraordinária que se chama o amor, e o homem que ama é casto, o homem que ama é puro e conhece a vida.

PERGUNTA: *Quais são as vossas idéias com relação à crença na reincarnação?*

KRISHNAMURTI: Eis outro assunto vastíssimo. Mais uma vez, como meio de autodescobrimento, vamos examinar o problema, não para acharmos uma resposta, um "sim" ou um "não", porém, antes, um meio de compreendermos a nós mesmos. Há tanto que dizer, e devo ser breve. Só posso dar sugestões, apontar certos aspectos significativos, mas não me é possível entrar em cheio no problema, porque êle é imenso. Não sei se o vedes da mesma maneira que eu. Primeiramente, deixemos de parte as reações superficiais provocadas por esta questão, uma das quais é que a pessoa que quer gozar a vida não se preocupa com a reincarnação,

nem com a vida após a morte. Essa pessoa goza a vida de qualquer maneira, ou porque não tem mêdo de proceder como entende, ou porque é tão estúpida que não sente responsabilidade alguma pelos seus atos. Pois, quando sabemos que temos de pagar pelos nossos atos, procedemos sempre com tôda a cautela. Se, neste mundo de negócios, sabemos que um êrro pode causar-nos um prejuízo, seja pequeno ou grande, tomamos o máximo cuidado. É assim que o temor tem sido empregado como um meio de controlar o homem; é o que têm feito as religiões, e o que tem feito a sociedade com seu código de moralidade. Por ora, não nos interessa êste aspecto da questão. Tão pouco nos interessa a crença, uma vez que a crença, para o homem que busca a verdade, nenhuma importância tem, já que a crença não passa de uma garantia de segurança, um ancoradouro, um refúgio. O homem que busca a verdade tem de navegar por mares sem roteiros. Não vai à procura de portos ou refúgios; vai explorar. Assim sendo, podemos também pôr de parte êste aspecto do problema.

Esta questão encerra dois pontos: 1) continuidade; 2) causa e efeito. Com relação à continuidade, precisamos apreciar a idéia de que existe em cada um de nós uma essência espiritual, a qual é contínua. Examinemos, pois, esta idéia. Em primeiro lugar, dizem-nos os livros, e também o sentis, que existe uma estrutura espiritual que subsiste após a morte. Por favor, não vos ponhais em defensiva; só quero descobrir a verdade que há nisso. Aceitar uma autoridade, é deter o processo do pensamento. Portanto, não vamos aceitar o que dizem os livros sagrados, nem o que vós sentis, porquanto o que sentis está baseado, afinal de contas, no vosso desejo de segurança. Pois bem, há uma essência espiritual no homem? Por favor, vede o

alcance disso. Tudo quanto é espiritual é, em essência, atemporal, eterno. Se assim é, então é evidente que o atemporal, o eterno é algo que transcende o nascer e o morrer, algo que transcende o tempo e o espaço. Portanto, não necessitais de preocupar-vos com coisas que estão fora do tempo. São coisas que não vos dizem respeito. Se uma coisa é atemporal, eterna, ela não tem nascimento nem morte, não tem duração. Se não tem duração, significa isso que não tem continuidade. Porque então vos apegais a isso? Uma coisa atemporal não poderia ser contínua. Mas, para vós, tal coisa está no tempo e a ela vos apegais. Então, não é atemporal. Logo não é espiritual, na essência. Foi criada por vós, e a ela estais apegados. Se fôsse uma coisa real estaria fora de vosso alcance. Se ela é verdadeira, vós não a conheceis, e, como já disse antes, se vós a conheceis, então não é verdadeira; todavia, continuais agarrados a ela. Dizeis que existe uma essência espiritual, o "eu", que continua, e ao mesmo tempo dizeis que êle é atemporal. É necessário, pois, que compreendais o problema da continuidade, que implica a morte, a fim de saberdes se existe ou não uma entidade espiritual. É necessário que compreendais a morte, o que significa que precisais compreender todo o problema da continuidade. Que é que tem continuidade na nossa vida cotidiana? É a memória, através de vossa própria continuidade, através da família, através da crença; e ao procurarmos a continuidade, psicológica e fisiológica, sentimos temor à morte. Por esta razão, desejamos a continuidade. Se nos é negada a continuidade da existência física, procuramos a continuidade naquilo que chamamos Deus. Por conseguinte, quando falamos de reincarnação, o que em verdade procuramos é a continuidade.

Ora bem, que é que continua? Vossa pessoa,

isto é, vosso pensar, vossas lembranças, vossas experiências de cada dia. Identifico-me com minhas lembranças, minha propriedade, minha família, minhas crenças, e continuo e desejo ter certeza de que aquilo que continua não se interromperá. Por esta razão não quero morrer, embora saiba que tenho de morrer. Como posso, então, encontrar a continuidade? O meu problema não é, pois, o de descobrir a verdade com relação à reincarnação, mas, sim, o de ficar certo de minha continuidade. Que é isso que nós dizemos que continua? Que é isso a que nos apegamos tão desesperadamente, tão aterrados e ansiosos? Não é apenas a memória? Senhores, suprimi a vossa memória, e que fica de vós? A esta memória nós damos vida, pela constante acumulação, pela constante recordação. A memória, em si, não tem substância nem vitalidade alguma. No momento em que digo "lembro-me" estou-me identificando com o passado. Isto é, enquanto um homem, que é resultado do passado, está preocupado com os resultados do passado, tem de haver continuidade. E que acontece àquilo que continua? Nada, porque representa apenas um hábito. O hábito é a única coisa que pode continuar, e a que dais vida, de tempos a tempos. Assim, pois, o que continua é a memória, uma coisa morta a que dais vida, o que significa que, através de uma série de hábitos, acumulações e idiossincrasias, as experiências são traduzidas para produzir tudo aquilo que desejais que continue. Além do mais, aquilo que continua se decompõe. Aquilo que continua é incapaz de criar.

Eis, pois, o que está principalmente envolvido na questão da reincarnação, e esta é que é a verdade e não o que a seu respeito se diz para provar que ela é um fato. Se realmente examinarmos a questão, se ficarmos cônscios de seu significado,

descobriremos que aquilo que é espiritual é atemporal e está portanto fora do nosso alcance e, conseqüentemente, fora da continuidade; porquanto continuidade é tempo — ontem, hoje e amanhã. E quanto mais nos apegamos a essa essência espiritual, tanto mais nos afastamos da verdade, pela ação falsa, porquanto o atemporal não pode ser conhecido por meio do conhecido. Vós falais da essência espiritual que é o "eu", então vós o conheceis, logo, êle não é a verdade. Não estou descrevendo coisa inexistente. A memória, em si, é coisa morta. Nós lhe damos vida, porque isso nos satisfaz. Mas onde existe satisfação tem de existir continuidade, mas a satisfação é efêmera, e nós a revivemos sob outra forma, e assim continuamos.

Nesta questão há também o problema da causa e efeito. Causa e efeito são duas coisas separadas, ou são coisas interligadas? O efeito se torna causa. Não há, portanto, um só momento que seja sòmente efeito ou sòmente causa. Por conseguinte, a causa e o efeito estão em completa relação. Não representam dois processos distintos; são um único processo, porquanto o efeito se torna causa, e o que foi causa se torna efeito; mas, ao considerarmos a causa separadamente do efeito, observa-se um ilusório intervalo de tempo, o qual nos leva à conclusão errônea, e sôbre esta conclusão estão baseadas tôdas as nossas filosofias. A causa, percorrendo o tempo, modifica-se. No momento em que se verifica um efeito, a causa não pode estar longe. As duas coisas estão juntas, embora leveis algum tempo para percebê-lo. O efeito está onde a causa está, isto é, no momento em que percebeis "o que é", que é a causa, no mesmo lugar está também o efeito. Por isso, opera-se uma transformação. Considerai bem o significado disso, e a sua real beleza. Significa que, se compreendeis "o que

é", ocorre uma imediata transformação. Dá-se, portanto, uma modificação fora do tempo, e não dentro do tempo. Fomos educados para crer, e esperamos modificar-nos, no tempo, tornar-nos alguma coisa, amanhã. Mas, se percebeis como a causa se torna sempre efeito e o efeito se torna sempre causa, dar-se-á então imediata compreensão e, consequentemente, a imediata cessação da causa. Isto é, Senhores, para expressá-lo de maneira muito simples, se quando tendes cólera, em vez de dizerdes que amanhã atendereis a êste problema, percebêsseis e reconhecêsseis prontamente a causa da cólera, ocorreria uma transformação imediata, porque estaríeis então livres desta idéia, desta ilusão, desta maneira errada de pensar que só no tempo é possível produzir-se um resultado. A causa está contida no efeito. O fim está contido no meio, e, assim, ao considerarmos a reincarnação, poderemos considerá-la de dois pontos de vista, o ponto de vista do crente e o do descrente, porque um e outro estão enredados, respectivamente, nas suas crenças e na sua estupidez e, portanto, incapacitados para descobrir o que é verdadeiro. Devemos considerar o problema tal como êle se nos apresenta. Com o estarmos conscientes do problema, percebemos como é maravilhoso o autoconhecimento, o qual é o começo da sabedoria. O autoconhecimento, a percepção do que é falso no "eu", é o começo da inteligência; a percepção das estúpidas tendências do pensamento, é o começo da compreensão.

PERGUNTA: *Das vossas palestras, parece claro que a razão é o meio principal para a aquisição do autoconhecimento. É certo isso?*

KRISHNAMURTI: Que quer dizer "razão"? Pode a razão separar-se do sentimento? Vós os separastes, porque desenvolvestes o intelecto e nada mais. E tendes, assim, uma espécie de tripé com uma perna muito mais longa que as outras duas e que por isso não pode ficar em equilíbrio. É o que nos aconteceu. Somos altamente intelectuais. Preparamo-nos para isso. Nossa educação, nossa maneira de vida está ajustada para desenvolver a capacidade intelectual ao grau máximo. E temo-nos servido do intelecto como um meio para encontrarmos a Realidade. Os livros que ledes, os hábitos que seguis, tudo quanto fazeis, ajuda-vos a desenvolver o intelecto, e por êste motivo tornou-se a razão de suma importância na vossa vida, nos vossos planos e nas vossas ações. Mas o intelecto representa uma parte, sòmente, e não o todo. Compreender a realidade e raciocinar são duas coisas diferentes. Sem a razão — pelo menos o que eu entendo por razão — não podemos viver. Razão é equilíbrio, integração. É preciso que a razão compreenda a razão, a fim de encontrar a Realidade. Mas a razão, como a conhecemos, é operação intelectual e não pode produzir senão fragmentação, como estamos vendo no mundo todo, precisamente porque o mundo adora o intelecto. O intelecto está produzindo tôda esta devastação, degradação e miséria, mas essa coisa não é a razão; é sòmente intelectualidade, à qual só interessa o que é superficial, e só reage aos estímulos imediatos. Mas existe uma razão que é integração, que é madureza, isto é, perfeição. A razão precisa transcender a si mesma, para encontrar a Realidade. Expressando-o diferentemente, com o raciocinar não se pode encontrar o real, porquanto o raciocinar é produto do passado, o raciocinar depende do tempo, é reação ao tempo e, por conseguinte, o raciocinar

não pode nunca ser o atemporal. É preciso que o raciocinar termine, porque só então poderá manifestar-se o atemporal. Mas o processo do pensar não pode ser violado, reprimido, disciplinado; a mente deve compreender a si própria como resultado de emoções, de memória, do passado. Deve a mente estar consciente de si mesma e de tôdas as suas atividades. Quando a mente tem percepção do seu existir, sobrevém um silêncio extraordinário, uma grande tranquilidade, e neste momento aquilo que é resultado do passado não mais está a funcionar, em conjunção com o presente. Há, então, sòmente silêncio, não um silêncio hipnótico, mas o silêncio que é tranquilidade. É nêsse estado que pode dar-se a criação. Para encontrar esta tranquilidade, precisa a razão transcender a si mesma. A mera intelectualidade, que nenhuma importância tem, nada tem que ver com a Realidade, e o homem que é sòmente lógico, racional, que se serve do intelecto com muita diligência, nunca pode achar "o que é". O homem que está integrado tem um processo de raciocinar de espécie diferente, o qual é inteligência, entretanto, mesmo a sua inteligência, o seu raciocinar, precisa transcender a si próprio. Há então uma tranquilidade, que é felicidade, que é êxtase.

30 de Novembro de 1947.

VIII

Antes de responder às numerosas perguntas que me foram feitas, desejo fazer umas poucas considerações. Primeiramente, desejo fazer um resumo de tudo o que já disse, e a seguir sugerir a maneira como devem ser recebidas as minhas respostas.

Parece-me que viveríamos num mundo realmente belo, se não houvesse instrutores e discípulos. Já pensastes na razão por que há instrutores e discípulos, por que apelamos para outro, a fim de têrmos esclarecimento, estímulo, orientação? Não seria êste um mundo pacífico se não houvesse aquêle que procura, nem a coisa que procura? A coisa que se procura resulta do desejo de ganho, e dêste desejo nasce o conflito. Enquanto um indivíduo desejar lucro, seja espiritual ou material, haverá sempre conflito entre êle e outro homem, e se pudermos compreender o alcance desta idéia de ganho, talvez encontremos a verdadeira paz e possamos abolir a divisão entre instrutor e discípulo e o extraordinário temor que entre ambos existe, embora o discípulo chame isso amor. Estamos presos no processo da aquisição e, compreendendo a sua natureza dolorosa, desejamos sair dêle, e daí a dualidade, não é assim? Isto é, desejo ganhar alguma coisa, êste desejo de ganho acarreta o temor, e o temor, naturalmente, engrendra a dualidade, e começa então o conflito dos opostos.

Ora, um oposto não contém sempre o germe do seu próprio oposto? Isto é, se a virtude é o oposto do vício, é isso a virtude? Não sei se já pensastes nesta direção, mas, se observardes, percebereis

que todo oposto contém sempre o seu próprio oposto, isto é, se o vício é o oposto da virtude, a virtude encerra em si o vício; logo, a virtude não é o oposto do vício, e, por conseguinte, se pudermos compreender êste conflito, desaparecerá o oposto. Acho muito importante compreender êste ponto, porque a maioria de nós está a braços com o problema dos opostos — avidez e "não avidez", ignorância e sapiência, e assim por diante — e, uma vez que a êle está escravizado, que pode o indivíduo fazer? Para êle o problema consiste em achar a maneira de dominar o conflito. Mas, existe realmente um problema, ou será que compreendemos o conflito erradamente? Isto é, se somos capazes de compreender o fato em si, a cólera, por exemplo, logo cessa o conflito do respectivo oposto; isto é, se compreendemos "o que é", o problema da dualidade, no qual está implicada a existência do mal, desaparece. Acho sumamente importante compreender o problema dos opostos, tal como se manifesta em nossa existência diária. Existe alguma maneira de sairmos dos opostos, ou consiste o único caminho na compreensão do próprio fato, sem tentarmos dominá-lo por meio do seu oposto? Por outras palavras, só se pode compreender "o que é" por meio do percebimento, e não por meio de condenação ou justificação; importa compreender-se o temor em si, em vez de fugirmos para o seu oposto, criando assim o conflito dos opostos.

Não entrarei mais profundamente neste problema, agora, porquanto tenho muitas perguntas para responder; mas desejo apontar-vos a dificuldade de compreendermos a nós mesmos, de estarmos cônscios, através do autoconhecimento, daquilo que pensamos, daquilo que sentimos, e daquilo que fazemos. Se não compreendemos o processo dual de nossas atividades, nossos pensamen-

tos e sentimentos, não temos base para o pensar correto.

Estarmos conscientes de nós mesmos é coisa extremamente difícil. Não é conhecimento adquirido nos livros. Conhecer a nós mesmos significa alcançar a fonte da sabedoria, e a sabedoria não se adquire em segunda mão nem por meio de meras asserções. Se começardes a inquirir, se começais a ter percebimento sem "parti pris" de vós mesmos, em tudo quanto fazeis, logo descobrireis a que profundidades extraordinárias o pensamento é capaz de descer, e como é livre êste percebimento.

PERGUNTA: *Falais muito sôbre a vida de relação. Que significa ela para vós?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, não há possibilidade de isolamento. Não há existência no isolamento. Ser é estar em relação, e sem relação não há existência. Pois bem; que quer dizer o "estado de relação"? Representa uma conexão de estímulo e reação entre dois indivíduos, entre vós e mim, o estímulo que parte de vós e que eu recebo e a êle reajo; e também o estímulo que parte de mim e vós recebeis. Dessa maneira, o estado de relação entre duas pessoas cria a sociedade; a sociedade não é independente de vós e de mim; a massa não é uma entidade separada, pois eu e vós, nas nossas relações, criamos a massa, o grupo, a sociedade. Assim sendo, o estado de relação representa conexão entre duas pessoas. E em que se baseia, geralmente, esta relação? Não se baseia na chamada dependência mútua, ou assistência mútua? Pelo menos dizemos que ela significa socorro mútuo, auxílio mútuo, etc., mas, na realidade, abstraindo de palavras, abstraindo desta cortina emo-

cional que suspendemos à frente uns dos outros, em que está baseada a vida de relação? Na satisfação mútua, não é verdade? Se eu não vos agrado, vós vos livrais de mim, e se vos agrado, me tomais para espôsa, para vizinho, para amigo. Tal é a realidade.

Está visto, pois, que procuramos relações onde esperamos encontrar satisfação mútua, e quando não encontramos esta satisfação, mudamos de relações, divorciamo-nos, ou continuamos juntos e vamos procurar satisfação noutras partes, ou, também, passamos de uma relação para outra, até encontrar o que procuramos, que é a satisfação, um sentimento de proteção e confôrto. Considerando bem, são assim as nossas relações no mundo, e esta é a realidade. Procuramos relações onde esperamos segurança, onde, como indivíduos, possamos viver num estado de segurança, num estado de satisfação, num estado de ignorância, e tudo isso gera sempre conflito, não é verdade? Se vós não me satisfazeis, e eu estou à procura de satisfação, tem necessàriamente de haver conflito, porque tanto vós como eu estamos procurando, um no outro, a segurança, e, ao tornar-se incerta esta segurança, ficamos ciumentos, violentos, queremos possuir, e assim por diante. Nestas condições, as nossas relações resultam, invariàvelmente, na vontade de possuir, na condenação, nas egoístas exigências de segurança, de confôrto, de satisfação, e, naturalmente, em nada mais disso se encontra o amor.

Falamos de amor, falamos de responsabilidade, de dever, mas na realidade não existe o amor, e as nossas relações estão baseadas na satisfação, cujos efeitos estamos vendo na atual civilização. A maneira como tratamos nossas espôsas, nossos filhos, vizinhos, amigos, denota que, em verdade,

não existe, em nossas relações, amor de espécie alguma. Elas consistem meramente numa mútua busca de satisfação e, assim sendo, que finalidade têm as nossas relações? Qual a sua significação fundamental? Ora bem, senhores, ao vos observardes, nas vossas relações com outros, não notais que a vida de relação é um processo de auto-revelação? ¿O meu contacto convosco não me revela o meu próprio modo de ser, se estou suficientemente vigilante, para ter a percepção de minha própria reação na vida de relação? Assim, pois, a vida de relação representa realmente um processo de auto-revelação, ou seja, um processo de auto-conhecimento, e em tal revelação mostram-se-nos muitas coisas desagradáveis, muitos pensamentos e atividades inquietantes e desconfortantes, e, não gostando disso, trato de fugir de uma relação desagradável para outra que seja agradável. A vida de relação, pois, tem mui pouca importância, se estamos simplesmente à busca de satisfação mútua, mas assume significação extraordinária, quando representa um meio de auto-revelação e autoconhecimento.

Considerando bem, no amor não existem relações, existem? É só quando amais outra pessoa e esperais uma retribuição do vosso amor, que se estabelece uma relação. Mas quando amais, isto é, quando vos abandonais de todo, não existe então relação de espécie alguma. ¿A vida de relação é um processo de satisfação mútua, ou um processo de auto-revelação? No amor, não há busca de satisfação e não há auto-revelação. Amamos, tão sòmente. E que acontece então? Se amamos verdadeiramente, se sentimos um tal amor, dá-se então uma coisa maravilhosa. Num tal amor não existem atritos, não existe uma parte e a outra parte, o que existe é a unidade completa. É um estado de inte-

gração, de plenitude do ser. Há momentos assim, momentos raros, felizes, deliciosos, em que existe o amor completo, a comunhão completa. Mas o que geralmente acontece é que não é o amor a coisa importante, mas, sim, o outro indivíduo, o objeto do amor; aquêle a quem damos o nosso amor se torna importante, e não o próprio amor. E então o objeto do amor, por diferentes razões, biológicas, verbais, ou por causa do desejo de satisfação, de confôrto, etc., assume tôda a importância, e então o amor se retrai. Então, o desejo de posse, o ciúme, os reclamos, geram conflito, e o amor se retrai mais e mais, e quanto mais se retrai, tanto mais perde o problema das relações em importância, em valor e significação. O amor é, pois, uma das coisas mais difíceis de se compreender. Êle não pode surgir pela compulsão intelectual, não pode ser engendrado por diferentes métodos, meios e disciplinas. Êle é um estado no qual as atividades do "ego" não existem mais, mas essas atividades não cessarão enquanto estiverdes meramente a reprimi-las, a evitá-las ou disciplina-las. É necessário que compreendais as atividades do "ego", em tôdas as diferentes camadas da consciência. Há momentos, quando amamos, em que o pensamento não existe, em que não existe impulso algum, mas momentos que são muito raros, aos quais, por serem raros, nós nos agarramos, com a memória, e isso cria uma barreira entre a realidade viva e os atos de nossa existência diária. Assim, pois, para que se possa compreender a vida de relação, é muito importante que se compreenda primeiramente "o que é", o que realmente se passa em nossas vidas, sob tôdas as suas formas diversas e sutis, e também o que realmente significa a vida de relação. A vida de relação é auto-revelação, e é porque não desejamos ser revelados a nós mesmos

que nos abrigamos no confôrto, e perde então a vida de relação a sua extraordinária profundeza, seu significado e beleza. Só é possível a verdadeira vida de relação, quando há o amor, mas o amor não busca satisfação. O amor só existe quando há o esquecimento próprio, quando existe comunhão, não entre indivíduos, mas a comunhão com o supremo, e tal só pode acontecer quando esquecido o "ego".

PERGUNTA: *A Sociedade Teosófica anunciou que vós sois o Messias e o Instrutor do Mundo. Porque deixastes a Sociedade Teosófica e renunciastes ao título de Messias?*

KRISHNAMURTI: Recebi várias perguntas desta natureza e cogitava de responder às mesmas. Não é coisa de importância extraordinária, entretanto procurarei responder.

Em primeiro lugar, vamos examinar minuciosamente a questão das organizações. Conta-se uma história um tanto deleitável de um homem que caminhava por uma rua e atrás dêle iam dois estranhos. Nisso, o que ia à frente viu uma coisa muito brilhante no chão; apanhou-a, examinou-a, meteu-a no bôlso. Os dois homens o notaram e um dêles disse para o outro: "Eis um negócio difícil para você, heim? — ao que o outro, que era o diabo, respondeu: "Qual nada, o que êle apanhou foi a verdade, mas eu o ajudarei a organizá-la". Compreendeis, não?

Pode a verdade ser organizada? Podeis encontrar a verdade numa organização? Não é preciso que passeis por cima de tôdas as organizações, para encontrardes a verdade? Afinal de contas, por que existem as organizações espirituais? Elas se baseiam em crenças diferentes, não é exato? Vós

acreditais numa coisa, outro indivíduo também acredita nela, e em tôrno desta crença forma-se uma organização, e que resulta daí? As crenças e as organizações estão sempre a dividir os homens e a mantê-los separados: Vós sois hinduísta, eu sou maometano, vós sois cristão, eu sou budista. As crenças, através da história, sempre atuaram como barreiras entre os homens, e qualquer organização baseada numa crença, não pode deixar de trazer a guerra entre os homens, como sempre aconteceu. Falamos de fraternidade mas se a vossa crença difere da minha estou pronto a cortar-vos a garganta; temos visto sempre isso acontecer.

São necessárias as organições? Compreendei que não estou falando das organizações formadas para conveniência mútua dos homens, na vida diária; estou-me referindo às organizações psicológicas e às chamadas organizações espirituais. São elas necessárias? Elas estão baseadas no pressuposto de ajudarem o homem a alcançar a verdade, e representam um meio de propaganda: desejais comunicar a outros o que pensais, ou o que haveis aprendido, ou aquilo que se vos apresenta como um fato real. Mas a verdade é propaganda? O que para um indivíduo representa a verdade, deixa, quando propagado, de ser a verdade para outro indivíduo. Não é assim? Ora, a realidade, Deus, ou como lhe chameis, não é coisa que se propague. É para ser "experimentada" por cada indivíduo, em si mesmo, e tal experiência não é susceptível de ser organizada; no momento em que é organizada, propagada, deixa de ser a verdade, e se torna uma mentira, e, portanto, um obstáculo para alcançarmos a realidade, uma vez que, afinal de contas, o real, o imensurável não pode ser formulado, não pode ser expresso em palavras; o desconhecido não pode ser médido pelo conhecido, pela

palavra, e quando o medis não é mais a verdade e, portanto, não é mais o real, é uma mentira, e, por conseguinte, a propaganda, geralmente, é uma mentira. E as organizações, que se supõe estarem baseadas na busca da verdade, fundadas na base do real, se tornam os instrumentos do propagandista, e deixam assim de ter qualquer importância; não sòmente aquela organização a que vos referis, mas tôdas as organizações espirituais se tornam meios de exploração. Adquirem propriedade, e a propriedade se torna extraordinàriamente importante; e começa a angariação de prosélitos e tudo o mais. Elas nunca encontrarão a verdade, pela razão muito clara que a organização se torna mais importante do que a busca da realidade. E verdade alguma pode ser encontrada através de uma organização, porquanto a verdade se manifesta quando há liberdade, e a liberdade não pode existir onde existe a crença, uma vez que a crença representa meramente o desejo de segurança, e o homem que está escravizado a êsse desejo de segurança, não pode nunca encontrar aquilo que "é".

Agora, com relação ao título de Messias, a questão é muito simples. Eu nunca o neguei, e acho que não tem muita importância se o fiz ou não. O que para vós deve importar é se o que digo é ou não a verdade. Portanto, não vos deixeis levar pelo rótulo, não deis importância a um nome. Se eu sou o Instrutor do Mundo ou o Messias, ou o que quer que seja, isso não tem importância nenhuma. Se o achais importante, perdereis então a verdade do que estou dizendo, porque estais julgando pelo rótulo e o rótulo é papel sem valor. Um dirá que sou o Messias, outro dirá que não sou, e onde ficais? Ficais na mesma confusão, na mesma angústia, no mesmo conflito. Positivamente, isto é

de importância muito reduzida. Lamento ter a necessidade de gastar vosso tempo com uma questão semelhante. Se eu sou, ou não o Messias, é de pouca importância. Mas, o que de fato importa é descobrir, se realmente vos interessa, se o que digo é a verdade, e só o podereis descobrir examinando e tomando conhecimento do que estou dizendo, e verificando se o que digo pode ser pôsto em prática na vida diária. O que estou a dizer não é tão difícil de compreender. O indivíduo intelectual achá-lo-á muito difícil, porque sua mente está pervertida, e também o homem de devoção o achará extremamente difícil, mas aquêle que está verdadeiramente empenhado na busca, compreendê-lo-á, por causa de sua simplicidade. E o que estou dizendo não pode ser expresso em poucas palavras, e nem vou tentar expressá-lo em poucas palavras, porquanto as respostas que tenho dado às perguntas feitas e as várias palestras que já realizei, revelarão se estais interessados naquilo que eu digo.

PERGUNTA: *Já algumas vêzes, durante as conferências a que tenho assistido, fiquei consciente, se posso aventurar-me a descrever adequadamente a "experêincia", de estar, por uma fração de segundo, em presença de um vasto vasio, de silêncio e solidão absolutos. Tenho a impressão de achar-me no limiar, mas sem coragem de entrar. Que sentimento é êste? Trata-se de alguma alucinação, provocada por auto-sugestão, em face das condições tempestuosas a que estamos sujeitos, atualmente, na nossa vida de cada dia?*

KRISHNAMURTI: Quando sentimos uma coisa muito intensamente, corremos o risco de fi-

car presos neste sentimento. Não é verdade isso? É assim que atua a propaganda, não é? Se ficardes a ouvir continuamente que é necessário destruirdes os muçulmanos, ou os cristãos, ou os budistas, ou os alemães, se ficardes a ouví-lo incessantemente, sereis colhidos por essa corrente de repetição e arrastados a determinadas ações. Mas, no decurso destas nossas discussões e palestras já ocorreram momentos em que discutimos e sentimos mui profundamente, em que percebemos por nós mesmos certos estados de consciência, e, em virtude de havermos alcançado um alto grau de compreensão e uma grande profundidade, encontramos um silêncio absoluto, não perturbado por ruído algum. Era silêncio absoluto. Mas êsse silêncio se torna alucinação quando provocado por auto-hipnose; isto é, se durante a discussão ou palestra não o seguistes e "experimentastes" diretamente, por vós mesmos. Em tal caso, êstes silêncios, êstes estados extraordinários se tornam refúgios da tempestade cotidiana, do conflito diário de nossa existência. Há, pois, sempre, o risco de sermos influenciados por outra pessoa, não só para bem, mas também para mal. Mas o fato de haverdes sido influenciado indica que sois susceptível de ser influenciado, e por conseguinte a questão não é de saber se deveis ou não ser influenciados para bem, mas se deveis ser influenciado por qualquer maneira que seja. Se sois susceptível de ser influenciado para bem, podeis tambem ser influenciado para mal; isto já temos visto acontecer muito frequentemente, e o que é mau ganha mais vêzes do que o que é bom, como o demonstram as repetidas guerras e catástrofes que vão pelo mundo, quase constantemente.

O problema, portanto, não consiste em saber se deveis ou não penetrar nesta esfera de pensa-

mento, neste silêncio, neste estado criador, mas, sim, se deveis chegar até lá por meio da compreensão ou da influência, por meio da persuasão ou da vossa própria "experiência" e compreensão, guiadas com muita atenção e discernimento.

A menos que alcanceis êsse estado por meio de vossa própria compreensão, e não por maneira puramente intelectual e verbal, não tem êle significação, uma vez que, em verdade, "compreensão intelectual" é coisa que não existe; a compreensão é completa, total, e nunca parcial. Mas, se alcançais essa tranquilidade por meio da compreensão, por meio da percepção, ela fará terminar aquêles conflitos, e, então, graças à compreensão, haverá tranquilidade, e nesta quietude, nesta solidão, se encontra a realidade. Não é por mêdo que não entrais; é porque não podeis entrar. A Realidade deve vir a vós, visto que se quiserdes ir a ela, só podeis chegar ao conhecido. Se ela vem a vós, ela é o desconhecido, e, portanto, o Real. Mas, se fôrdes a ela, já formulastes o que ela é, e, por conseguinte, aquilo a que vos dirigis é o conhecido, e portanto não é o Real. Por isso é necessário que ela venha a vós. Tudo quanto é grandioso, como o amor, vem a vós. Se perseguirdes o amor não o alcançareis nunca, mas se ficardes aberto, tranquilo, sem exigir, ele virá por si.

A questão da influência é, pois, muito importante, já que todos nós desejamos ser influenciados, todos queremos ser estimulados, porquanto dentro em nós há incerteza e confusão. E ai é que reside o perigo, isto é, no recorrermos a outro para obtermos o esclarecimento e a compreensão. Esclarecimento e compreensão não vos podem ser dados por outra pessoa, seja ela quem fôr. A compreensão e o esclarecimento se manifestam quando a metade é singela, livre, quando não está distraida

por esfôrço algum. Quando tendes interêsse, ardente interêsse por alguma coisa, vós vos entregais a ela de corpo e alma. Nada vos distrai, e ao vos entregardes, a fim de descobrir o que é verdadeiro, surge aquela tranquilidade, aquêle extraordinário e fecundo vazio, aquêle silêncio absoluto, não forçado, não provocado, e neste silêncio se manifesta o Real.

PERGUNTA: *Dissestes que a mente cativa é errática, inquieta, desordenada. Quereis desenvolver mais esta idéia?*

KRISHNAMURTI: Para compreender esta questão, precisamos considerar todo o problema da meditação, e espero que não fiqueis muito fatigados de acompanhar esta questão e as coisas compreendidas no problema pròpriamente dito. Não sei se já notastes que uma mente em cativeiro, sob o domínio de uma idéia ou problema, está sempre inquieta, porque busca incessantemente uma solução para o problema. Por esta razão está sempre a divagar. Uma mente aprisionada, está sempre tentando libertar-se e daí a sua inquietação; mas, se ela se pusesse a examinar a própria prisão, o próprio cativeiro, ficaria quieta, porque estaria então na senda da verdade relativa à prisão, e não estaria a distanciar-se da verdade. A prisão é o próprio problema.

Que acontece no momento em que ficais cônscios de estar em cativeiro? Quereis libertar-vos dêle. Quereis compreendê-lo, e daí os esforços que despendeis em tôrno dêle. Isso causa inquietação, desordem, divagação; mas se estiverdes interessados, não na solução do problema, mas no próprio problema, o qual encerra a solução, ficará, então, a mente livre, concentrada, porque já não busca

uma solução, visto que compreende o próprio problema. Torna-se, por conseguinte, a mente eficientíssima, clara e capaz de acompanhar velozmente todo e qualquer movimento.

A meditação, pois, consiste na compreensão do problema, o qual contém a sua própria solução. Meditação não é recitação de palavras, de *mantrams*, de *japams*, não é ficar inativo à frente de um quadro ou imagem. A meditação não é prece e não é concentração, como já expliquei. A meditação é pensamento que se liberta do tempo, porquanto através do tempo é impossível compreender o atemporal, e sendo a mente um produto do tempo, é necessário que o pensamento cesse, para que possa manifestar-se o Real. E o processo completo da meditação faz o pensamento chegar a seu têrmo. Importa muito compreender-se isto, porquanto o pensamento é produto do tempo, da experiência de ontem, porquanto o pensamento está prêso na rêde do tempo, e aquilo que depende do tempo não pode, nunca, compreender o que é atemporal, o que é eterno.

Nosso problema, portanto, é o de compreendermos que a mente, que está constantemente a criar o tempo, é produto do tempo; e que, por conseguinte, o que quer que ela produza, o que quer que fabrique, o que quer que formule — seja o *Paramatman*, ou o *Brahman*, ou uma idéia, ou uma máquina — é dependente do tempo. Visto que o pensamento se funda no passado, que é o tempo, não pode compreender o atemporal, e a meditação, por conseguinte, é um processo de libertar o pensamento do tempo, o que significa que o pensamento precisa terminar. Já experimentastes isto? Não notastes como é difícil um pensamento ir até o fim, uma vez que, mal se manifesta um pensamento já outro lhe vem no encalço, e por esta razão um

pensamento nunca se completa? Mas a meditação tem a virtude de completar qualquer pensamento, e aquilo que chega a um fim se renova, ao passo que o que é contínuo depende do tempo e neste não há renovação.

Mas, como podemos completar os nossos pensamentos? Este é o problema, porquanto aquilo que é completo não tem continuidade. O que é completo tem um fim e portanto renovação. Mas, como pode o pensamento chegar ao fim? O pensamento só pode chegar a seu têrmo quando o pensante compreende a si próprio; o pensante e o pensamento não representam dois processos distintos. O pensante é o pensamento, e o pensante se separa do pensamento porque deseja a própria proteção, continuidade, permanência, e por conseguinte o pensante está continuamente a produzir pensamentos, o que significa transformar, modificar, satisfazer. É preciso, portanto, compreender o pensante, o que significa que o pensante não está separado do pensamento. Retirem-se os pensamentos, e onde fica o pensante? Retirem-se as qualidades, e onde fica o "ego"? Retirem-se os atributos de um homem, as suas qualidades, e que é feito dêle? Deixou de existir. Anàlogamente, se suprimimos os pensamentos do pensante, onde fica o pensante? E' óbvio que não existe mais pensante, se lhe retiramos os pensamentos, o que significa que devemos completar todo pensamento que se manifeste, bom ou mau; e completar cada pensamento é extremamente difícil, requerendo retardação do movimento da mente. Como um motor que roda velozmente só pode ser compreendido se lhe retardamos o movimento, assim também a mente que quer compreender a si mesma precisa retardar o seu próprio movimento. Mas é dificílimo fazer a mente andar mais devagar, de modo que possamos acompa-

nhar até o fim cada um dos seus pensamentos. Mas, em geral, a nossa mente não está a mover-se para a frente, mas, sim a divagar, a dispersar-se desconexamente, desordenadamente, confusamente; e para se buscar a ordem no meio desta confusão, deste vaguear, precisamos acompanhar cada pensamento até o fim. Para acompanhardes cada pensamento até completar-se, tomai nota dêle por escrito. Experimentai-o, e vereis. Anotai cada pensamento, ainda que por espaço de dois minutos, apenas. Assim como num filme os movimentos rápidos não podem ser acompanhados, só o podendo ser se pomos o filme em movimento lento, assim também a mente, que é muito veloz — eu não deveria dizer "veloz", porquanto em geral a nossa mente não é veloz — o que ela é é desconexa, instável, errática — a mente, que é veloz, só pode ser compreendida se lhe retardamos o movimento, e isso só é possível se acompanhamos cada pensamento que se apresenta. Enquanto me ouvis falar vossa mente está mais vagarosa e concentrada, porque estais acompanhando os meus pensamentos; e, visto que estou concentrado no que estou dizendo, que não é um mero jôgo intelectual ou asserção verbal, mas, sim, uma experiência real, vós estais acompanhando de fato o meu pensamento; isso indica que sois capazes de reduzir o ritmo de vossa mente e de acompanhar um pensamento até sua conclusão. Entretanto, já que não podeis estar sempre em minha companhia, sugiro-vos que anoteis cada pensamento e façais experiências, e vereis que coisa extraordinária sucede. Vossas condenações, vossas identificações ou preconceitos, etc., se apresentarão numa consciência que está vazia, capaz, portanto, do mais completo silêncio. Uma consciência repleta de lembranças de tôdas as espécies, de tradições, preconceitos raciais, recla-

mos nacionalistas, nunca pode estar sossegada. E vereis que naquele processo, no qual o pensamento se liberta do tempo, não há possibilidade de sermos levados a certas atividades.

Um dia, veio procurar-me um homem, dizendo que queria a "paz", como êle a chamava, a paz de espírito. Disse que desejava encontrar Deus, e disse também que era especulador. E' isso tambem o que nós queremos. Todos queremos paz de espírito, felicidade, amor e tranquilidade, e todavia nos entregamos a atividades contrárias à ordem, e à paz; estamos envolvidos numa esfera de corrupção, exercendo profissões destrutivas, tais como a de advogado, de soldado, de policial, etc. Assim, pois, a compreensão do processo da mente suscitará uma crise na vossa vida, uma crise que não precisais provocar. Aquela compreensão a criará, e se levardes avante essa crise, então, passada a borrasca, sobrevém uma tranquilidade semelhante à de um lago depois de parar o vento. Destarte, os problemas criados por nós mesmos desaparecem e sobrevém então silêncio, silêncio que não podemos atrair nem forçar a vir, silêncio livre de todos os problemas. E neste silêncio vem à existência aquilo que é inexprimível.

PERGUNTA: *A crença na reincarnação não explica a desigualdade social?*

KRISHNAMURTI: Que maneira insensível de se resolver um problema! Ela o resolve? Vossa crença na reincarnação resolve o problema? Tudo continua do mesmo modo; vossa crença alterou êsse sofrimento? Vós apenas o modificastes com uma explicação, amoldando-o às vossas conveniências, mas a desigualdade continua. E pode a desigualdade ser explicada por uma crença, uma teo-

ria, seja da direita ou da esquerda, seja uma teoria, econômica ou uma teoria espiritual? Quando acreditais em certas formas de socialismo, da extrema esquerda ou da esquerda moderada, a desigualdade desaparece por causa de tal teoria? Porque acreditais na reincarnação, isto é, numa evolução progressiva, que vos coloca em posição um tanto superior à de outro indivíduo, tal teoria vos conforta; pois, também acreditais que, tendo trabalhado e sofrido no passado, fareis agora jus a alguma coisa, a uma "conta corrente" espiritual. Por isso achais que estais em posição um pouco superior, e outro indivíduo um pouco abaixo de vós, mas que êste também subirá um dia; mas haverá sempre alguém por baixo, e sempre alguém por cima. Francamente, esta é a maneira mais extraordinária de se considerar a vida, e a maneira mais brutal e grosseira de a explicar. Vós quereis explicações, e parece que as explicações vos satisfazem, sejam de caráter político ou religioso. Positivamente, a reincarnação ou a crença na reincarnação não representa solução para nenhum dos nossos problemas. Ela nada mais é que um adiamento, uma explicação, mas o fato é que há "desigualdade", que há intocáveis, Brahmanes e não Brahmanes, comissários depravados e pobres diabos que trabalham para os comissários; subsiste o fato de que há divisão, e explicação nenhuma, por mais bela, por mais grosseira, por mais científica que seja, será capaz de eliminá-lo.

A alguns de vós parece enfadar esta questão, e peço-vos desculpar-me, mas é necessário examiná-la Como se pode eliminar esta desigualdade? Pode a desigualdade ser eliminada por meio de um sistema econômico, social ou religioso? Pode um sistema, da esquerda ou da direita, religioso ou de qualquer outra espécie, afastar o fato de que

os homens gostam de dividir-se em superiores e inferiores? Já houve revoluções, mas delas não resultou a igualdade, embora de comêço sempre sustentassem a necessidade da igualdade; entretanto, depois de consumada a revolução, acalmada a agitação e excitação, lá vem de novo a desigualdade, o chefe, o ditador tirânico e tudo o mais que constitui os horrôres desta existência. Não há govêrno nem há teoria capaz de eliminar a desigualdade, e apelar para uma teoria, apelar para uma crença é ser estúpido e insensível no mais alto grau. Vós apelais para uma crença ou para um sistema quando é árido o vosso coração, quando não tendes amor; é por isso que se tornam tão importantes os sistemas. Ora, quando verdadeiramente amamos alguém, não há igualdade e não há desigualdade. Não há prostituta nem há virtuosa. Para o homem que está fechado na sua "virtude", existe sempre a divisão.

A divisão, pois, não é solução, e um sistema não é o meio de se estabelecer a igualdade. Podeis estabelecer a igualdade, econômicamente, mas, mesmo esta equiparação econômica se torna sem importância, enquanto houver a desigualdade psicológica. A única solução, portanto, a única solução verdadeira e duradoura, é o amor, a afeição, a benevolência, a compaixão. Mas o amor é muito dificil para o homem que está entregue a atividades desapiedadas, à competição, à crueldade. Prêso que está aos meios de satisfação, que tem a possibilidade de adquirir, êle precisa de uma explicação, e a reincarnação o satisfaz. E pode, assim, continuar a trilhar a mesma senda de monstruosidades e horrores, com a consciência tranquila.

Senhores, a crença não é um substituto para o amor, e, uma vez que não conhecemos o amor, porquanto não sabemos o que é o amor, satisfazemo-

nos com teorias e práticas, saímos à procura de sistemas econômicos, sociais ou religiosos, que servirão para dissolver esta mostruosa desigualdade. Quando amais, não existe nem o intelectual nem o ignorante, nem o pecador nem o justo. E' coisa maravilhosa ser tão livre, e só o amor pode dar-nos esta liberdade, e não uma crença qualquer, e o amor só é possível depois de desaparecerem as crenças, quando não mais apelamos para sistema algum, quando somos humanos e não máquinas. Como amamos pouco, em nossa vida diária! Vós não amais vossos filhos, vossas filhas, vossas espôsas ou maridos, e porque não os amais, não conheceis a vós mesmos. E, quando conhecemos a nós mesmos, cada vez mais profundamente, começamos a compreender o significado do amor, e o amor é o fator mais extraordinário em nossa vida, porque êle resolve todos os nossos problemas. Não estou meramente expressando uma opinião; experimentai abandonar tôdas as vossas agressões, competições, ambições, e sêde simples, que encontrareis o amor. Ao homem simples não importa saber quem é superior ou quem é inferior, quem é instrutor e quem é discípulo, porque êle está contente com o que é, e a compreensão do "que é" é portadora do amor e da felicidade.

PERGUNTA: *Já corri muitos instrutores e desejo que me informeis qual é a finalidade da vida.*

KRISHNAMURTI: E' um fato bastante singular, na vida, êste interesse pelos "gurus". Sabeis como as senhoras, principalmente, gostam de "fazer compras", contemplando as vitrinas das lojas; ficam do lado de fora, a examinar as vitrinas, uma a uma, para ver o vestido ou outro objeto qualquer que haveriam de comprar se tivessem

dinheiro. Anàlogamente, há muitas pessoas que gostam dêste jôgo peculiar que consiste em andar de um "guru" para outro, "contemplando vitrinas". Que acontece a estas pessoas? Que acontece, senhores, quando andais de "guru" para "guru", de instrutor para instrutor? Ficais emocionalmente excitados, tensos, e se continuais a vos distender e estimular artificialmente, que acontece? A elasticidade dos sentimentos se relaxa. Não é assim? Continuai a distender-vos artificialmente, estimulado primeiro por um, depois por outro, e acabais perdendo de todo a sensibilidade; vossa elasticidade, agilidade, flexibilidade, se perde de todo. Porque andais de "guru" para "guru", de instrutor para instrutor? Porque desejais proteção, é óbvio — mas onde encontrais, sempre, esta proteção? No instrutor, que corresponde ao vosso desejo. O instrutor que vos proteje vos dá aprazimento. Se o instrutor vos aconselha a renúncia, a afabilidade, a bondade, o afeto, não voltais mais à sua presença; mas, se vos diz que deveis meditar, prostrar-vos a seus pés, então vós o seguireis, porque vos agrada êsse jôgo pueril. Se na presença do instrutor vos sentis muito à vontade, vós o seguis, porque isso também é muito fácil. Mas se exige alguma coisa que esteja acima de vossos precários confortos, vossa precária segurança, saís logo à procura de outro instrutor. Esta busca do "guru" embota a mente, debilita a capacidade emotiva, e com ela perde-se inteiramente a primitiva energia e vitalidade. Que tem acontecido a todos os que têm seguido "gurus"? Perderam aquela extraordinária sensibilidade, aquela agilidade do pensamento e profundeza da emoção. Está bem claro isso, não? E' a verdade.

Esta é uma parte da pergunta. A outra parte se refere à finalidade da vila. Evidentemente, já

vários instrutores disseram ao interrogante qual é a finalidade da vida e êle quer agora a minha opinião, para aumentar a sua coleção, para ver depois qual é a melhor e a mais conveniente. E' tão infantil senhores, tão pouco madurecido. Conheço a pessoa que redigiu esta pergunta: um homem casado e de posição. Vede como isso é trágico. Êle quer esclarecimento de outro e está fazendo uma coleção de "finalidades" da vida, para depois escolher a que melhor lhe sirva. Senhores, isto é trágico, não é para rir. Isso revela o estado mental da maioria de nós. Somos indivíduos maduros na nossa profissão, no gerar filhos, no ganhar dinheiro, mas estamos imaturos no pensar e no viver. Não sabemos o que significa amar.

Ora bem, o autor da pergunta quer saber qual é a finalidade da vida. Como irá achá-la? ¿Sou eu que lh'o devo dizer, ou não caberá a êle proprio descobrir qual é a finalidade da vida? Permanecer num escritório dia por dia, mês por mês, à caça de dinheiro, posição, poder, ambição, é essa a finalidade da vida? E' adorar imagens esculpidas, executar rituais sem importância nem significação, entregar-se a meras repetições? E' adquirir a virtude, e emparedar-se nesta estéril virtude? — Se nada disso é a finalidade da vida, qual é então? Para descobrirdes a finalidade da vida não é necessário passar por cima de tôdas estas coisas? Então, vós a descobrireis. Não tereis, então, necessidade de procurar a finalidade da vida. Um homem que sofre não anda à procura da finalidade da vida; o que êle quer é ficar livre do sofrimento. Mas — bem o sabeis — nós não sofremos. Ou, melhor, sofremos, mas escapamo-nos do sofrimento e por isso não compreendemos o sofrimento. Uma pergunta desta espécie indica, pois, a extraordinária ineficiência do seu autor, como pensante. Mas,

tendo-me feito a pergunta e obtido a resposta, cabe-lhe agora descobrir por si mesmo qual é a finalidade da vida. Vedes em tôrno de vós confusão e angústias, e em que irá dar tudo isso? Como podeis dirigir-vos a outra pessoa, para o descobrirdes? Para descobrirdes o resultado de tôda esta confusão, precisais compreender aquêle que está confuso, aquêle que gerou a confusão, e êste homem sois vós mesmo. Êste caos é o resultado de vosso próprio pensar, vosso próprio sentir, e para compreenderdes esta confusão, esta angústia, precisais compreender a vós mesmo, e ao vos aprofundardes cada vez mais na compreensão de vós mesmo, descobrireis qual é o significado da vida. Ficar, meramente, à margem da confusão, a perguntar qual é a finalidade da vida, tem muito pouca significação. Sois como um homem em cujo coração emudeceu a canção. Um tal homem está, naturalmente, sempre à procura de alguém que tenha uma canção; a voz de outros o encanta, e êle anda sempre à procura de um cantor melhor, porque no seu coração não mais existe a canção. E só haverá canção no seu coração, quando êle lançar tudo fora e deixar de seguir o instrutor. Chega um tempo em que vós vos tornais cônscios dos vossos desejos, em que não procurais fugir-lhes mas, sim compreendê-los. Requer isso muito empenho, uma atenção extraordinária e cheia de interêsse, e quem já tem empenho já começa a compreender, e nele há esperanças. Não há esperança na celebração de cerimônias, nem nos "gurus", mas sòmente em vós mesmos.

7 de dezembro de 1947.

IX

E' sempre difícil haver comunicabilidade, porque a expressão verbal e a compreensão estão em níveis diferentes. Escutamos as palavras mas só nos vem a compreensão quando ouvimos dentro em nós mesmos o que se nos diz. Por isso, penso que há uma diferença entre o escutar e o ouvir. Os que estamos acostumados a escutar, pròvàvelmente pouco compreendemos, porque, em tal caso a nossa compreensão é puramente verbal, está no nível verbal. Mas o ouvir, penso, é coisa diferente. O ouvir é mais subjetivo, não como oposto, mas em si mesmo. Ouvir é mais pròpriamente uma coisa que está acontecendo; vós ouvis o que se passa em vós mesmos, o que não é a mesma coisa que escutar o que alguém vos diz, do exterior. Nestas condições, como já tenho dado a entender nas nossas palestras e discussões, seria puro desperdício de tempo aplicar-nos meramente a escutar palavras, sem "ouvir" dentro em nós a sua significação, já que isso significaria receber do exterior, em vez de ouvirmos o processo do nosso próprio pensar e sentir.

Como já tenho dito inúmeras vêzes, só pode haver comunhão no mesmo nível e ao mesmo tempo. Se vos limitais a escutar as palavras de alguém, sem apreender-lhes o alcance e o significado, elas se convertem em obstáculos. E só pode haver comunhão entre vós e mim quando existe flexibilidade, uma flexibilidade da mente e do coração, que se chama amor, que se chama afeição. Em verdade, quando duas pessoas se amam, sem, meramente, procurar satisfação uma na outra, mas se amam realmente, há comunhão, comunhão instan-

tânea, no mesmo nível e ao mesmo tempo. E esta é a beleza do amor, quando há compreensão instantânea nas palavras.

Para mim, só se manifesta a verdadeira compreensão quando existe esta comunhão entre as pessoas, entre vós e mim, e não na ocasião em que ouvis uma conferência, ou em que eu faço uma conferência, o que, em verdade, não estou fazendo: estou pensando em voz alta junto convosco e, por conseguinte, não vos estou ensinando coisa alguma e vós não sois meus discípulos, mas estamos pensando juntos, em voz alta, a fim de chegarmos à compreensão do extraordinário significado do viver e do sofrer. Não estou, portanto, a proferir um discurso, e vós não o estais escutando, mas, como estamos procurando, juntos, descobrir o que é verdadeiro, requer-se uma compreensão de qualidade diferente, e não, meramente, que se escutem palavras. Requer-se que deixemos cair certas barreiras verbais, que haja uma certa isenção dos nossos habituais preconceitos, porque precisamos ir mais além. Mas, se pudermos, ao menos temporàriamente, afastar a nossa cortina protetora, nossos preconceitos, nossos "quadros de referências", nossos reclamos e sentimentos, como se estivéssemos realmente nos deleitando com ouvirmos coisas que amamos deveras, coisas que desejamos investigar e descobrir, estaremos então, talvez, capacitados para ultrapassar o nível verbal e trazer, por essa maneira, a compreensão à nossa vida e às nossas ações de cada dia. Se assim não fazemos, não vejo a utilidade de se escutar uma conferência. Não havendo integração do sentir, do pensar e do agir, deixamos de ser èntes humanos realmente inteligentes.

Vivemos apenas em compartimentos e o viver em compartimentos é realmente destrutivo e cau-

sador de distração, e foi isso o que sempre aconteceu e está acontecendo, atualmente, no mundo. Desenvolvemos o intelecto de maneira tão anormal que perdemos de todo o senso de proporção e a sensibilidade à existência.

Como tenho tratado de diferentes assuntos, em diversas palestras, desejo hoje, tratar, com concisão e naturalidade, do problema do sofrimento. A felicidade não é a negação do sofrimento, porém, antes, a compreensão do sofrimento. Pensamos, quase todos, que o sofrimento nos tornará inteligentes. Pelo menos nos disseram que através do sofrimento despertaremos a compreensão e a inteligência, que através do sofrimento armazenamos experiência, que através do sofrimento adquirimos compreensão. Mas, se examinardes com um pouco mais de atenção, descobrireis que o sofrimento, tal como a dor e o conflito, na verdade obscurece "o que é", e o considerar-se o sofrimento como um meio de se alcançar a compreensão ou a inteligência, é verdadeiramente ilusório. E' assim que nos acostumaram a pensar. Mas o sofrimento traz a compreensão? Para verificarmos o que de fato acontece, precisamos examinar o que se passa em nós, quando sofremos, não é assim? Que entendemos por sofrimento? Um sentimento de perturbação, não é verdade? Uma perturbação interna, psicológica. Não estou, por ora, tratando do sofrimento físico, doenças, etc., mas sim do sofrimento interior, do sofrimento psicológico, como aquêle que sentimos ao perder alguém, ou quando nos vemos frustrados, quando a nossa existência perde tôda a significação, quando o futuro se torna importantíssimo, quando recordamos com saudades o passado, como se êle fôsse mais belo, mais feliz do que o presente, e assim por diante. Tudo isso implica contradição, insatisfação com os nos-

sos deveres e sofrimentos do presente, um sentimento de vazio e da inanidade absoluta da vida de relação, que não tem significado algum, a não ser do ponto de vista físico — um sentimento de vazio impreenchível.

Assim sendo, para compreender o sofrimento não devemos, ao que me parece, aceitar coisa alguma como verdade incontestável, mas, sim, examinar o que de fato se passa em nós, quando sofremos, qual a nossa reação natural e instintiva. Esta reação, em geral, não é de fugir do sofrimento? Fugir por meio de explicações, através de crenças, de teorias, do sacerdote, de uma imagem; conhecemos bem os vários meios de fugir: o rádio, o jornal, o cinema, as drogas, os "gurus". Tudo tentamos, para escapar às nossas constantes tribulações, dores e sofrimentos. A própria investigação da causa do sofrimento não constitui também uma maneira de fugir? Examinando com mais atenção, podemos muito bem perceber a causa do sofrimento. Não temos necessidade de perder horas e dias, não precisamos ir a "gurus", para conhecer a causa do sofrimento. Nós a conhecemos. Acho que não é necessário que nos digam qual é a causa do sofrimento; ela é bem evidente, não achais? Mas, que acontece, ao indagarmos a razão do sofrimento? O que acontece é que estamos realmente a fugir, intelectualmente, para a causa ou para a indagação da causa. Portanto, o que geralmente acontece é que nos tornamos muito hábeis, muito engenhosos nas nossas fugas, mas o sofrimento continua, e êsse desenvolvimento da inteligencia para a fuga é chamado viver inteligentemente. Isto é, vós fazeis progresso — chamam-no "progresso" — pela modificação dos objetivos da fuga, mas o sofrimento, por uma ou outra maneira, persiste.

Como é possivel compreender o sofrimento?

O mero indagar da causa é estúpido, porquanto evidentemente nós a conhecemos: nossa estúpida existência de cada dia, nossos preconceitos, nossa avidez, nossa mesquinhez, nosso desejo de continuidade. Mas isso é apenas um conhecimento e não tem significação, quando começamos a compreender o que é o sofrimento. Não necessitais de fugir a êle. Quanto mais vos familiarizardes com êle, quanto melhor o conhecerdes, quanto mais o amardes, quanto mais o chamardes, falardes com êle, dormirdes com êle, tanto mais êle vos dará do seu perfume e da sua significação. Mas, no momento em que fugis dêle, seja através do intelecto ou da superstição, da ciência, do romance, o sofrimento continua.

Está visto, pois, que é verdadeiramente necessário que o sofrimento seja compreendido e não superado, porquanto tôda conquista implica reconquista. O sofrimento só pode ser compreendido através do autoconhecimento, que é o correto pensar. E o pensar correto não é possível, quando condenais o sofrimento ou com êle vos identificais, uma vez que aquilo que condenais, vós rejeitais, e aquilo com que vos identificais, vós aceitais, mas, para se compreender o sofrimento, precisais viver com êle e aceitá-lo, tal como ele é. Vós não rejeitais a beleza, porém a aceitais. Análogamente, se rejeitamos o sofrimento, rejeitamos também a beleza, a felicidade; porque a felicidade não é o oposto do sofrimento, e o belo não é o oposto do feio. Negando um, negais o outro. Só o correto pensar, vindo através da percepção dos nossos sentimentos e ações diários, pode dissolver a causa do sofrer e do penar.

PERGUNTA: *Ouvi-vos falar, domingo passado, da dualidade e da dor que causa, mas, como não explicastes como é que se vence o oposto, peço-vos entrar um pouco mais na questão.*

KRISHNAMURTI: Examinemo-la mui delicadamente. Procuremos descobrir o seu extraordinário significado. Conhecemos o conflito dos opostos. Estamos presos nesta longa galeria de sofrimentos, sempre empenhados em dominar um oposto e em tornar-nos o outro oposto. Tal é a nossa existência. Eu sou isto e desejo tornar-me aquilo; eu não sou assim e desejo tornar-me assim. Esta é a luta constante de todos, do funcionário, do diretor, do que busca a verdade. Nossa luta de cada dia, na vida, está baseada neste constante batalhar por "vir a ser", por transformar uma coisa noutra coisa. Não necessito, pois, de entrar em mais pormenores com relação ao conflito e ao sofrimento dos opostos.

Mas, existe o oposto? Sabemos que só existe o que é real. Mas o oposto é apenas o correspondente negativo do "que é", não achais? Êle não tem existência independente do "que é". Isto é: Se sou arrogante e reconheço-o, e se o correspondente negativo da arrogância é a humildade, aceito a humilhação como o oposto, ou aceito-a porque me disseram que arrogância é ofensa; ou porque descobri que é dolorosa; ou porque, do ponto de vista religioso, moral ou ético, ela é tabú. Por isso quero libertar-me da arrogância, porque não há mais vantagem em ser arrogante. Por esta razão, quero tornar-me humilde, o oposto. O fato real é que eu sou arrogante e desejo tornar-me humilde. A humildade é uma idéia e não uma realidade. O que é real é a arrogância, a outra não o é, mas eu quero tornar-me essa outra coisa. Por conseguinte, o de-

sejo de tornar-me aquilo que não sou cria o oposto, mas o oposto é coisa inexistente, é, tão só, um ideal, que desejo realizar. Parece-me, portanto, perda de tempo procurarmos pela meditação ou por outra maneira, transformar-nos no oposto. O amor não é o oposto do ódio. Se fôsse, não seria o amor, porquanto, afinal de contas, um oposto tem sempre em si a semente de seu próprio oposto; se a humildade é o resultado da arrogância, ela contém, forçosamente, a semente da arrogância. Mas, se compreendêssemos o integral significado da arrogância, desapareceria, então, tambem o seu oposto. O que existe é a arrogância, e se sou capaz de compreendê-la, não tenho necessidade de empenhar-me na batalha por tornar-me alguma coisa.

Expressando-o diferentemente: O presente é o resultado do passado e, como quer que seja, o presente cria necessàriamente o futuro, que é o seu oposto, mas também prêso na rêde do tempo. Assim sendo, se sou capaz de compreender o integral significado do presente, percebo o presente como a passagem do passado para o futuro. Enquanto está prêso no conflito dos opostos, o pensamento não pode compreender "o que é". Se desejo compreender "o que é", preciso dar-lhe tôda a minha atenção, todo o meu ser, e não me deixar distrair pelos opostos. O oposto é mero ideal, "o que não é", aquilo que eu gostaria de ser. Êle portanto é inexistente, é apenas o desejo negativo do "que é".

Êste é, pois, um dos pontos. O segundo é: Porque damos nome a um sentimento? Porque nomeamos uma reação, tal como a ira, o ciúme, a inveja, o ódio, etc. Porque a designamos por um têrmo? Vós lhe dais uma designação como um meio de a reconhecerdes? O sentimento é independente do têrmo? Ou compreendeis o sentimento através do têrmo? Se compreendeis o sentimento através do

têrmo, da palavra, do nome, então o nome é que tem importância e não o sentimento, e seria possível não dar nome algum ao sentimento? Seria possível não lhe dar nome, mas que acontece quando lhe dais nome? Aplicais o vosso "quadro de referências" a um sentimento vivo incorporando-o no tempo, o que apenas fortalece a memória, que é o "eu". E que acontece, se não atribuis um nome ao sentimento, se não lhe dais uma designação? Se não désseis um nome, uma designação a êsse sentimento, a essa reação, a essa resposta, que aconteceria ao sentimento? Não desapareceria? Experimentai-o e vereis o que acontece. Surge em vós um sentimento, ou reação a um estímulo e, instintivamente, vós lhe dais um nome, uma designação e, a seguir, o que fazeis? Esta reação viva é levada a um "quadro de referências" passadas, o que só pode fortalecer sua memória e por essa maneira se dará continuidade ao "eu". Mas, se não lhe désseis nome, que aconteceria? Se experimentardes, vereis a reação. O sentimento logo murcha e desaparece. Experimentai, tentai-o, por vós mesmos.

Vemos, pois, que tôda reação a um estímulo termina quando não lhe damos nome e não a pomos no "quadro de referências". Mas acabamos sòmente de aprender que é por essa maneira que nos podemos livrar de uma reação dolorosa, isto é, se não lhe damos nome, ela desaparece. Mas, fareis a mesma coisa com relação aos sentimentos agradáveis? Isto é, se tendes um prazer e não lhe dais nome, êle também murcha e desaparece, não é verdade? É, se tiverdes experimentado conforme vos tenho falado e exposto nestas manhãs. Assim, pois, tanto as reações agradáveis como as dolorosas desaparecem quando não lhe damos nome, quando não as incorporamos no "quadro de referências". Vereis, se o experimentardes, que isso é um fato.

Mas, o amor é também uma resposta, uma reação a que não devemos dar nome e deixar, assim, fenecer? Êle fenecerá, se fôr oposto do ódio, porquanto em tal caso representa meramente reação a estímulo; mas, certamente, o amor não é reação a estímulo. É um modo de ser. Êle é a sua própria eternidade, mas para a maioria de nós o amor tem um oposto. Eu sou brutal e preciso cultivar a afabilidade, preciso tornar-me compassivo, generoso. O "vir a ser" cria sempre o oposto, quer positiva, quer negativamente. Mas, não podeis cultivar o amor, é claro. Se procurais cultivar a compaixão, sendo ela um oposto, deixa de ser compaixão; e, por sua vez, a compaixão tem o seu oposto: o ódio. Só pode ser conhecido o amor ao desaparecer a tendência de "vir a ser", criadora do oposto.

Nestas condições, o problema da dualidade, que os vossos livros sagrados dizem que deveis transcender, e que tendes lutado tôda a vossa vida por transcender, mas no qual continuais presos, êste problema me parece ilusório. Mas, na compreensão do que é o oposto, deixa de existir a dualidade. O oposto só existe quando procuramos evitar o "que é", para sermos algo que "não é"; mas na compreensão do "que é", na compreensão, por exemplo, da arrogância, em tôda a sua extensão, não sòmente num determinado nível, mas através de tôdas as camadas da consciência — não sòmente a arrogância do pequeno oficial burocrático, mas a arrogância de quem alcançou seu objetivo — na compreensão da arrogância, não como oposto, porquanto, como já expliquei, tornando-se humildade, a arrogância continua a ser arrogância; na compreensão da arrogância em tôda a sua extensão, e não se dando nome ao sentimento, vereis desvanecer-se a arrogância. E, não sendo o amor o oposto do ódio, não podeis alcançá-lo por cultivamento

ou pelo "vir a ser". O processo do "vir a ser" precisa cessar inteiramente, para que exista o amor.

PERGUNTA: *Diz Gandi, em recente artigo, que a religião e o nacionalismo são duas coisas igualmente caras ao homem e que não podemos trocar uma pela outra. Que dizeis?*

KRISHNAMURTI: Eu gostaria de saber o que direis. Gostaria de conhecer a vossa resposta. Sereis capazes de contestar os vossos supostos guias? Não deveis criticar, contestar, indagar, a fim de descobrirdes a verdade, em vez de vos limitardes a aceitar? Ousaríeis criticar? Se o ousásseis perderíeis o emprêgo, não é verdade? Nesta pergunta está implicada a aceitação da autoridade; alguém vos diz uma coisa e vós a aceitais. Na aceitação há cegueira e absoluta falta de pensamento. Não importa quem seja a pessoa que fala. Se perdestes a capacidade crítica para inquirir, descobrir, não descobrireis nunca o que é a verdade. E esta é a tragédia constante dos guias políticos ou religiosos, porque vós os criais e há, assim, uma exploração mútua. E na Índia, como noutras partes, é extraordinário o desenvolvimento dos guias, dos tiranos, em nome da religião ou em nome da política; e quanto mais poder êles têm, mais nocivos se tornam.

Um dos pontos que precisamos ter em mente é não aceitar, mas investigar, a fim de descobrir o que é a verdade; e, para se descobrir o que é verdade, deveis ter um coração aberto e uma mente aberta, e não ser guiados por nenhum instrutor ou político. Mas isso significa que tendes de pensar por vós mesmos. Precisais aventurar-vos por mares sem praias e sem roteiros; mas preferimos que nos digam o que devemos pensar.

Não estou a criticar um determinado indivíduo. Não estou falando a respeito de nenhum chefe em particular, mas sim da idéia geral da autoridade. Positivamente, senhores, não podeis criar se estais presos nos laços da autoridade. Onde existe a autoridade, cessa a criação. Podem-se criar coisas mecânicas, mas a criação, como realidade, cessa, e penso que esta é uma das maldições dêste e doutros países. Ao vos entregardes a alguém, seja sacerdote, guia político, ou o homem que se diz Messias ou mensageiro de Deus, deixais de sentir e de pensar, e deixais de existir como seres humanos. Tal não representa, naturalmente, a solução dos nossos problemas, das nossas catástrofes e angústias.

Muito bem; alguém disse que a religião e o nacionalismo são duas coisas caras ao homem, e que não podemos trocar uma pela outra. Mas, averiguemos isso, não em oposição ou em defesa, mas com o real propósito de encontrar a verdade a êste respeito, porque a verdade é que nos libertará, que nos dará a felicidade, e não uma asserção feita por outro.

Que entendeis por religião? Certamente não é o frequentarmos a igreja ou o templo, o adorarmos imagens, o lermos livros sagrados, ou o pertencermos a alguma seita ou organização religiosa. Isso, por certo, não é religião. E religião não é crença. A religião implica a busca de Deus, da Verdade, ou qual nome lhe deis. Se assim é, então as religiões organizadas representam um empecilho, uma vez que constrangem o pensamento e o sentimento, com suas crenças, suas imagens, feitas pela mão ou pela mente, com suas cerimônias bárbaras, etc.. A religião, pois, é a busca da Realidade e não a celebração de cerimônias, a leitura de livros sagrados, etc.. Significa isso, portanto, que a religião, sob a

forma de crença organizada, deixa de ser religião. Na investigação da Verdade, os nossos meios de aproximação devem ser negativos e não positivos, porquanto a ação positiva conduz sempre ao fim positivo, que só pode ser aquilo que já conheceis. Mas a Realidade é o incognoscível, e vós não a podeis imaginar, nem expressar em palavras. Ela é o desconhecido. Por conseguinte, tôda tentativa positiva para se compreender o desconhecido, tornará o desconhecido cognocível, o que, naturalmente, não é a Verdade. A Verdade existe quando o conhecido deixa de existir. Não podemos aproximar-nos do Eterno através do tempo. O Eterno existe, quando o tempo deixa de existir, isto é, quando o pensamento, que é resultado do tempo, chega ao seu têrmo. Assim, pois, a religião não é o positivo; não é dogmática, assertiva, ou catequizadora; não é a adoração de imagens.

E que é o nacionalismo? É o sentimento de pertencermos a um grupo de indivíduos ou uma nação, não é verdade? Quando vos denominais hindu, muçulmano ou cristão, que fazeis? Não vos dá um sentimento de bem-estar o sentir-vos unido a uma coisa que considerais maior do que vós mesmo? Quando digo que sou hindu, tenho o sentimento de pertencer a todo um grupo de indivíduos, a uma nação antiga, com tôda vaidade nisso implicada. Não é assim? Pertenço à minha família, e também nisso me dá continuidade. Por conseguinte, através do nacionalismo tenho continuidade, o "meu" tem continuidade, e portanto eu me identifico com aquilo que é considerado maior do que eu próprio, que é considerado como o todo, a nação que se chama a Índia. Em mim mesmo, sou vazio, superficial, pobre, nada sou; mas, se me identifico com algo que se chama a Índia, com uma idéia, estou então bem colocado, tendo felicidade,

e através dessa idéia posso ser explorado e posso lançar-me, brutal e impunemente, ao extermínio de outras nações. Isso é o que tem acontecido pelo mundo: os alemães contra os francêses, os hindus contra os maometanos, etc. etc., tudo em nome do nacionalismo, em nome da pátria, em nome de Deus, em nome da Paz. Isso, porque me agrada estar identificado com algo que chamo a Índia, e que na verdade é uma ampliação de mim mesmo, e se vós a atacais eu estou pronto a matar-vos, porque sem ela nada sou. Por isso dedico ao nacionalismo todos os meus sentimentos, e êle toma o lugar da religião, como está acontecendo atualmente; os deuses estão desaparecendo e os Estados tomando os seus lugares. Uns e outros são meras idéias, e por conseguinte nada há que perder; nada importa trocar um pelo outro, porque, em verdade, e fundamentalmente, vós procurais a continuidade por meio de um conceito, e não importa que êsse conceito seja a Índia, ou Deus, ou a Alemanha; o que importa é que eu, como entidade, continue sob alguma forma.

Assim, pois, o nacionalismo, tal como a religião organizada, tem promovido a divisão entre os homens. Através do nacionalismo, não se pode nunca encontrar a fraternidade. Se sois nacionalistas procurais ser fraternais, viveis na ilusão, uma vez que não podeis estar identificados com uma coisa e negar o resto. No momento em que vos identificais com um credo ou uma nação, vós vos tornais criadores de guerras. Podeis falar de fraternidade, mas viveis num estado de opressão, e por isso estais causando guerras. Não percebo muita diferença entre nacionalismo e religião organizada. Ambos só têm trazido sofrimentos ao homem, ambos têm criado a divisão, espalhado a destruição e conflito, porque a crença e o patrio-

tismo separam os homens uns dos outros. Positivamente, precisais transcender estas imagens mesquinhas, criadas pela mente ou pela mão, para encontrardes a Verdade. Deveis deixar de ser nacionalistas, por mais excitante e estimulante que isso seja, e deveis deixar de pertencer a qualquer religião, para que possais achar a Realidade. Sendo o nacionalismo bem como a religião organizada invenções da mente, do tempo, para se compreender o atemporal é necessário que estejais livres do tempo. Tal é extremamente difícil, no mundo moderno, que está organizado para a guerra, a guerra total, a destruição total, tornadas inevitáveis pelo nacionalismo ou pela religião organizada. Por conseguinte, um homem que deseja encontrar a Verdade, deve deixar para trás estas duas coisas, porquanto a Verdade não se pode encontrar numa imagem feita pela mão ou pela mente, mas só depois que cessar o pensamento; a terminação do pensamento é a terminação do tempo. A verdade só pode ser compreendida pelo autoconhecimento, e não com o seguirmos as asserções de um chefe qualquer.

PERGUNTA: *Tendes falado da exploração como nociva. Mas vós não explorais também?*

KRISHNAMURTI: Folgo muito de ver que ainda tendes a capacidade de criticar. É por ela que encontraremos a Verdade, e não entrincheirados atrás de palavras. Todavia, temos, em geral, levantado muralhas de palavras, dificílimas de penetrar. Estou disposto a me expor, e o farei, e podeis divertir-vos à vontade.

Que entendeis por exploração? Já pensastes nisso, ou apenas lestes alguma coisa nos livros a seu respeito e agora repetis para mim e para vós

mesmos asserções da esquerda ou da direita? Que significa exploração? Não significa utilizar-nos de outra pessoa, social ou psicològicamente, para nosso proveito pessoal? A sociedade, tal como está organizada atualmente, torna inevitável, infelizmente, a exploração; a camisa que visto e a *kurtha* que estou usando são resultado da exploração, e como pode um indivíduo, numa sociedade assim constituída, deixar de explorar? Compreendei o que entendo por exploração: a utilização de outra pessoa para nosso benefício pessoal, para ganho pessoal ou sucesso pessoal. O mais que posso fazer é dizer para mim mesmo que me servirei do mínimo, e já decidi sôbre o mínimo que me bastará. Para mim é de insignificante importância ter muito ou ter pouco. Ter muito é incômodo, como vos dirão as pessoas que têm muito. A limitação das necessidades só pode realizar-se quando as necessidades não são utilizadas para fins psicológicos, isto é, quando não me sirvo das coisas essenciais da vida como meio de satisfação psicológica. O uso da propriedade como meio de engrandecimento próprio, é o que chamo exploração. Mas, já não existe exploração, quando me sirvo das coisas essenciais como essenciais e nada mais; espero que tenhais compreendido êste ponto.

A exploração tem comêço quando as necessidades se convertem em avidez, quando as necessidades se tornam exigências psicológicas. As necessidades, que são alimentação, vestuário e morada, pouca significação têm, em si mesmas, além de alimentar, vestir e abrigar. — Seguramente a exploração cessa quando as necessidades não transbordam para o terreno psicológico — porque, afinal, se examinardes essas necessidades elas são apenas alimentação, vestuário e abrigo, e com estas coisas não se preocupa um homem que é feliz, porque êle

possui outras riquezas, outros tesouros. Mas o homem que não possui outros tesouros dá predominância aos valores sensoriais, acarretando assim devastações pelo mundo. Assim, pois, se posso ser pessoal, visto que não me sirvo das coisas essenciais da vida para exaltação psicológica, não estou, em verdade, explorando ninguém. Podeis chamar-me explorador, mas no meu íntimo eu sei que não o sou.

O problema da exploração psicológica é muito mais difícil. Psicològicamente, dependemos de coisas, de crenças, ou de idéias. Isto é, psicològicamente, as coisas, as relações e as idéias se tornam importantes, enquanto preenchem o nosso vazio psicológico; isto é, sendo interiormente pobres, insuficientes, timoratos, inseguros, procuramos a segurança nas coisas, ou nas relações, ou nas idéias. Essa busca de segurança nas coisas, nas crenças, nas idéias é o comêço da verdadeira exploração. Nós bem conhecemos o resultado da busca de segurança psicológica nas coisas: é a guerra, a destruição, o terrível caos e degradação sociais reinantes na Índia e noutras partes do mundo, atualmente. As coisas se tornaram extraordinàriamente importantes para vós, porque preenchem o vosso vazio psicológico. Vós sois as coisas; se tirarmos as coisas, que resta de vós? Por isso, precisais ter uma conta no banco, é a *vossa* conta, vós sois o seu dono. E na vida de relação, que acontece? Estando, como estais, psicològicamente vazio, vós dependeis de vosso marido, vossa espôsa, vossos amigos. Nestas condições, a dependência se torna muito importante, e por isso existe o ciúme, o temor, o desejo de possuir, e todo o incômodo de procurar dominar o desejo de posse. Anàlogamente, quando estais interiormente vazios, as idéias e as crenças se tornam extraordinàriamente importantes, e

se torna importante o chefe, o mensageiro, o salvador.

Fundamentalmente, pois, a exploração começa sòmente quando vós, o indivíduo, a sociedade, tendes aquêle doloroso vazio psicológico, que todos nós sentimos, às vêzes, mas temos muito cuidado de ocultar. Esta exploração, a exploração psicológica, é muito pior, porque então o que tem importância é o nome, são as coisas, as idéias, o pensamento, como conhecimento. Por certo, através do conhecimento não podeis encontrar o Real. É sòmente quando cessa o conhecimento que existe o Real, pois o conhecimento é produto do pensamento, e o pensamento é resultado do tempo, e o que é produto do tempo não pode jamais encontrar o atemporal. Assim, pois, as coisas, os nomes e as idéias se tornam extraordinàriamente significativos, quando através delas nos expandimos. Êste processo de expansão representa o início da verdadeira exploração. Cessais de explorar ao reconhecerdes o significado da propriedade pelo que ela é, pelo que ela vos dá, que é mui pouco. Ao perceberdes o significado da vida de relação, pelo que ela é, e não pela satisfação que vos dá, e ao perceberdes a idéia, não como um meio de proteção e segurança pessoal, mas puramente como idéia, têm então estas coisas o seu significado próprio e muito pouco mais do que isso, porquanto, considerando bem, se buscais, nas vossas relações, a vossa própria expansão e satisfação, terminam as relações, por se tornarem dolorosas. A vida de relação é um processo de auto-revelação, um meio de descobrirmos nossa própria maneira de pensar e de sentir. Se vos servis da propriedade como meio de expansão pessoal, ela então conduz ao caos, a uma existência totalmente baseada nos sentidos, tal como a que leva o mundo na época

atual. Procurar resolver o problema da existência no seu próprio nível, acarreta destruição, e o mesmo se dá com relação às idéias. Quando vos servis do conhecimento, da idéia, como meio para se alcançar a satisfação psicológica, vós lançais os homens uns contra os outros, o que, mais uma vez, acarreta ódios, inveja e miséria. Assim, pois, em verdade, há exploração quando há expansão individual, seja em nome de Deus ou de qualquer outra coisa. A exploração não pode ser eliminada pela legislação. Pode-se organizar um mundo em que não haja exploração física, mas isso levará a exploração a outro nível, no qual é ainda o chefe quem tem suprema importância. Assim sendo, a exploração só pode ser compreendida e realmente eliminada ao compreenderdes a vossa própria maneira de pensar, de sentir e de agir, isto é, mediante o autoconhecimento começais a perceber a total inanidade de vossa própria existência, fato êste que estava encoberto pelas idéias, pelas vossas relações, e pelas coisas. Se ao perceberdes êste vazio, não procurardes fugir a êle, "aquilo que é" se transforma.

PERGUNTA: *Qual é a diferença entre submissão à vontade de Deus e o que vindes dizendo a respeito da aceitação do "que é"?*

KRISHNAMURTI: Há por certo enorme diferença, não achais? Submissão à vontade de Deus significa que já conheceis a vontade de Deus. Não vos estais submetendo a algo que não conheceis. Se conheceis a Realidade, não vos podeis render a ela. Vós deixais de existir. Não há submeter-se a uma vontade superior. Se vos estais submetendo a uma vontade superior, então esta vontade superior é a projeção de vós mesmos, uma vez que o

Real não pode ser conhecido através do conhecido. Êle só vem à existência quando deixa de existir o conhecido. O conhecido é uma criação da mente, porque o pensamento é o resultado do conhecido, do passado, e o pensamento só pode criar aquilo que conhece, e, por conseguinte, o que êle conhece não é o eterno. Eis a razão pela qual, quando vos submeteis à vontade de Deus, estais-vos submetendo à vossa própria projeção; isso poderá ser deleitável, confortante, mas não é o Real.

A compreensão do que "é" requer um processo diferente. Talvez não seja adequada a palavra "processo", mas o que quero dizer é o seguinte: compreender "o que é" é muito mais difícil, requer mais inteligência, mais vigilância, do que o mero aceitar ou render-se a uma idéia. Para se compreender "o que é", não há necessidade de esfôrço, pois, como já fiz ver em palestras anteriores, o esfôrço é distração. Para compreenderdes o "que é" não podeis estar distraídos, não é verdade? Se desejo compreender o que estais dizendo, não posso prestar atenção à música, ao barulho de pessoas lá fora, e tenho de aplicar tôda a minha atenção ao que dizeis. É por isso extraordinàriamente difícil e árduo ficarmos cônscios do que é, uma vez que o nosso próprio pensar se tornou uma distração. Nós não queremos compreender "o que é".

Observamos "o que é" através dos óculos dos nossos preconceitos, da condenação ou da identificação, e é muito difícil tirarmos êstes óculos, para olharmos "o que é". Positivamente, "o que é" representa um fato, a Verdade, e tudo o mais é fuga, não é a Verdade, como dissemos há pouco. Para compreender "o que é", torna-se necessário que cesse o conflito da dualidade, uma vez que a reação negativa de tornar-nos alguma coisa diferente daquilo que "é", é a negação da compreensão do

"que é". Se desejo compreender a arrogância, não devo passar ao seu oposto, não devo distrair-me pelo esfôrço de "vir a ser", nem mesmo pelo esfôrço de querer compreender "o que é". Se sou arrogante, que acontece? Se não dou nome à arrogância, ela desaparece, o que significa que no próprio problema se encontra a solução, e não fora dêle. Não é, pois, questão de aceitar "o que é"; vós não aceitais "o que é", vós não "aceitais" a vossa côr bronzeada, visto que ela é um fato, uma realidade. E só quando quereis ser outra coisa, que sois forçados a aceitar. No momento em que reconheceis um fato, deixa êle de ter a mínima significação; mas a mente, preparada que foi para pensar no passado ou no futuro, aparelhada que está para fugir em múltiplas direções, é incapaz de compreender o "que é". Mas, sem a compreensão do "que é" está claro que não podeis achar o que é Real, e sem essa compreensão nenhum significado tem a vida, que é então uma batalha constante, em que há dor e sofrimento contínuos. O Real só pode ser compreendido ao considerarmos e compreendermos "o que é". Não pode ser compreendido se há condenação ou identificação. A mente que está sempre a condenar ou a identificar é incapaz de compreender. Só pode compreender aquilo a que está presa. A compreensão do "que é", a percepção do "que é", revela-nos profundidades extraordinárias, nas quais mora a Realidade, a felicidade e a alegria.

14 de Dezembro de 1947.

X

Há tantos problemas, principalmente nesta hora de tanta confusão, em que cada indivíduo, sociedade, grupo ou nação, busca a segurança à custa de outros, que me parece da máxima importância descobrir-se a maneira de pensar corretamente, logo que surge um problema, e enfrentá-lo adequadamente. O que importa não é o que devemos pensar com relação ao problema, nem qual deva ser a nossa atitude em face dêle mas *como* pensar a respeito do mesmo. Estamos habituados a que nos digam o que pensar, de que maneira devemos aplicar-nos a um problema, mas não sabemos o que é pensar. Parece-me, por isso, importantíssimo descobrir o que é o pensar correto, uma vez que os vários problemas que constantemente defrontamos exigem pensar correto.

Há uma solução correta para qualquer problema, mas essa solução requer um pensar correto e não um mero desejo de resolver a dificuldade. O essencial não é saber o que pensar, mas saber pensar corretamente. Desejo examinar esta questão convosco nesta tarde, uma vez que só pode haver ação correta quando há pensar correto. Se não sabemos pensar não sabemos agir.

Mas, que é pensar? Não sei se já vos fizestes tal pergunta. Que é pensar? Como já disse muitas vêzes, não conteis com uma resposta minha; estudemos juntos o problema, pois isto não é simples conferência, preleção ou discurso, de que sejais meros ouvintes; tomais parte na discussão. Vamos, portanto, pensar juntos a respeito de cada problema, e não fiqueis à espera de que eu vos dê solução.

Que é pensar? Que é o processo do pensar? Ao que sabemos, é uma reação à memória, não é exato? Tendes algumas lembranças, as quais produziram certas marcas, e a êsse resíduo vós reagis. A memória, portanto, é a acumulação do resíduo da experiência. Assim, pois, o pensar, que é reação à memória, está sempre condicionado, e, como o sabemos, tal é a realidade, tal a nossa existência de cada dia. Isto é, tendes uma experiência e a traduzis em conformidade com lembranças anteriores e, nessas condições, a experiência, já traduzida, é guardada como memória, e reagis em conformidade com esta memória, chamando-se a isto pensar. Mas, por certo, tal maneira de pensar fortalece cada vez mais o condicionamento, o que gera novos conflitos, dores e sofrimentos.

Isto é, a mente está constantemente a reagir ao resíduo da experiência, que chamamos memória. Está sempre reagindo a um estímulo, e êsse estímulo e essa reação à memória, nós chamamos pensar, visto que a vida é constituída de uma série de estímulos e reações, sendo a reação sempre condicionada pela memória, e essa reação à memória nós chamamos pensar. O estímulo é sempre novo, nunca velho, mas o nosso pensar é sempre velho, sendo, como é, uma reação do passado. Assim, crer não é pensar, crer é ùnicamente pensar condicionado e experiência condicionada — estou empregando a palavra "condicionado" no seu sentido comum e não no sentido técnico. Se credes numa coisa, vós a "experimentais", e esta "experiência" está condicionada, porque baseada numa crença, também condicionada. Portanto, o crer não é, absolutamente, pensar, sendo ùnicamente uma reação à memória. Eis o que estamos fazendo em nossa vida diária, como podemos observar se examinarmos a nós mesmos. Tendes uma "experiên-

cia", que deixa um resíduo, que é a memória; pensais de acôrdo com essa memória e essa reação que chamamos pensar é sempre condicionada, porquanto a crença é sempre memória condicionada.

Nessas condições, o nosso pensar, que é reação a um estímulo sempre novo, é invariàvelmente condicionado, produzindo portanto mais conflito, mais sofrimento e dor. Isso é fato verificável em nossa existência diária. Quando dizemos que estamos pensando, é isso o que significam as nossas palavras. Mas será isso pensar? Que é então o pensar? Quando empregamos a palavra "pensar" na vida diária, referimo-nos ao pensamento baseado na memória, pensamento que é uma reação à memória, e essa reação à memória resulta de um estímulo. Quando contemplais um quadro, vós o criticais de acôrdo com o vosso cabedal de experiência e conhecimentos. Se ouvis música, a interpretais de acôrdo com as tradições e em conformidade com os conhecimentos musicais de que dispondes. Se recebestes educação musical ocidental, não reagireis à música hindu.

Assim é isto o que chamamos pensar: uma série de reações à memória, sendo pois o pensar sempre condicionado. Isto é um fato. Agora, pergunto-me — e espero que também vos façais igual pergunta — será isto pensar? Estas reações à memória significarão "pensar"? Êste pensar, que conhecemos, é realmente pensar, ou simples reações à memória, não sendo por conseguinte pensar? Que é então pensar? Não me digais que é reação à memória; que é pensar? Já refletistes a êste respeito? Já refletistes e vos dissestes o que é pensar, o que para vós significa "pensar"? Em geral, dizeis que é uma reação à memória. Mas isso é "pensar"? Claro que não. Então, que é pensar?

Ora bem, sendo um problema novo, quando vos perguntam que é pensar, que fazeis? É uma pergunta nova, um problema novo que se vos apresenta, e de que maneira reagis a êle? Quando vos perguntam o que é pensar, qual a vossa reação? É a primeira vez que vosso pensamento se detém sôbre tal coisa. Que acontece então? Ficais em silêncio, não é verdade? Acompanhai-me com tôda a atenção. Apresenta-se-vos um novo problema: Que é pensar? — e como nunca pensastes a respeito do mesmo, como é um problema novo, segue-se naturalmente uma hesitação, sentis a quietude e o silêncio da observação. Não é assim? Estais observando e não traduzindo; estais muito atentos e vossa mente extraordinàriamente concentrada ante uma questão de vital interêsse como esta. Se observardes a vós mesmos, quando se faz tal pergunta, vereis que vossa mente não está adormecida, porém muito desperta e muito consciente, e todavia passiva. Está em expectativa, para encontrar uma resposta. Pois bem; êste estado vigilante e ao mesmo tempo passivo é, certamente, o pensar, porque não é um pensar condicionado. O que há é uma vigilância passiva e alertada. Estando a vossa mente muito quieta, frente a um problema novo, ela não está adormecida, porém muito vigilante e ao mesmo tempo passiva; não está ativa, porquanto não conhece a resposta, não está mesmo à procura de uma resposta, visto que não a conhece. Êsse estado, pois, de vigilância, vigilância passiva, é o verdadeiro pensar, não concordam? É a mais elevada forma do pensar, porque não há compreensão positiva, reação condicionada; é um estado de negação. Não seria possível atender a todos os problemas desta maneira, como problemas novos? Sim, porque, então, o problema nos entregaria o seu significado. Dessa maneira, ao atenderdes a

um problema, como, por exemplo, o sofrimento, êle vos confiará o seu significado, desaparecendo o problema. Mas, quando procurais resolver o problema por meio daquilo que chamais pensar, que não passa de reação à memória, então, como a memória é condicionada, complicais o problema ainda mais.

Podeis experimentar isso, por vós mesmos, de maneira muito simples, e vereis como funciona maravilhosamente. Estais por exemplo diante de um quadro moderno. Vossa reação instintiva é de não compreensão, e o pondes de lado, ou, então, perguntais quem o pintou, e se fôr algum nome célebre, direis que o quadro é muito bom; ou, ainda, em conformidade com vosso grau de cultura, interpretais o quadro. Reagis, pois, em conformidade com vossa cultura ou condicionamento. Mas suponhamos que deixeis de lado, se possível, a vossa cultura, a cultura clássica que recebestes, e fiqueis muito quietos, mui passivos, porém vigilantes, frente ao quadro. O quadro não vos diz, não vos dá então o seu significado? Assim, pois, a vigilância passiva é sem dúvida a forma mais elevada de pensar, porque ficais tão receptivos, tão vigilantes, que o quadro vos transmite o seu significado. Anàlogamente, se pudéssemos atender a qualquer problema com esta mesma vigilância alertada e passiva, que agora sentis, quando vos pergunto o que é pensar, ficaríeis intrigados, confusos, e se pudésseis passar além desta confusão, desta perplexidade, diríeis "Não sei". Êste "não sei" não representa uma condição de sonolência; é, ao contrário, um estado mental passivo, porém muito vigilante, no qual há um silêncio profundo, que aguarda o significado correto.

Mas o que chamamos pensar é em geral compreendido como uma reação da memória, e quan-

do atendeis a um problema com a reação da memória, o problema não é compreendido e há por isso mais confusão ainda. Mas, se fordes capaz de atender a cada problema, com esta vigilância passiva, que não escolhe, o problema vos dará o seu significado e podeis, assim, transcendê-lo.

PERGUNTA: *Sonho muito. Têm os sonhos alguma significação?*

KRISHNAMURTI: Êste é realmente um problema de extraordinária importância, e muito difícil, uma vez que abrange muitas coisas. Primeiro, estamos geralmente despertos, parcialmente despertos, ou adormecidos? Quando estais despertos? Quando se verifica uma crise extraordinária, quando há interêsse, quando surge um problema. Mas, sempre que se apresenta um problema, nosso desejo é fugir-lhe de diferentes maneiras, e nos pomos assim a dormir. Que fazeis quando se apresenta uma crise? Procurais resolvê-la em conformidade com o vosso "quadro de referências", de acôrdo com as escrituras religiosas, ou segundo um "guru", e isso também vos põe a dormir. Assim, quando a vida apresenta um estímulo, se êle é agradável interessamo-nos por êle, o que é também uma maneira de nos pormos a dormir, visto que, quanto mais prazer nos damos, tanto mais embotados ficamos. Quando o estímulo que a vida oferece é doloroso, que acontece? Vós o evitais, o que também embota; vós o evitais, através de diferentes vias. Assim, pois, constantemente, sempre que há um estímulo que requer séria atenção, percepção clara, um estímulo que pode acarretar prazer ou pena, rejeitamo-lo ou nos identificamos com êle, a tal ponto que nos pomos a dormir. Tal é o processo comum, e são raros, raríssimos, os mo-

mentos em que estamos despertos. É nestes momentos que não há sonho algum. Em tais momentos, em que estamos plenamente despertos, não há "experiência" nem acumulação de "experiência". Estais perfeitamente despertos, e portanto o "sonhador" não está a sonhar.

Ora bem, qual é o significado dos sonhos? O sinificado é, por certo, o seguinte: A mente consciente, durante o dia, está ativamente empenhada no ganhar dinheiro, no executar tarefas rotineiras, no aprender, ou está aplicada a alguma ocupação técnica. Está, pois, a mente consciente, durante o dia, ativamente ocupada com coisas superficiais, com ir ao templo, ir ao escritório, discutir com a espôsa ou com o marido, pensar, ler, evitar, deleitar-se; está constantemente ativa. Quando a mente adormece, que sucede? A mente superficial fica moderadamente tranquila. Mas a consciência não é só a camada superficial. A consciência é constituída de muitas e muitas camadas, que não é necessário enumerar tôdas: impulsos ocultos, desejos, ansiedades, temores, frustrações, etc., etc., E essas camadas da consciência podem projetar-se, e de fato se projetam, na mente consciente, e quando esta desperta, diz: "Tive um sonho". Em outros têrmos: A mente consciente está tão ocupada com as atividades diárias, as ansiedades, os temores de cada dia, que é incapaz de receber comunicações e sugestões durante o dia. Cada uma dessas múltiplas camadas tem sua própria consciência, e, quando se aquieta a mente superficial, projetam-se nela as camadas mais profundas, e, então, sonhais.

Há, é claro, sonhos superficiais e há sonhos que têm significação real. Os sonhos superficiais são aquêles criados pelas reações corporais: dispepsia, excesso de alimento etc.. Tais sonhos não precisamos considerar. Outros sonhos representam

comunicações procedentes das camadas mais profundas da consciência. Pois bem, quando sonhais, que acontece? Acontece frequentemente que, enquanto sonhais a interpretação se processa. Não sei se já o notastes. Isto é, os sonhos são, realmente, símbolos, imagens, representações, que a mente consciente traduz, e diz "Sonhei isto ou aquilo". São símbolos e impulsos ocultos que, ao se projetarem no consciente são traduzidos em símbolos que vos transmitem uma significação, ao despertardes. E, quando sonhais, quando dizeis, ao despertar, "tive um sonho", imediatamente desejais interpretar êsse sonho. Se estais verdadeiramente conscientes do sonho, desejais saber o que êle significa. Pois bem, podeis dar-vos ao luxo de procurar o psicanalista, o especialista em sonhos, que vos traduzirá o sonho, mediante ûm processo muito difícil e moroso, que leva muitos meses e muito dinheiro do vosso bôlso. Mas, para a maioria de nós, felizmente, o dinheiro é escasso e o psicanalista não anda por perto. Os psicanalistas são novos sacerdotes do mundo moderno. Têm também a sua algaravia peculiar, e vos exploram, e vós os explorais também.

Mas há, sem dúvida, uma maneira diferente de compreender. Quando vós mesmos interpretais o sonho, quem é o intérprete? Tivestes um sonho durante a noite, que contém um certo significado, que não é um simples sonho superficial, mas, sim, um sonho que encerra um certo valor, uma certa significação. Pois bem; vós desejais compreendê-lo, isto é, traduzi-lo, desejais penetrar em seu significado. Ora, como é que se compreende um sonho? Procurais examiná-lo e encontrar o seu significado, e que acontece? Tentais interpretá-lo. Vós o estais interpretando e, por conseguinte, sendo, como sois, a mente condicionada, a mente super-

ficial, a mente ativa, não podeis penetrá-lo, não podeis compreendê-lo. Só podeis traduzi-lo, interpretá-lo de acôrdo com vosso gôsto ou aversão. Mas o sonho vos transmite, assim, muito pouco do seu significado, do seu sentido. Se examinardes o vosso sonho, compreendereis o que quero dizer, porque vós, o intérprete, estais muito interessado em descobrir o seu significado; por isso estais agitado; e por isso não sabeis compreendê-lo. Mas, se o intérprete estiver plenamente vigilante, e ao mesmo tempo passivo, então o sonho revelará o seu significado. Esta é a única maneira de examinar os sonhos. A mente consciente deseja interpretar o significado do sonho, que é uma comunicação procedente das muitas camadas da consciência; se, portanto, o "sonhador" estiver passivamente vigilante, tranquilo, o sonho começará a revelar o seu significado. Mas, se vos ocupais com êle, dizendo: "preciso compreendê-lo", a mente consciente se torna agitada e traduz o sonho em conformidade com seu condicionamento. E, assim, não poderá jamais compreendê-lo. Dêste modo, a maneira como o "sonhador", o intérprete, considera o sonho, tem suma importância.

Apresenta-se, então, outro problema: Como o intérprete, a pessoa que sonha, está sempre desatento, como é possível libertar o pensamento de todos os sonhos, para que não haja mais intérprete? Isto é, porque precisa a mente, a mente consciente, estar sempre sonhando? Porque precisais sujeitar-vos a êsses sonhos e a todo o trabalho de interpretá-los e mais as ansiedades da parte do intérprete? Existe algum meio de não se sonhar absolutamente? Porque, no momento em que o intérprete, a pessoa que sonha, intervém para a compreensão do significado do sonho, êle, infalìvelmente, o interpretará de maneira errônea. O intér-

prete só é capaz de traduzir o sonho de acôrdo com o próprio condicionamento, que é sempre agradável, e por isto trata sempre de evitar tudo quanto é doloroso. ¿Não haverá um meio de se transcender todos os sonhos, já que os sonhos, como disse, representam comunicações à consciência superficial pelas numerosas camadas da consciência, que dessa maneira transmitem os seus desejos e intenções?

O problema consiste, pois, em como transcender, como compreender, plenamente, profundamente, todos os comunicados, das várias camadas da consciência, de sorte que não seja necessário esperarmos a noite, para sonhar, depois interpretarmos o sonho, etc.. Será possível compreender todo o conteúdo da consciência e libertá-la, de forma que não mais seja necessário projetar êsse conteúdo, durante o sono, na mente superficial? É possível esvaziar completamente a consciência, de modo que a mente consciente compreenda plenamente? O superficial é então o profundo. Há muitas camadas de consciência e quando uma dessas camadas projeta, na camada consciente, as suas comunicações, que a mente consciente chama sonhos, procura então a mente consciente interpretá-las e sofre tôdas as ansiedades inerentes à interpretação. Não sei se já passastes por isso.

Agora, pergunto eu: É possível à mente consciente ficar tão vigilante, tão passivamente atenta, no correr do dia, que tôdas as comunicações sejam traduzidas logo, ao surgirem? Em outros têrmos, podeis ficar vigilantes, tão intensamente vigilantes, conscientemente, sem escolha (porquanto, no momento em que escolheis passais a ser intérpretes), podeis estar tão passivamente vigilantes, que tôdas as camadas da consciência estejam continuamente a transmitir as suas comunicações, de modo

que a consciência seja um todo integral, sem camadas? Tal só é possível quando a mente consciente não está a batalhar com problemas, quando a mente consciente não é *forçada a ficar* quieta, mas *está* quieta. Se o experimentardes, vereis como é extraordinário. Quando a mente consciente está transquila, ela pode fazer coisas superficiais mas a sua tranquilidade não é perturbada por essas atividades superficiais. Vereis, então, que, quanto mais vigilantes estiverdes, quanto mais atentos, quanto mais passivamente observantes, negativamente vigilantes, numa vigilância sem escolha, tanto mais as coisas contidas no inconsciente, nas muitas camadas, sobem à superfície. Não precisais interpretá-las, porquanto elas são compreendidas no mesmo instante em que surgem. Se o experimentardes, fruireis uma liberdade extraordinária, porque todo o vosso ser, tôda a vossa consciência, agora fracionária, se torna integrada. Não há mais luta alguma na vossa consciência, ela é agora amor, um todo completo, indiviso. Positivamente, isto é liberdade; tôdas aquelas camadas ocultas e profundas da consciência, estão agora expostas, abertas, livres, e, por consequência, não há mais necessidade de sonhos.

Não havendo mais sonhos, pode a consciência penetrar mais e mais em si mesma, pois os sonhos representam um indício de perturbação. E quando não há mais perturbação, o corpo estando perfeitamente tranquilo durante o sono, a mente sossegada, a mente consciente relativamente serena, constatais, ao despertar, que não tivestes sonhos, mas que se operou uma renovação, uma renovação que se processa constantemente, uma vez que há sempre uma terminação.

O fazendeiro, o lavrador, lavra o campo na primavera. Depois semeia, depois colhe e deixa o

campo em repouso durante os meses do inverno. Êsse repouso do solo é regeneração, porquanto fica exposto ao sol, à neve, às intempéries. E êle se renova. De igual maneira, a mente consciente, depois de lutar, de semear, e de colhêr, deve ser deixada em repouso. Nêsse repouso está a sua própria força criadora. A mente se renova, e isso pode ser feito dia por dia, e não sòmente no fim da estação.

Ora, quando tendes um problema e com êle lutais, fica o problema por têrminar e o levais para o dia seguinte. Mas se lhe puzerdes têrmo, isto é, se viverdes as quatro estações num só dia, vereis, ao despertar, que houve uma renovação, sentireis um frescor, uma "novidade" até então desconhecida. Não é a renovação do desejo, a renovação dos vossos problemas relativos à propriedade, à vossa situação conjugal, etc. etc., mas a renovação pela qual encarais tôdas as coisas como novas. Por esta razão têm os sonhos um extraordinário significado. Mas êsse significado não pode ser compreendido se existe um intérprete, e como êsse intérprete existe, está sempre a traduzir os sonhos em conformidade com seu condicionamento. Mas, será possível afastar o intérprete? Só é possível quando a mente consciente está ativa, e ao mesmo tempo passiva, isto é, passivamente vigilante. Então, nesta vigilância de nova espécie, nêste estado passivo, em que não há escolha, é compreendido todo o conteúdo das muitas camadas da consciência, visto que a consciência não mais é fracionária, mas sim um todo, uma unidade íntegra; é livre e pode constantemente renovar-se e encarar de maneira nova tudo quanto se lhe depara.

PERGUNTA: *Percebemos o alcance do que dizeis, mas existem muitos problemas importantes, que demandam atenção imediata,*

como, por exemplo, a luta entre o capital e o trabalho.

KRISHNAMURTI: Todos nós sabemos que existem problemas imediatos a exigirem imediata solução. Isto é óbvio, principalmente numa sociedade caótica, confusa, produto da industrialização, etc.. Êstes problemas requerem urgente atenção: o capital, o trabalho, os transportes, etc. etc.. Ora, que há de impraticável no que estamos dizendo, que há de tão impraticável que não nos permita atender aos problemas imediatos? É isso o que se depreende desta pergunta. Quer dizer, o autor da pergunta diz: "sim, estou de acôrdo com o que dizeis, mas como irei resolver os problemas imediatos?" — O que se depreende é que êle não descobriu no que temos estado a dizer, nenhuma aplicação para os problemas imediatos. Não sabe como atender aos problemas que requerem atenção imediata.

Ora bem, ou atendemos aos problemas do ponto de vista reformador, ou do ponto de vista do pensar correto. Se atendo aos problemas apenas do ponto de vista reformador, tôdas as reformas que forem feitas precisarão novas reformas. Mas, se me aplico aos problemas do ponto de vista do pensar correto, estarei então em condições de atendê-los diretamente. Portanto, não nos interessam as reformas, não é verdade? E' muito importante que o decidais por vós mesmos, porquanto vós desejais reforma, há urgência em remediar-se a falta de alimento, em abolir o casamento entre crianças, em permitir às viuvas contrair segundas núpcias; vós conheceis todos os problemas imediatos. Estais atendendo a êles com a mentalidade do reformador, cuja atitude é inteiramente diversa da atitude do homem que deseja

atender de maneira completa ao problema da existência humana? O interessar-se ùnicamente em reformas, é uma maneira de atender aos problemas. Mas, em tal caso, não vos interessa a finalidade do homem, mas, sim, meramente, o problema imediato do homem, e só isso vos dá cuidados. Tal é a atitude do politico. Mas uma atitude dessas só leva à confusão, só acarreta mais confusão, mais luta, mais miséria, como se pode ver na sociedade, na época atual. Ou estais encarando os problemas, tais como a fome, o nacionalimo, as fronteiras econômicas, e a nossa vida diária, em que se criam problemas inumeráveis, do ponto de vista de um homem empenhado em compreender o verdadeiro significado da existência? Estes dois pontos de vista são diametralmente opostos.

Assim, pois, de que ponto de vista fizestes a vossa pergunta? Por favor, não respondais: ha muita gente aqui. Se estais procedendo do ponto de vista do reformador, não há resposta, porque tendes de reformar, tendes de transigir com a esquerda e com a direita, com a corrupção, o que significa que também vós estais parcialmente corrompido, etc., etc. E' como se um homem dissesse: Se não tenho um exército, meu país será devastado pelo inimigo; mas, também, acredito no pacifismo, acredito na fraternidade. Êste homem é um verdadeiro reformador. Êle transigiu, ao dizer: "Se não tenho um exército, alguém virá dominar-me". E, assim, cria um exército, toma parte na guerra, visto que a simples existência de um exército indica preparação para a guerra, e mais todos os problemas decorrentes da guerra, e assim por diante.

Anàlogamente, quando atendeis ao problema do trabalho e do capital, que está implicado em tal problema? O capitalista é um explorador consu-

mado. Paga o menos que pode para ganhar o mais que puder, e todos nós sabemos disso. Entretanto, se o trabalhador chegar ao alto, fará exatamente a mesma coisa, porque neste caso tudo está controlado pelo Estado, que obriga cada um a trabalhar, queira ou não queira. Nestas condições, a luta entre o capital e o trabalho é um problema de poder. O capitalista busca a própria segurança, a própria proteção — vós conheceis todo o seu jôgo de exploração — e o trabalhador é obrigado a organizar-se para proteger-se contra a sua crueldade. Daí as greves, os sindicatos, etc.

Muito bem; quereis estudar a vida do ponto de vista do reformador cuja função é remendar, ou quereis estudá-la de um ponto de vista revolucionário, o que significa que tendes uma idéia que desejais pôr em execução? Então, o que vos interessa não é a luta do homem, a existência do homem, mas sòmente o sistema, e por isso acreditais que o sistema trará benefícios ao homem. Estais, pois, mais interessados no sistema do que no homem. Ou quereis abordar de maneira completa o problema da existência humana, e não meramente a luta entre o capital e o trabalho, que é luta entre homem e homem, entre mulher e marido, entre vizinho e vizinho, entre grupo e grupo, entre uma organização e outra organização? Quereis estudar o problema com o intuito de compreender o verdadeiro significado do conflito, da dor e do sofrimento do homem? Se vosso estudo fôr amplo, íntegro, completo, tereis então uma solução real. Mas, se estais abordando o problema meramente do ponto de vista de um revolucionário teórico, munido de um sistema e de acôrdo com um padrão, então, seguramente, não conseguireis resolver o problema do sofrimento humano, tão pouco o conseguirá o reformador, a pessoa empenhada em ati-

vidades sociais e desejosa de alterar as coisas e adaptá-las ao seu padrão, ao seu molde. Suas reformas terão de ser novamente reformadas, uma vez que o reformador não está levando em consideração os fatores fundamentais da mente.

O imediato só pode ser compreendido, se compreendemos o atemporal. O homem que se interessa pelo imediato não pode jamais compreender o profundo, uma vez que o homem não é sòmente o imediato. Se êle busca uma solução aos seus problemas, uma solução condicionada ao tempo (a pergunta implica que o problema precisa estar resolvido até depois de amanhã) não está interessado nos verdadeiros fatores e problemas, isto é, os fatores e problemas psicológicos do homem. Dirá ele: "Não me interessam os vossos problemas psicológicos. Eu só quero é dar de comer aos milhões, e por isso vou dedicar-me, implacàvelmente, ao problema da alimentação dos milhões, ainda que não consiga alimentar um só". Há, por certo, uma maneira diferente de abordarmos êste problema — o problema das necessidades, que são alimentação, vestuário e morada, e outros fatores psicológicos — uma maneira que não diz respeito a nenhum grupo ou sistema determinado. O considerar o homem como um todo é o que mui poucos indivíduos querem fazer, porque a todos interessa o imediato: os desejos imediatos, as consecuções imediatas, as paixões imediatas. Estamos, pois, a maioria de nós, verdadeiramente interessados no imediato. Somos quase todos políticos e não homens empenhados com sinceridade em descobrir a verdade da existência. Em geral, queremos transigir, buscamos soluções fáceis. Mas, homens como êsses não serão os salvadores da humanidade. O homem que salvará a humanidade será aquêle que compreender profundamente a si

próprio, nas suas relações com a sociedade, com a espôsa, a pátria, seu grupo, e que, ao transformar-se nas suas relações, oferece uma nova compreensão que contribui para esclarecer o significado da sociedade e de suas lutas.

PERGUNTA: *Não somos moldados pelas circunstâncias? Não somos realmente criaturas dos nossos sentidos?*

KRISHNAMURTI: Eis outro problema imenso, porquanto uma pergunta dêste gênero tem um alcance incomensurável. Uma das coisas implicadas nesta pergunta é a que a matéria está em movimento, interiormente, sendo por isso essencial e da máxima importância o contrôle das circunstâncias. Outra concepção é que a idéia atua sôbre a matéria e por conseguinte molda a matéria. Esta é a concepção religiosa. A concepção materialista é que a matéria está em movimento, interiormente, e produz a idéia e por esta razão o indivíduo precisa controlar as circunstâncias, não sendo portanto importante o indivíduo. Ao passo que, de acôrdo com a outra concepção, a religiosa, a idéia molda a matéria, isto é, Deus, ou o que quizerdes, controla e molda a matéria, e por conseguinte há um valor absoluto, uma virtude absoluta, e isso é a Realidade. O materialista, o socialista, o esquerdista da extrema, dizem que não há valor absoluto; o homem é mero produto do ambiente e modifica os seus valores em conformidade com o ambiente, e por conseguinte o ambiente o controla e molda em conformidade com um sistema. Êstes teóricos metem o homem, intelectualmente, numa camisa de fôrça, para que funcione eficazmente como cidadão de uma sociedade mecanizada e, nestas con-

dições, o indivíduo não tem importância alguma, sendo puramente matéria para ser modelada.

Não tomeis partidos. Eu não estou tomando partido. Para o direitista, o indivíduo só tem importância enquanto não há crise. Sobrevindo uma guerra, perde o indivíduo tôda a importância. E' levado para a guerra e morto a tiros. Assim, pois, a esquerda e a direita se encontram, nos momentos de crise, e o sacrificado é o indivíduo. Eis o que está acontecendo atualmente, no mundo. Embora acreditemos no valor absoluto, e embora acreditemos que o homem, o indivíduo, representa a expressão sagrada dêsse valor, êle é sacrificado, disciplinado, dirigido, nos momentos de crise, como a guerra ou outra calamidade nacional. Para o esquerdista, o homem é sem importancia, o indivíduo é sem importância, podendo, entretanto, com o tempo, tornar-se importante, mas, por ora, precisa ser controlado e moldado. Pois bem; o esquerdista começa com sua teoria, seu sistema; e o direitista nega tudo quanto diz o esquerdista, e crê que Deus o criou, Êle tem a sua bíblia, e o esquerdista tem também *a sua* bíblia. Estão, por conseguinte, ambos a se ocupar com o problema, com uma mente condicionada, condicionada por Marx ou pela Bíblia, pelo Bhavagad Gita, ou outra coisa qualquer.

Se desejo descobrir onde está a verdade, como devo começar? E' fato que sou resultado do ambiente, como vós também o sois. Vós sois a criatura dos vossos sentidos, uma vez que, afinal de contas, sois hindu, ou Cristão, ou maometano, isto é, resultado de vosso ambiente. Mandaram-vos acreditar em Deus e vós acreditais em Deus. Frequentais o templo ou não o frequentais, conforme o vosso condicionamento. Quer sejais esquerdistas, quer direitistas, estais condicionado, o que significa que

o ambiente vos moldou a mente. Assim, pois, parcialmente, não integralmente, sois um resultado de vosso ambiente; a fim de achardes o que é verdadeiro, precisais penetrar mais e mais no problema dos sentidos, e não vos deterdes, categòricamente, num determinado ponto.

Precisais, pois, experimentar com vós mesmos, a fim de descobrir em que extensão o vosso sentir é meramente sensorial, em que extensão os vossos valores são sensoriais, em vez de admitirdes, como os direitistas, que Deus é absoluto e depois sairdes à procura do absoluto. Se aceitais meramente, sois tal qual o direitista, que nega, porque, então, estais apenas a "experimentar" e a viver em conformidade com vosso condicionamento. Não encontrareis a verdade, porquanto decidistes, arbitrária e prèviamente, o que há ou o que não há. Entretanto, se desejais encontrar a verdade, deveis, é claro, começar pelos sentidos, porquanto são só êles que conhecemos. Podeis especular sôbre tudo o mais, mas com a compreensão dos valores sensoriais podeis entrar cada vez mais fundo no problema da consciência. Não admitais nada como certo, e não aceiteis nada para crer. Começai a experimentar e descobrireis, então, por vós mesmos, se sois mero resultado de influências ambientes, ou se sois a idéia que move a matéria. Vereis que não é nem uma nem outra coisa, porém algo diferente. Quando o concebeis como a matéria a atuar sobre a idéia ou a idéia a atuar sôbre a materia, estão, então, as duas colocadas como têrmos opostos, como antíteses. Como já disse, se abordais um problema do ponto de vista do oposto, deveis considerar que todo oposto contém o seu próprio oposto. Afinal de contas, se a esquerda e a direita são consideradas como opostos, a esquerda é a continuação da

direita; sòmente sob certo aspectos ela é negação da direita, mas, contudo, é continuação da direita.

Assim, para que se compreenda o problema, não o deveis abordar nem da esquerda nem da direita; a aceitação da esquerda ou da direita é negação da verdade. Alimentação, vestuário e morada são valores sensoriais; e vosso pensar é òbviamente sensorial, e também o são os vossos sentimentos. Prosseguindo dêste ponto, descobrireis, ao penetrardes mais e mais no processo psicológico, que sobrevem um silêncio, uma tranquilidade absoluta, e não relativa. Um estado que não é sensorial, que não é sensual, que não é provocado. Neste silêncio, em que a mente está verdadeiramente tranquila — tranquila, não sòmente a camada superficial da consciência, mas sim tôda a consciência, sem indagar, sem procurar — em que a mente não está sob o impulso dos desejos, descobrireis a verdade. Então, nesta tranquilidade real, não atraída, não provocada, encontrareis a Verdade, mas, se aceitais a esquerda ou a direita, certamente não encontrareis a Verdade de coisa nenhuma. A aceitação é a própria negação da Verdade.

21 de dezembro de 1947.

XI

Esta é minha última palestra dominical. Embora eu tenha tratado de muitos assuntos e me abeirado do nosso problema humano de diferentes pontos de vista, acho que teria cabimento fazer, não exatamente um sumário, porém, antes, uma revista geral do que temos discutido nestas últimas dez semanas. Não posso naturalmente fazê-lo pormenorizadamente, porque o tempo é limitado, e cumpre-me, por esta razão, ser muito conciso, mas espero que aquêles, que acompanharam estas discussões e palestras, compreenderão o seu verdadeiro significado, em vez de se limitarem a aceitar simples palavras.

Já devemos ter percebido, não sòmente através dos jornais, mas também do nosso diário contacto com a vida, vizinhos, amigos e nossas famílias, a crescente confusão e miséria que nos cercam, política, social e religiosamente; e a mesma confusão existe nas nossas relações, uns com os outros, isto é, com a sociedade. Assim, pois, como chegaremos a compreender esta crescente confusão e miséria e a implantar a ordem e a felicidade? Acho que é isso o que interessa a todo homem judicioso; não me refiro aos indivíduos que só dão importância aos sistemas, porquanto êstes, em verdade, não são, absolutamente, pessoas judiciosas; querem inculcar aos outros um sistema que promete trazer a felicidade ou a ordem; o que lhes interessam são os sistemas e não os entes humanos. Não estamos, pois, versando sôbre sistemas, mas, sim, sôbre como será possível implantar a ordem neste mundo louco e caótico.

Para chegarmos a resultados duradouros, precisamos partir de onde estamos, não é verdade? Precisamos começar com o que está mais perto — nós mesmos. Isto é, percebemos o caos que nos rodeia, desastres cada vez maiores, guerras cada vez mais frequentes, crueldades pavorosas e angústias sem fim; como pôr côbro a estas coisas? Estamos diante de um problema formidavel e confuso, e onde começar para promover a ordem e a felicidade? Por certo, deveis começar por vós mesmos. Vós sois o ponto focal de todo êste caos, estai certos disso; se o compreendermos, começaremos por nós mesmos, cada um de nós, eu comigo e vós com vós mesmos. Mas, por alguma razão, passa-nos despercebido êste fato, isto é, que somos a pedra fundamental de tôda a estrutura social.

Qual a relação entre vós e o sofrimento e a confusão reinantes em vós mesmos e em tôrno de vós? E' evidente que esta confusão e miséria não começaram a existir por si mesmas. Vós e eu as criámos; não são produto de uma sociedade capitalista, comunista ou fascista, fomos vós e eu que as criamos em nossas mútuas relações.

O que sois, interiormente, se projetou exteriormente, no mundo; o que sois, o que pensais e sentis, o que fazeis em vossa existência de cada dia, tudo se projeta exteriormente e constitui o mundo. Se somos infelizes, se temos confusão e caos dentro em nós, isso se torna, por projeção, o mundo, a sociedade, uma vez que as relações entre vós e mim, entre mim e outro indivíduo, constituem a sociedade — a sociedade é o produto de nossas relações — e se nossas relações são confusas, egocêntricas, estreitas, limitadas, nacionais, nós projetamos tudo isso e trazemos o caos ao mundo.

Assim, o que vós sois, o mundo é. Portanto, o vosso problema é o problema do mundo. Isto é,

de certo, um fato simples e fundamental, não achais? Em nossas relações com um ou com muitos parecemos não notar êste fato. Queremos introduzir alterações por meio de um sistema ou por meio de uma revolução nas idéias ou nos valores, revolução baseada num sistema, esquecendo que vós e eu é que criamos a sociedade, estabelecemos a confusão ou a ordem, conforme a maneira como vivemos. Precisamos, pois, começar perto de nós, isto é, precisamos dar atenção à nossa existência cotidiana, aos nossos pensamentos, sentimentos e ações de cada dia, revelados na maneira como ganhamos a nossa subsistência e nas nossas relações com idéias ou crenças. E' essa a nossa existência diária, não é verdade? Estamos interessados em ganhar a vida, a obter empregos, ganhar dinheiro, estamos interessados nas nossas relações com a família e os semelhantes, estamos interessados em idéias e crenças. Ora bem, se examinarmos a nossa ocupação, vemos que, fundamentalmente, ela se baseia na inveja, não sendo exatamente um meio de ganhar a vida. A sociedade está constituída de tal maneira que é um processo de constante conflito, de constante "vir a ser"; ela está baseada na avidez, na inveja, na inveja ao vosso superior; o funcionário quer tornar-se chefe, o que demonstra que não é só o ganhar a vida que lhe interessa, não é só o ter um meio de subsistência, mas sim o galgar posições e alcançar prestígio. Tal atitude cria naturalmente sérias perturbações na sociedade, nas relações, mas se vós e eu nos preocupássemos ùnicamente com o ganhar a vida, encontraríamos os meios adequados de ganhá-la, meios não baseados na inveja. A inveja é um dos fatores mais destrutivos nas relações, uma vez que a inveja indica o desejo de poder, de posição, e conduz, por fim, à política; uma e outra coisa estão intimamente rela-

cionadas; o funcionário, que quer tornar-se chefe, torna-se um dos fatores que concorrem para a criação da política de fôrça, que produz a guerra. Êle é portanto responsável pela guerra.

Em que se baseiam as nossas relações? As relações entre vós e mim, entre vós e os outros — que é a sociedade — em que se baseiam elas? Por certo não é no amor, embora o digamos. Não estão baseados no amor, porque se houvesse amor haveria ordem, haveria paz, haveria felicidade entre nós. Mas, nessas relações entre vós e mim existe uma grande soma de malevolência, que assume a forma de respeito. Se fôssemos iguais no pensar, no sentir, não haveria respeito, não haveria malevolência, porque seríamos dois indivíduos em perfeita correspondência um com o outro, e não discípulo e mestre, não um marido a dominar a espôsa ou uma espôsa a dominar o marido. Quando há malevolência, há o desejo de dominar, que suscita o ciume, a colera, a paixão, coisas, estas, que criam constantemente conflito nas relações, conflito a que procuramos fugir, produzindo maior caos e maiores sofrimentos, ainda.

Agora, com relação às idéias, que representam parte de nossa existência diária, com relação às nossas crenças e formulações, não nos estão elas desfigurando a mente? Que é estupidez? Estupidez é atribuir valores falsos às coisas criadas pela mente ou produzidas pela mão. A maioria dos nossos pensamentos resultam do instinto de auto-proteção, não é verdade? Nossas idéias — oh! tantas delas! — não adquirem um significado errôneo, um significado que não têm, em si mesmas? E, por conseguinte, ao crermos num padrão qualquer, seja religioso, econômico ou social, ao crermos em Deus, em idéias, num sistema social que separa os homens, no nacionalismo etc., estamos,

certamente, dando um falso significado à crença, o que denota estupidez, porquanto a crença divide os homens, não une os homens. Vemos, pois, que conforme a maneira em que vivemos, podemos produzir a ordem ou o caos, a paz ou o conflito, a felicidade ou o sofrimento. Nestas condições, o que temos discutido nestas onze semanas passadas está diretamente relacionado com a nossa vida diária, nossa existência de cada dia, e não é teoria.

Estabelecer a ordem no meio desta confusão, deste caos que projetamos exteriormente, porque somos interiormente caóticos, invejosos e estúpidos, é virtude. Só podeis promover a ordem, a paz e a felicidade por meio do autoconhecimento e não pelo seguir um determinado sistema, econômico ou religioso. Mas o conhecermos a nós mesmos é extremamente difícil. Muito fácil é seguir um sistema, porque não temos de pensar muito: entregamo-nos ao partido, seja da esquerda ou da direita, e com isso encerramos o processo do pensar. O estarmos cônscios das atividades de nossa existência diária requer atividade pensante, inteligência, percebimento, o que mui poucas pessoas estão dispostas a pôr em prática. A maioria das pessoas prefere reformar a sociedade a compreender as próprias atividades, os próprios pensamentos, os próprios sentimentos e, entretanto, são elas mesmas as causadoras de tôda a devastação e sofrimento. O autoconhecimento não implica o conhecimento de um "eu" supremo, compreendido, entretanto, na esfera da mente, mas sim o conhecimento de vós mesmos em vossas ações diárias, naquilo que fazeis todos os dias, naquilo que sentis e pensais a cada momento. Isso requer extraordinária vigilância, não é? E' necessária vigilância constante para se acompanhar cada pensamento, cada sentimento, e conhecer-se todo o seu conteú-

do. Do autoconhecimento provém o pensar correto e, portanto, a ação correta, a qual, com efeito, é extraordinàriamente simples quando estamos vigilantes, mas extremamente difícil quando falamos teòricamente a seu respeito. Os mais de nós estamos de tal maneira embotados a respeito de tudo, a respeito da propria vida, que preferiríamos discutir sôbre o que é o autoconhecimento a ficar vigilantes. Entretanto, é só por meio do autoconhecimento, o conhecimento de tudo quanto fazemos, pensamos e sentimos, que podemos fazer nascer a ordem e a paz, e de nenhuma outra maneira. Nenhum sistema de filosofia, quer da esquerda, quer da direita, pode trazer a ordem, a paz e a felicidade aos homens, porque fostes vós e fui eu que criamos esta angústia, por causa da estupidez, da malevolência e da inveja com que procedemos todos os dias. Essas coisas não podem ser desarraigadas enquanto as não compreendemos. E só podemos compreendê-las observando o seu funcionamento em nós, e não teòricamente, pela leitura de livros a seu respeito; e pela compreensão delas, fazemos nascer a virtude, e a virtude dá a liberdade, e esta liberdade é a Verdade.

Tenho muitas perguntas para responder. Escolhi sete delas, que representam tôdas, e vou tentar responder a estas sete o mais rápida e concisamente possível.

PERGUNTA: *Pode um homem ignorante, com muitas responsabilidades, compreender e viver os vossos ensinamentos, sem recorrer a livros nem a mestres?*

KRISHNAMURTI: Pode a compreensão ser transmitida de um para outro? Podeis ensinar alguém a amar? Se fôrdes a um "gurú", a um instru-

tor, ou se lerdes um livro, podeis aprender a amar, a ser afável, a ser generoso e a compreender? Seguindo a outro, sereis livre? Aceitando a autoridade, podeis ser criador? Positivamente, a potência de criar só nos vem quando há liberdade, liberdade interior, quando não há temor, nem imitação, nem submissão à autoridade, seja a autoridade de um livro sagrado ou a de um instrutor. Ora bem, quem é o homem ignorante? Indubitàvelmente, o homem ignorante é aquêle que não conhece a si mesmo, e não o homem inculto. O homem culto é realmente estúpido, na sua ignorância, uma vez que conta que os livros, a autoridade externa lhe dêem a compreensão, mas a compreensão só vem pelo autoconhecimento, que é o conhecimento do verdadeiro estado de vós mesmos, o estado do vosso processo total, e não de uma parte, sòmente, do vosso ser, da parte material ou psicológica, uma vez que ambas agem e reagem uma sobre a outra. O estudo de vós mesmos, que é o autoconhecimento, é extraordinàriamente difícil, porquanto exige percebimento constante, que não é introspecção, porque introspecção significa, meramente, aperfeiçoamento do "eu", do "eu" que está funcionando todos os dias. Aperfeiçoamento implica condenação e repressão; isso é introspecção, mas o percebimento é coisa totalmente diferente. O percebimento só existe quando não estais condenando, quando estais vigilantemente passivo. Assim, pois, o autoconhecimento é o comêço da sabedoria.

Ora, pergunta-me o interrogante: "Pode um homem ignorante, com muitas responsabilidades, compreender e pôr em prática os vossos ensinamentos, sem auxílio de um instrutor?" E' evidente que quando aceitamos a autoridade não pode haver compreensão, porquanto a autoridade sempre nos priva da visão, seja uma autoridade exterior

ou uma autoridade interior; e ter muitas responsabilidades significa estar em relação, não é verdade? E o estado de relação é um processo de auto-revelação. Só no estado de relação podem-se fazer descobrimentos. Não existe possibilidade de viver no isolamento. Mesmo o homem que procura evitar o mundo, dêle fugindo, está em relação com outros, porquanto existir é estar em relação, e na relação entre vós e mim, entre vós e os outros, são reveladas as atividades do "eu".

Positivamente, para conhecerdes a vós mesmos, para conhecerdes o que pensais e o que sentis, não tendes necessidade de procurar um "guru". E' difícil o autoconhecimento, mas ninguém poderá ajudar-vos a acompanhar cada um dos vossos pensamentos, cada um dos vossos sentimentos, e a compreender todo o seu alcance e significado. Vós e eu podemos discuti-lo, podemos examiná-lo significativamente, com concentração completa, mas, se não estiverdes verdadeiramente interessados, vos dirigireis a outra pessoa a fim de descobrir *como* é que se pensa, *como* é que se descobre, e aí é que está o mal. No momento em que estais interessados, no momento em que reconheceis a vossa responsabilidade na vida de relação, então êste mesmo processo começa a revelar-vos as tendencias de vossos próprios pensamentos e ações. O problema, pois, não é se deveis, ou não, ler livros ou procurar mestres, mas, sim, simplesmente, se estais conscientes do que fazeis e do que pensais, quando pondes os vossos cordões sagrados, os vossos *namams*, quando falais aos vossos servos; se estais conscientes da maneira como tratais vossas esposas, filhos e vizinhos. Estai conscientes a todo momento, e vereis o que acontece. Vereis que, estando conscientes, haverá conflito, conflito maior ainda do que antes; porque começais, en-

tão, a perceber a significação de vossas ações, de vossos pensamentos e sentimentos, e isto vos causará mais sofrimento, e como desejamos evitar o sofrimento, apelamos para os gurus, para os livros, que são meros meios de fuga e que criam, portanto, novos sofrimentos em nós e portanto na sociedade.

O que importa, pois, é que sejamos criadores, mas a potência de criar não nos vem pela imitação, ela só vem à existência quando ha liberdade. Por certo, tendes idéias e sentimentos, em momentos em que não estais imitando, em que estais tranquilos e em silêncio. Só há criação, quando cessa o temor, quando não estais preocupados com vossas próprias atividades, sofrimentos e infortúnios. Sòmente neste estado de libertação de nossa existência diária, nossas diárias preocupações, existe aquela fôrça criadora, mas a fôrça criadora não pode ser aprendida, ela vem à existência ao serem compreendidos os nossos problemas de cada dia, e êsses problemas não podereis compreendê-los por meio de um livro, com o auxilio de um instrutor, mas sòmente entrando em contato direto com êles, estando conscientes dêles em cada minuto do dia. Isto é dificílimo e requer agilidade do pensamento. Mas, como em geral estamos embotados, como em geral estamos meramente a imitar, a copiar a tradição ou a seguir um sistema, a nossa mente é indolente. Para nos livrarmos dessas coisas que nos tornam embotados, requer-se ação direta; mas, como já nos confiámos a outros, isso é dificílimo porque significa apostasia, e como não queremos enfrentar tal situação, voltamo-nos para os livros, para os instrutores, que nos satisfarão, que nos pacificarão em nossa insensibilidade.

Em resumo, só alcançamos a compreensão

pelo autoconhecimento, e nunca através de um livro ou com o auxílio de um mestre.

PERGUNTA: *Que percebimento é êsse de que falais? E' o percebimento de uma consciência suprema, universal?*

KRISHNAMURTI: Ora, senhores, ter percebimento significa, muito simplesmente, ter percebimento de vós mesmos, nas relações com vosso vizinho, com a flôr, o pássaro, a árvore; ter percebimento de vossos próprios pensamentos, sentimentos e ações, uma vez que precisais partir de muito perto para chegardes muito longe. Não podeis ter percebimento de uma coisa que não conheceis. Falais de consciência universal, mas não a conheceis. Se a conheceis, isso certamente não é o Real. E' uma coisa que aprendestes em algum livro ou sôbre a qual vos falaram. Está ainda compreendida na esfera da mente, da memória; quereis começar partindo do mais difícil e mais distanciado, e não do que está perto, porque é muito mais fácil o estar consciente de Deus, o submergir-vos numa idéia, na imaginação. Mas, ter percebimento de vossos próprios atos diários, sentimentos e pensamentos, é muito mais difícil e por isso preferis ficar conscientes de algo bem distante, a estar conscientes das coisas que estão muito perto, como as vossas relações com vossa espôsa ou vizinho. Podeis estar conscientes do amor, ideològicamente, porque é a coisa mais remota e mais difícil. Mas, o percebimento, em nossas relações, de como somos cruéis, irrefletidos, insensíveis, egocêntricos, é muito doloroso, e, conscientes da dor imediata, causada pelo percebimento direto, preferimos pensar na consciência universal, ter o percebimento dessa consciên-

cia, qualquer que seja o seu significado, o que mais uma vez, é uma forma de fuga da realidade, do "que é".

Assim, pois, o percebimento a que me refiro é o percebimento do "que é", do que realmente existe, diretamente à nossa frente, porquanto, com a compreensão do "que é" a coisa que está mais perto de nós, podemos alcançar grandes profundezas e grandes alturas; não há então ilusão, porque na compreensão do "que é" há transformação. Vereis que o percebimento não é condenação nem identificação, mas, sim, um processo de compreensão do "que é". Quando condenais, quando identificais, parais de pensar, não é verdade? Se quereis compreender o vosso filho, mas o condenais, não o compreendereis. Anàlogamente, se tendes um sentimento, que é "o que é", não o condeneis, não o identifiqueis com vós mesmos, não vos apegueis a êle, mas ficai consciente dêle; e, ficando assim consciente dêle, será possível o penetrardes mais e mais, e descobrir, dessa maneira, todo o conteúdo do "que é".

O percebimento do "que é" tem de ser sem escolha, o que também é muito difícil. Percebimento é êsse estado de abstenção de escolha; se desejais compreender uma coisa, não a deveis condenar e identificar; ela vos deve contar a sua história.

Se observardes uma criança, se desejais compreendê-la, se desejais estudar suas tendências, maneiras, idiossincrasias, disposições de ânimo, só o podeis fazer se a não condenais e não vos identificais com ela, dizendo: "é meu filho". A condenação, a justificação, ou a identificação impedem a compreensão, e, para se ter percebimento do processo total do "que é", é necessário que haja observação sem escolha. Fazeis precisamente isso

quando estais interessados nalguma coisa, quando estais vitalmente interessados em compreender uma coisa; não estais criticando, não estais condenando; vós lhe dais a vossa mente e o vosso coração. Mas, infelizmente, somos preparados, educional e religiosamente, para condenar e não para compreender. A condenação é muito fácil, compreender é muito difícil. A compreensão requer inteligência, ao passo que a condenação não exige inteligência alguma: é uma forma de autoproteção, tal como a identificação. Ao condenardes, protegeis a vós mesmos, mas se desejais compreender a vós mesmos, a condenação é uma barreira. Se desejais compreender o estado do mundo, como êle é hoje, a sua aterradora miséria, por certo nada adianta condená-lo; deveis investigá-lo, observá-lo de diferentes pontos de vista, psicológico, econômico, etc. E' um processo total, e para compreender o processo total, não podeis condená-lo em parte. Condenamos porque é muito fácil condenar, enquanto ter percebimento e acompanhar todos os pensamentos requer uma grande soma de paciência, capacidade de penetração, e de quietude.

Só se pode compreender quando há tranquilidade, quando há observação silenciosa, vigilância passiva. Então o problema desvenda o seu significado. Assim, pois, o percebimento a que me refiro é o percebimento do "que é", e não de uma coisa inventada pela mente. Estar vigilante significa ter percebimento das atividades da mente, nas quais se incluem as idéias, as crenças, e também os artifícios que a mente impõe a si mesma. Tende, pois, percebimento do "que é", sem condenação, sem justificação ou identificação, e vereis, então, que existe uma compreensão mais profunda, que resolve os nossos problemas.

PERGUNTA: *Interessam-me muito os vossos ensinamentos. Gostaria de os disseminar. Qual a melhor maneira de fazê-lo?*

KRISHNAMURTI: Há muitas coisas contidas nesta pergunta. Consideremo-las. Propaganda é mentira, porque a mera repetição não é a Verdade. Tudo que se pode repetir é mentira. A Verdade não pode ser repetida, pois a Verdade só pode ser conhecida diretamente; a mera repetição é uma mentira, porque repetição implica imitação. O que repetis pode ser a Verdade para alguém, mas quando vós o repetis, deixa de ser a Verdade. A propaganda é uma das coisas terríveis a que estamos presos. Ou sabeis uma coisa ou não a sabeis. Em geral, leste algo em livros, e ouvistes falar a seu respeito, e desejais disseminar o que lêstes ou ouvistes. Têm as palavras algum sentido, além do seu significado verbal? O que disseminais são, pois, realmente, palavras, e as palavras ou têrmos resolverão os nossos problemas? Por exemplo, acreditamos na reincarnação; vós não sabeis porque o acreditais, mas desejais propagar a vossa crença. Que é que de fato espalhais? A vossa crença, têrmos, palavras, as vossas convicções, que continuam, entretanto, na esfera, na camada da expressão verbal.

Pensamos em palavras, em têrmos, procuramos explicações, que também são apenas palavras, e ficamos colhidos numa monstruosa mentira, acreditamos que a palavra é a coisa. Certamente, a palavra "Deus" não é Deus, mas acreditais que a palavra é Deus, e que por isso a podeis propagar. Procurai compreender isso, por favor. Para vós a palavra se tornou importante, e não a Realidade. Estais, portanto, prêso no nível verbal, e o que desejais propagar é a palavra. Significa isso que apanhareis o que estou dizendo, na rêde das palavras,

e promovereis, assim, uma nova divisão entre os homens. Depois, fundareis um novo sistema, baseado nas palavras de Krishnamurti, sistema que vós, o propagandista, disseminareis no meio de outros propagandistas, os quais estão também presos às palavras, e, com isso, que tereis feito? A quem tereis ajudado? — Não, senhores, não é esta a maneira de semear. Não tenteis, pois o que é estúpido, o que é o cúmulo da insensatez: difundir as "experiências" de outro.

Quando "experimentais" algo diretamente, trata-se de "experiência" não baseada na crença; porque, quando credes e "experimentais" não se trata de experiência real mas, sim, de experiência condicionada; só pode haver "experiência" genuína, quando cessa o pensar, mas tal experiência não pode ser propagada como conhecimento, para dissipar a confusão. Mas se começardes a compreender coisas simples, como o nacionalismo, podeis por certo discuti-lo com outros, para que êle seja conhecido como um veneno que está destruindo o homem. Senhores, não estais conscientes da enorme calamidade que vos aguarda e ao mundo inteiro, resultante dêste veneno que está sendo espalhado. Sois nacionalistas, sois hindús contra o Pakistão, contra a Inglaterra, contra a Alemanha, contra a Rússia, etc., etc. O nacionalismo é, pois, um veneno, não achais? E' muito facil compreendê-lo, visto que êle divide os homens. Não podeis ser nacionalistas e falar de fraternidade; êstes têrmos são contraditórios. Também isso podeis compreender e disso podeis falar. Mas não desejais falar, por que isso significaria modificação de vossas consciências, isto é, terieis de deixar de ser hindu, de rejeitar as vossas crenças, cerimônias e tôdas as inutilidades de que estais cercados. Não falamos sôbre o nacionalismo, porque poderiam perguntar-

nos se estamos livres dêle. Como não estamos livres, evitamos êsse assunto e tratamos de falar sôbre outra coisa. Mas, por certo, podeis falar de algo que "viveis", algo que fazeis em cada dia, e é disso que tenho falado — vossas ações diárias, vossos pensamentos e sentimentos de cada dia.

Não podeis repetir as minhas palavras, uma vez que, se o fizerdes, elas não terão significação; mas podeis falar sôbre a maneira como viveis, como agis, como pensais, e só daí pode resultar compreensão. Sobre tudo isso podeis falar, mas nenhum proveito se pode esperar de grupos, com Presidentes e Secretários, de organizações, coisas terríveis a que tantas vêzes ficais presos. Senhores, embora estejais todos a sorrir, estais, indubitàvelmente, todos presos nestas coisas.

Não creio que percebais o quanto é catastrófica a situação geral do mundo atual. Não preciso assustar-vos. Basta pegar de um jornal e ler o que se passa. Estais à beira de um abismo, e entretanto continuais a celebrar cerimônias, a proceder da mesma maneira estúpida, cegos para o que se está passando. Só podeis alterar a situação mediante a transformação de vós mesmos e não pela introdução de um novo sistema, quer da esquerda, quer da direita. Na transformação de vós mesmos está a única esperança, mas não podeis transformar-vos, radicalmente, profundamente, se, acima de tudo, sois hindu, se celebrais cerimônias e estais colhidos na rêde das organizações.

Como sempre aconteceu no passado, assim também na época atual a salvação do homem depende de que êle seja criador. Estais presos, interiormente, na crença, no temor e naqueles obstáculos que impedem a união dos homens. Isto é, se eu não sei amar-vos, se não sei amar o meu próximo, a minha espôsa, como pode haver comunhão entre

nós? Precisamos de comunhão, não de comunhão entre sistemas, mas de comunhão entre vós e mim, sem sistemas, sem organizações, e significa isso que devemos realmente saber amar uns aos outros, mas não podem estar abertos os vossos corações, se pertenceis a uma organização, se estais atados por crenças, se sois nacionalistas, se sois *brahmanes* ou *sudras*.

Assim, pois, mesmo uma parte diminuta do que tenho falado, só podeis propagar se a viverdes. E' pela vossa vida que vos podeis fazer compreender profundamente, e não por meio de palavras. Senhores, para um homem judicioso e sincero, as palavras têm mui pouca significação. Os têrmos têm mui pouca importância quando estamos realmente à procura da Verdade — a Verdade nas relações, e não uma verdade abstrata, de avaliações, de coisas, ou de idéias. Se quereis encontrar, verbalmente, a verdade nestas coisas, isso é de pouca importância; mas as palavras se tornam muito importantes quando não estamos à procura da Verdade. Então a palavra é a coisa, e a coisa vos prende. Se quereis, pois, propagar estes ensinamentos, vivei-os, e pela vossa vida os estareis disseminando, comunicando, o que é muito mais verdadeiro e significativo do que a repetição verbal, porquanto repetição é imitação, e imitação não é criação, e vós como indivíduos deveis despertar para o vosso próprio condicionamento, e assim libertar-vos e dar a outros do vosso amor.

PERGUNTA: *O casamento é necessário para as mulheres?*

KRISHNAMURTI: Não sei porque será mais necessario para as mulheres do que o é para os homens. Êste problema é realmente enorme. Ten-

temos examiná-lo. Em primeiro lugar, vamos procurar compreender o problema, e não condená-lo ou identificar-nos com ele, ou justificá-lo. Vamos tentar compreender o problema do matrimônio, o qual implica relações de sexo, amor, camaradagem, e comunhão. Evidentemente, não havendo amor, torna-se o matrimônio uma ignomínia. Torna-se, puramente, um meio de satisfação. Amar é uma das coisas mais difíceis, não achais? E só existe amor quando o ego está ausente. Sem amor as relações são sempre dolorosas; por mais superficial que seja, o resultado final é o tédio, a rotina, o hábito, com tudo o que êle implica. Aí, então, os problemas do sexo se tornam de suma importância. Ao considerar o matrimônio, ao considerar se êle é necessário ou não, é preciso primeiro compreender o amor. O amor é casto, e sem amor não podeis ser casto; pode um indivíduo, homem ou mulher, ser celibatário, mas isso não significa que seja casto, puro, se não houver amor. Se tendes um ideal de castidade, isto é, se desejais tornar-vos casto, não há nisso amor algum, porque é sòmente o desejo de "vir a ser" algo que julgais nobre, que julgais vos ajudará a encontrar a Realidade; nisso não há amor. A licensiosidade não é casta, ela conduz sòmente à degradação, ao sofrimento. A mesma coisa acontece quando perseguimos um ideal. Ambas estas coisas excluem o amor, porque implicam "vir a ser" alguma coisa, implicam a busca de satisfação numa coisa, e com isso vos tornais importantes, e, quando sois importantes, não existe o amor.

Êste é, pois, um dos problemas. A seguir, se não sois casados, considerai as dificuldades, tanto para o homem como para a mulher. Biològicamente, a mulher *necessita* de preencher-se num filho; se lh'o é negado, ela definha, como definha se lhe

é negado o amor. E, visto como à maioria das mulheres é negado o amor, buscam elas o preenchimento nas coisas ou nos filhos. Destarte, as coisas e os filhos assumem tôda a importância para as mulheres, enquanto o homem busca o preenchimento no trabalho e nas atividades. Mas há preenchimento? Espero que estejais acompanhando atentamente esta exposição. Se procuro preencher-me nas coisas, na família, nas idéias, então a família, os nomes, as coisas e as idéias se tornam importantíssimas. E por esta razão dou valor às coisas, às relações, às idéias. Atribuo-lhes um valor superior ao que têm, porque elas são importantes para mim. Introduzo leis injustas, métodos injustos, valores falsos, em vez de averiguar se existe o preenchimento.

Que entendeis por preenchimento? Enquanto estamos à procura de preenchimento, há temor, não é verdade? Desejo preencher-me na família, no nome, na continuidade, ou em coisas, ou em idéias. Existe, assim, sempre um desejo de preenchimento onde há frustração. Desejo preencher-me, porque percebo que não me estou preenchendo. O fato que se me apresenta é que não me estou preenchendo. Estou vazio, e desejo preencher êsse vazio. Que acontece, então? Ponho-me a procurar o preenchimento, sem compreender "o que é". Se eu compreendesse "o que é", ou seja, o meu vazio, minha vacuidade, minha superficialidade, minha mesquinhez, ser-me-ia então possível transformá-lo. Dar-se-ia, então, uma extraordinária revolução. Mas se me ponho meramente a procurar o preenchimento, o que então vem é o sofrimento, uma vez que procuro o preenchimento por muitas maneiras, que representam, meramente, uma continuação de minha vacuidade. Êste, é, pois, um dos problemas.

Vem, a seguir, o problema concernente à criação, que não significa simplesmente a criação dos filhos. Senhores, o homem que é feliz interiormente, que é criador, não se preocupa se é casado ou solteiro, êle não busca o preenchimento, não está fugindo através da paixão, através da concupiscência. Deixamos de ser criadores quando somos imitadores, quando funcionamos meramente em conformidade com a reação da memória. A reação da memória é geralmente chamada pensar, mas tal maneira de pensar é mera reação do vosso conjunto de referências, que é memória, e isso não é o pensar verdadeiro. Só ha pensar verdadeiro, quando não há reação à memória. Nessa vigilância passiva e atenta há criação. Quando estais nesse estado, então a vida, com tôdas as suas paixões e seus desejos, empalidece, o que não significa que cessais de amar, mas o contrário disso.

Senhores, para que haja comunhão é preciso haver amor. E' porque não temos amor que surgem todos êstes problemas: se devemos ou não casar, quem devemos desposar, o problema sexual, a capacidade de criar, etc. Mas, infelizmente, o amor é coisa que não se pode aprender, que não se pode traduzir. Êle vem à existencia quando não temos problema algum. Já não vos aconteceu, ao caminhar pelas ruas, às vezes, contemplando as estrelas, contemplando o ceu ou o por do sol, vos sentirdes felizes, sem saber porque? Em tais ocasiões, desejarieis passar o braço em tôrno de alguém, em tais ocasiões estais verdadeiramente em comunhão com a humanidade. Entretanto, infelizmente, estamos de tal maneira ocupados com nossos próprios pensamentos, problemas, temores, nossa inveja, que não nos sobra tempo para a comunhão. Não conheceis a vossa espôsa, não conheceis o vosso marido ou os vossos filhos. Podeis ter fi-

lhos, mas não existe amor, porque vós e vossa espôsa estais isolados. Estais escondidos atrás de uma parede por vós mesmos edificada, e se não deitardes abaixo essa parede não pode haver comunhão, e para haver essa comunhão, é necessário que haja o amor. Sem o amor, a mera busca da castidade, do celibato, é impura. Quando há amor, há castidade, pureza, incorruptibilidade.

PERGUNTA: *Tenho ouvido o que dizeis, e estou convencido de que, para pôr em pratica os vossos ensinamentos, terei necessidade de renunciar ao mundo em que vivo.*

KRISHNAMURTI: Senhor, não podeis renunciar ao mundo, podeis? Que é o mundo? O mundo é constituído de coisas, de relações e idéias. Como renunciar às coisas? Ainda que renuncieis à vossa casa, tereis ainda uma *kurtha*. Podeis renunciar à vossa espôsa, mas continuareis em relação com alguém, com o leiteiro, por exemplo, ou com vosso empregador. E não podeis renunciar à crença, podeis? Que bom seria, se o pudesseis! Começai aí; se quereis renunciar a alguma coisa, renunciai aos valores falsos que atribuistes a tôdas as coisas. Os valores falsos engendram devastações e é dêsses valores falsos, causadores de sofrimentos, que precisais livrar-vos. Não quereis compreender que estais a atribuir valores falsos. Quereis fugir dos resultados dos falsos valores, mas se compreendesseis o mundo — que é: idéias, relações, coisas — e compreendesseis o seu verdadeiro significado, não estarieis em conflito com o mundo. Não podeis retirar-vos do mundo; retirada significa isolamento, mas não é possível viver-se no isolamento. Só podeis viver em isolamento num hospício, mas não com renunciardes ao mundo. Só podeis

viver felizes com o mundo quando não sois mundano, o que significa não atribuir valores falsos às coisas do mundo. Isso só pode acontecer quando compreendeis a vós mesmos, que dais êsses valores falsos. Senhores, é como um homem estúpido que quisesse renunciar à estupidez. Êle continuará estúpido; pode esforçar-se por tornar-se inteligente, mas continua estúpido. Mas, se compreendesse êle o que é a estupidez, isto é, se compreendesse a si próprio, então, por certo, subiria a grandes alturas. Possuiria então a sabedoria. Não é com o renunciar que podeis encontrar a Realidade. Com o renunciar fugimos para a ilusão; não descobrimos o que é verdadeiro. Assim, pois, o que tenho estado a dizer é que devemos dar às coisas, às relações, às idéias, os seus valores próprios, e não tentar fugir do mundo. E' relativamente fácil retirar-nos para o isolamento, porém extremamente difícil estarmos vigilantes e dando às coisas os seus justos valores. Senhores, as coisas, em si mesmas, não têm valor algum. Uma casa, em si, nenhum valor tem, só tem o valor que lhe atribuís. Se, psicològicamente, estais vazios, insuficientes em vós mesmo, torna-se a casa muito importante, porque vos identificais com ela, e por isso surge o problema do apêgo e da renúncia. E' realmente estúpido, isso, e se compreendesseis a vossa natureza interior, vosso vazio interior, teria então o problema mui pouca importância. Tudo se torna extraordinàriamente importante, quando procuramos utilizá-lo para encobrir nossa própria solidão. Coisa igual acontece com respeito à vida de relação, às idéias, à crença. Só há riqueza, portanto, na compreensão do significado do "que é", e não no fugirmos para o isolamento.

PERGUNTA: — a) *A vida atira-nos um problema depois do outro. Êsse estado de percebimento, de que falais, nos capacitará para compreender e resolver, de uma vez por tôdas, tudo quanto é problema, ou têm êles de ser resolvidos um a um?*

PERGUNTA: — b) *Sinto certos impulsos profundos, que têm de ser disciplinados. Qual a melhor maneira de discipliná-los?*

KRISHNAMURTI: Senhores, êste é um problema muito difícil. Aquêles de vós que sois verdadeiramente sinceros, precisais aplicar-lhe, por inteiro, a vossa mente e vosso coração. Em primeiro lugar, há problemas que surgem um depois do outro. A vida é uma constante batalha de problemas e desejamos saber a maneira de resolvê-los, de enfrentá-los ou de disciplinar-nos a fim de podermos resistir-lhes. No seu conjunto, o problema é o seguinte: Como podemos disciplinar a nós mesmos, para que os problemas não nos molestem, como podemos evitar êsse constante surgir de problemas? Podemos cortá-los, pela raiz, de uma vez por tôdas?

Esta pergunta envolve, pois muitas coisas. Sereis perseguidos pelos problemas, um após outro, com sua constante apoquentação e tortura, suas constantes apreensões, se não compreenderdes o criador dos problemas. Se compreenderdes o criador dos problemas, então, naturalmente, não dareis atenção aos problemas um a um; isso seria o cúmulo da estupidez. Quando compreendo a causa e não sòmente os sintomas, desaparecem os sintomas. Anàlogamente, se compreendo o criador dos problemas, deixam então os problemas de existir, e não é mais questão de se atacar primeiro um problema e em seguida outro.

Temos, também, implicado nesta pergunta o problema do pensante e do pensamento, do disciplinador e do disciplinado. O pensante, o imitador, o disciplinador, quer disciplinar o seu pensamento. Êste é um dos problemas, e o outro é como resistir aos ataques do exterior. Comecemos por apreciar a resistência.

Resistis, quando compreendeis uma coisa? De certo que não. A disciplina só existe como um meio de resistência; do contrário, não necessitais absolutamente de disciplina. Se, por meio da disciplina, podeis criar um determinado hábito, um certo isolamento, um certo enclausuramento, pensais então que não mais sentireis temor. Assim, pois, a disciplina, que é uma resistência ou um meio de autoproteção, só existe quando não há compreensão. Se compreendeis um problema, êle desaparece. Não tendes necessidade de resistir. Se, por exemplo, compreendeis por que sois arrogante, não tendes então de resistir à arrogância. O vosso autodisciplinamento é também arrogância, orgulho, o orgulho de conseguir uma coisa, de tornar-vos alguma coisa, o orgulho de ser alguém; é a busca de poder, de posição. Se compreendeis tudo isso, não resistireis nunca e nunca disciplinareis a vossa mente para não ser arrogante. Assim, pois, compreender "o que é" é extremamente difícil, porquanto para se compreender o "que é" não deve haver distração alguma decorrente da idéia do oposto; por exemplo, da humildade, que é oposto da arrogância. E' preciso que haja completa concentração no "que é".

Nestas condições, a disciplina só existe como uma forma de resistência. Vós vos disciplinais para não serdes tentados, vós vos disciplinais contra alguma coisa. Mas, a disciplina como forma de resistência, que significa violência, só cessa quando

a compreendemos, quando a não rejeitamos, quando a não condenamos. Vereis que por meio do percebimento, apresenta-se uma disciplina que não é imposta, uma disciplina de inteligência e flexibilidade extraordinárias. O homem que resiste está realmente "morto", está "fechado", para aquêle que é independente e livre. Vemos, pois, que disciplina é resistência; estou-me servindo do têrmo para designar todos os meios e métodos empregados para a autoproteção. A disciplina é uma forma de resistência, e onde há resistência há enclausuramento, e onde há enclausuramento não existe compreensão, não existe comunhão. O homem disciplinado é meramente um homem correto, e o homem correto não tem amor no seu coração, porque vive encerrado nas muralhas do "vir a ser".

O outro ponto compreendido nesta pergunta é se os problemas podem ser resolvidos todos de uma vez, cortados, de um só golpe, pela raiz. Mas, primeiramente é necessário descobrir-se o criador dos problemas. Se se compreender o criador, desaparecerão os problemas. O criador do problema é o pensante, não é? Não há problemas independentes do pensante, é óbvio. E' o pensante o criador de problemas, seja um só ou sejam muitos. Mas, está o pensante separado dos seus pensamentos? Se está separado, então o problema persiste, porquanto êle cria o problema, depois separa-se dêle e começa então a ocupar-se com êle.

Mas se o pensante é o pensamento, inseparàvelmente, então, sendo êle o criador, pode começar por resolver a si próprio, sem se preocupar com o problema, ou com o pensamento. Mas vós pensais que o pensante está separado do pensamento, e é justamente nisso que estão baseados todos os livros religiosos e tôdas as filosofias. Não é assim? Não importa o que diz o Bhavagad Gita, ou outro

livro qualquer. O pensante está separado do pensamento? Se está, então os problemas continuarão; se não está, então pode êle libertar-se da fonte de todos os problemas.

Se o pensante está separado dos seus pensamentos, de que maneira se separa êle? Se retiramos as qualidades do pensante, se lhe retiramos os pensamentos, que fica do pensante? O pensante não mais existe. Se retiramos as qualidades do "eu", que é memória, ambição, etc., que fica do "eu"? Mas, se dizeis que o "eu" não é o pensante, mas uma entidade diferente, à retaguarda do pensante, continua êle a ser o pensante, porquanto apenas empurrastes o pensante mais para trás. Ora, por que se separou o pensante dos seus pensamentos? Não pode existir pensante sem pensamentos, porque, se não há pensamento, não há pensante. Mas o pensante se separou do pensamento pela razão muito simples de que o pensamento pode ser transformado, pode ser modificado, e, assim, com o intuito de dar permanência a si próprio, o pensante se separa do pensamento e atribui, por essa maneira, permanência a si próprio. Como o pensamento é transitório e instável, êle pode ser modificado, mas o pensante, que cria o pensamento, pode ser permanente. Êle é a entidade permanente, enquanto o pensamento é alterável, podendo ser modificado de acôrdo com as circunstâncias, de acôrdo com as influências ambientes, mas êle, o pensante, permanece. Mas o pensante é o pensamento, e se o pensamento desaparece, êle tambem desaparece, por certo, ainda que todos os nossos livros digam o contrário. Pensai nisso profundamente, por vós mesmos, desta vez. Ponde de parte os vossos livros, esquecei as vossas autoridades, e olhai o problema diretamente. Sem o pensamento, o pensante não existe, e o pensante cria

o pensamento e se separa dêle com o fim de proteger a si próprio; com isso êle dá estabilidade e certeza a si próprio e à sua continuidade.

Mas, como vem à existência o pensante? Evidentemente, sob o impulso do desejo. O desejo é resultado da percepção, do contato, da sensação, da identificação, e do "eu". Percepção de um automóvel, contato; sensação, desejo, identificação e, por fim "*eu* gosto dêle", "*eu* o quero". Portanto, eu sou o produto, o pensante é o produto do desejo, e depois de produzir o "eu", o "eu" se separa do pensamento, porque então pode transformar o pensamento e, contudo, continuar permanente.

Nestas condições, enquanto o pensante estiver separado do pensamento, haverá problemas, um após outro, problemas inumeráveis; mas, se não há separação, se o pensante é o pensamento, que acontece? Então, o próprio pensante passa por uma transformação, uma transformação radical e fundamental, e isso, como já disse, é meditação. E' autoconhecimento, é tudo o que eu já disse a respeito do pensante; como êle se separa do pensamento e como o pensante veio à existência. Podeis experimentá-lo por vós mesmos. Não necessitais de ler um livro sagrado para o averiguardes. Tal é o comêço do autoconhecimento, e dêle procede a meditação. A meditação significa o fim do pensamento do pensante, visto que não dá importância ao pensante, que não dá continuidade ao pensante. O pensante está disciplinando o seu pensamento, separando-se dêle para dar a si próprio continuidade, através da propriedade, da família, das idéias, e enquanto existir o pensante haverá problemas e é quando o pensante cessa de pensar que começa a meditação. Meditação é autoconhecimento, e sem o autoconhecimento não há meditação.

Se examinardes profundamente a questão do autoconhecimento, que é o começo da sabedoria — não por meio de disciplina, uma vez que disciplina é meramente resistência — verificareis que podeis descer cada vez mais fundo, partindo do centro, que é o desejo a criar o "eu"; e quando êsse "eu" continua no *Atman*, ou "eu" superior, êle é ainda o pensante que apenas empurra mais para trás a sua permanência. Enquanto não tiverdes percebimento dêsse processo, em tôda a sua extensão, não terá fim o problema. Mas, ao ficardes consciêntes, vereis que o tempo cessou — o tempo como memória do passado e do futuro — e que há o presente imediato, o eterno, e só nêste existe a Realidade.

28 de dezembro de 1947.

— FIM. —

ALGUMAS DAS PERGUNTAS A QUE O AUTOR RESPONDE NESTA OBRA:

Que espécie de pensar é necessária para vivermos em paz?

*

Credes na imortalidade humana?

*

Que percebimento é êsse de que falais? E' o percebimento de uma consciência suprema, universal?

*

Sonho muito. Têm os sonhos alguma significação?

*

Pode o homem ignorante compreender e viver os vossos ensinamentos?

*

Não somos moldados pelas circunstâncias? Não somos, realmente, criaturas dos nossos sentidos?

*

A crença na reincarnação não explica a desigualdade social?

*

Perturba-me sèriamente o impulso sexual. Como poderei dominá-lo?